



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL – PROFSOCIO

CLECIA MARIA LOPES DO NASCIMENTO

PELOS CORTES UMA EXPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE
AUTOLESÃO ENTRE JOVENS ESTUDANTES

SOBRAL

2020

CLECIA MARIA LOPES DO NASCIMENTO

PELOS CORTES UMA EXPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE
AUTOLESÃO ENTRE JOVENS ESTUDANTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Sobral, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia em rede Nacional (PROFSOCIO).

Área de concentração: Mestrado Profissional de Sociologia em rede Nacional (PROFSOCIO)

Linha de Pesquisa: juventude e questões contemporâneas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina Leitão Mesquita

SOBRAL

2020

CLECIA MARIA LOPES DO NASCIMENTO

PELOS CORTES UMA EXPRESSÃO: UM ESTUDO SOBRE
AUTOLESÃO ENTRE JOVENS ESTUDANTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA Sobral, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia em rede Nacional (PROFSOCIO).

Área de concentração: Mestrado Profissional de Sociologia em rede Nacional (PROFSOCIO)

Linha de Pesquisa: juventude e questões contemporâneas.

Orientadora: Prof^a. Dra. Marina Leitão Mesquita

APROVADO EM: 23/06/ 2020

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Marina Leitão Mesquita (Orientadora)
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA



Prof^a. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas (Examinadora interna)
Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA



Prof^a. Dra. Francisca Denise Silva Vasconcelos (Examinadora externa)
Universidade Federal do Ceará-UFC

SOBRAL - 2020

Aos meus amados filhos Nicolas Dayrell e
Christian Pierre, a vocês todo meu amor e
devoção.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos de todo e qualquer trabalho de conclusão de curso, creio eu, talvez sejam a parte mais simples de fazer, porém a mais emocionante, pois depois da trajetória percorrida passa um filme na nossa cabeça de tudo que passamos para concretizar esse sonho. Nos bastidores de uma pesquisa de campo sociológica acontecem muitos fatos marcantes, por isso a importância do diário de campo para registrar as memórias vivenciadas, as falas dos interlocutores de pesquisas, as observações e reflexões cotidianas, os desafios e dificuldades e também para registrar as pessoas importantes que estiveram conosco na caminhada para ajudar esse sonho a se tornar realidade. Enfim, toda caminhada é sacrificante, mas a chegada é gratificante. Por isso, quero dedicar aqui meus singelos agradecimentos aos protagonistas e colaboradores que, direta ou indiretamente, contribuíram na edificação desse sonho. Não será possível citar todos, mas, desde já, sintam-se agraciados.

Esta dissertação foi escrita com muita lágrima, sangue e leite de duas gestações, dois puerpérios de dois pequeninos que fizeram do meu ventre sua morada e do meu colo seu abrigo, mamando constantemente. Eles estiveram presentes desde o processo seletivo do mestrado até a defesa desta dissertação, ouvindo sua mãe produzir cada página, ler vários livros e também se ausentar muitas noites por conta da produção acadêmica.

Por isso, quero agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida e da sabedoria para viver e interpretar este mundo conflituoso. Agradeço imensamente aos meus queridos pais, meu pai Benedito e minha mãe Janete, pela criação, educação, suporte e incentivo aos meus estudos desde a creche até o ensino superior. Assim como meus irmãos Glerdo, Glayson e Ketsia e meus queridos sobrinhos Bernardo e Adilah.

Ao João, meu amado marido, obrigada pelo grande carinho, amor, apoio e incentivo que sempre dedicou a mim desde o meu ensino médio. Saiba que boa parte do que sou e tenho devo a você por sempre estar ao meu lado nos melhores e piores momentos, com palavras de ternura, compreensão e carisma. Sem seu afeto e companheirismo eu não teria conseguido. Obrigada pela paciência nos meus dias de estresse pré-produção, obrigada por ser essa brisa quando eu era ventania e desculpe pelos momentos tensos na produção da dissertação. Se um dia dediquei a minha monografia da graduação a você, esta dissertação eu dedico aos nossos filhos, pois eles são o reflexo do que temos de melhor, pois são frutos do nosso amor! Que esse sentimento seja

sempre a bússola que orienta a felicidade e união da nossa família. Obrigada, meu digníssimo esposo, amo-te intensamente.

Também quero registrar meu profundo agradecimento a essas duas pessoas tão importantes na minha vida e nessa trajetória, que quando falo delas as lágrimas são inevitáveis, estou me referindo a minha mãe e meu marido que foram minha âncora, meu refúgio e meu abrigo, que seguraram as pontas quando eu precisei me ausentar do meu lar pra viajar para as aulas do mestrado, longe dos meus filhos e do aconchego da minha casa. Sem o amparo e suporte de vocês dois eu não teria conseguido conciliar mestrado, trabalho, segunda graduação, casa, filhos e outras atribuições nesse período. Obrigada por terem sido minha base.

Durante esses anos de preparação e ingresso no mestrado foram muitas experiências e aprendizagens pessoais e profissionais, mas também foram muitos momentos difíceis para mim. Como dizia Leandro Karnal, para cada escolha há uma perda e, parafraseando Le Breton, a dor mais leve de se sentir é a dor do outro, pois não é você que a carrega. É assim que descrevo minha vida nesse período, escolhas, perdas, prorrogação de sonhos que, infelizmente, não consegui conciliar com tantas atribuições momentâneas. Mas aprendi que nem tudo sai como planejamos, que na vida nada é perfeito e que cada coisa tem seu devido tempo e naquele momento eu só precisava ser e estar onde necessitava me fazer presente, ou seja, ser esposa, filha, mestrande e mãe.

Por isso, dedico esse trabalho aos meus pequeninos, Nicolas Dayrell e Christian Pierre, meus amados filhos! Nicolas Dayrell, meu primogênito, nasceu no início das aulas desse mestrado e talvez tenha sido o que mais sofreu com minha ausência quando tivemos que nos separar por longos períodos logo após os seus quarenta dias de vida. Tanto leite jorrava dos meus seios como lágrimas dos olhos em ter que deixá-lo longe de mim, por isso agradeço do fundo do meu coração à minha querida mãe por tê-lo amamentado com meu leite nas noites em que estava longe. Christian Pierre, meu segundo filho, chegou de surpresa no auge das aulas e, devagarzinho, foi sendo gerado e nasceu em plena produção acadêmica desse trabalho. A amamentação exclusiva e de livre demanda fez com que eu entendesse que eu deveria estar presente com vocês, estando longe ou perto, e talvez tenha sido a parte mais dolorosa para mim, mas o que uma mãe não faz pelos filhos, não é? Como sempre falo, quando nasce uma mãe nasce uma culpa e espero que me perdoem pelos dias e horas em que estive ausente, as noites que tive que deixá-los com a minha mãe para escrever este trabalho, sei que perdi muitos momentos importantes do crescimento de vocês que não voltarão jamais, mas tudo o que fiz e faço é pelo bem-estar da nossa família. Vocês são a razão da mamãe e do papai viverem tão intensamente, amamos vocês.

Aos meus queridos amigos, companheiros e parceiros de caminhada: Leidiana Ximenes, minha amiga especial, que agradeço ter na minha vida, obrigada pelo apoio e carinho incondicional, por estar sempre disponível para ouvir minhas lamentações e anseios e por estar comigo nos melhores e piores momentos da minha vida, essa dissertação também dedico a você; Vanderlene Farias, amiga e companheira de graduação, trabalho, mestrado, de vida, obrigada por tantos momentos compartilhados nessa vida acadêmica e pessoal; Tamires, obrigada pelo belo exemplo de mãe, professora e acadêmica que és para mim, sempre bem atenta e dedicada à Sofia, aprendi muito com você, é uma das mulheres inspiradoras nessas múltiplas jornadas que temos. Aos amigos irmãos Márcio, Aline, Rafael, Carla, Francisco Almeida, João Paulo, Mateus Mousinho, Felipe Mousinho e Felipe Veras, obrigada pelo apoio e encorajamento.

Aos colegas de trabalho da Escola Maria Marina Soares, em especial, Fabiano Martins, Meirivane Matos, Magna, Assis Nascimento, Ancelmo, Willian e todos os demais. Assim como os colegas de mestrado que ingressaram comigo em 2018 nesse percurso e pelos quais tenho muita admiração e respeito, especialmente, Lucas Eduardo, Kariny, Cydnara, Socorro, Inês, Rosângela, Dante, Naira, Aline, Thays e os demais.

Aos meus jovens estudantes da E.E.M Maria Marina Soares, que participaram desse trabalho e concordaram em dividir comigo suas dores, segredos, tristezas e traumas. Tenham certeza que também ficaram em mim cicatrizes de cada relato doloroso e gritos de angústia, de cada silêncio e pausas nas entrevistas sobre marcas e dores tão difíceis de descrever. Obrigada por me concederem espontaneamente cada entrevista e contribuição para compreensão dos sentidos da autolesão no meio juvenil. Vou levá-los sempre em meu coração.

Aos professores desta Universidade pela competência e acolhimento que sempre tiveram comigo desde a graduação, em especial, Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes, Dra. Rosângela Pimenta, Dra. Diocleide Lima Ferreira, Dr. Vinicius Limaverde Forte e Dr. Alencar Mota levo comigo uma parte de cada um de vocês em minha prática docente e em meu coração.

À Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares pela acolhida e oportunidade de trabalho e por ser meu campo de pesquisa, assim como aos meus queridos alunos e núcleo gestor pelo apoio. Ao cursinho Insight pela primeira oportunidade de experiência docente como professora de Sociologia.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Marina por quem tenho profunda admiração, respeito e gratidão pelo incentivo, pelos ensinamentos, pelas inúmeras orientações que tivemos até a conclusão deste trabalho. Obrigada pela paciência e por acreditar em mim.

Aos membros da banca de qualificação e de defesa, Prof^a. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas, Dra. Daniele Costa Silva e Francisca Denise Silva Vasconcelos, pelas sugestões, orientações, críticas e contribuições para o enriquecimento e construção desse trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) pela aprovação e oportunidade de fazer parte da primeira turma do PROFSOCIO da UVA e concretizar esse sonho de pós-graduação na minha área de formação. Tenho orgulho de ter cursado um Mestrado Profissional em nível de pós-graduação *stricto sensu* gratuito e de qualidade, oferecido por instituições públicas renomadas.

A todas as mulheres, filhas, esposas, mães e professoras que seguem carreira acadêmica e conseguem conciliar todas essas instâncias, apesar das dificuldades, dedico a vocês também esse trabalho.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

“Além do aluno quase silenciado, há um jovem querendo se expressar.”
(PAULO CARRANO)

RESUMO

Esta dissertação visa desenvolver uma análise sociológica sobre a autolesão entre jovens estudantes do ensino médio da EEM Maria Marina Soares no município de Guaraciaba do Norte-CE. O público-alvo são jovens estudantes, na faixa etária entre 14 e 18 anos, com comportamentos autolesivos. A pesquisa tem como objetivo analisar e compreender, à luz da perspectiva socioantropológica, a conduta autolesiva, buscando os sentidos e significados atribuídos a essa prática pelos jovens. A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia qualitativa, contando com as seguintes técnicas: observação participante, entrevistas semiestruturadas com roteiro de entrevistas e análise de documentos digitais, como fotografias e vídeos, fornecidos pelos interlocutores. Após a análise das respostas dos interlocutores, tivemos como resultado a percepção de que, para eles, o corpo funciona como uma espécie de diário de bordo, um mensageiro que pode servir para registrar, verbalizar e transcrever as emoções, dores e experiências do cotidiano na pele. Para efetuar os cortes, geralmente utilizam objetos pontiagudos e afiados como lâminas, vidros, agulhas, estilete e tudo que possa furar e cortar a pele para provocar dor. A parte do corpo mais alvejada são os pulsos, seguida de braços, coxas, barriga e virilha. No entanto, essa prática não tem como finalidade o suicídio, e sim sentir dor temporariamente. Percebemos que esse comportamento autodestrutivo pode estar relacionado a conflitos pessoais e familiares e a abusos sexuais sofridos por esses jovens. Dessa forma, concluímos que o fenômeno é um ato sem a intenção de suicídio, realizado para aliviar tensões, amenizar dores internas e psicológicas, suavizar o estresse, a solidão e a frustração e ainda sentir prazer.

Palavras-chave: Autolesão. Jovens. Escola. Corpo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 01: JUVENTUDES MARCADAS: A AUTOLESÃO NO ÂMBITO ESCOLAR.....	24
1.1. A relação dos jovens com a escola.....	26
1.2. O perfil dos jovens que se cortam.....	34
1.3 Impressões e posicionamentos da gestão sobre os jovens que se cortam	40
CAPÍTULO 02: CORPOS MARCADOS: RELATOS DA VIVÊNCIA DO CORPO PARA OS JOVENS	47
2.1: Um corpo para marcar: estudos sobre as modificações corporais na juventude	48
2.2 Técnicas corporais: trocando uma dor emocional por uma dor física	54
2.3 Autolesão nas redes sociais	62
CAPÍTULO 03: JUVENTUDE (S), ESCOLA E FAMÍLIA: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA	76
3.1 Conflitos familiares: a autolesão como válvula de escape	79
3.2 Na pele uma marca, na alma um silêncio: relatos de abuso sexual no âmbito familiar	88
3.3 Pensamentos suicidas na juventude: uma análise sociológica.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS.....	102
APÊNDICES	111

INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe-se a compreender o fenômeno da autolesão entre jovens estudantes de uma escola de ensino médio na modalidade regular de educação pública de Guaraciaba do Norte-CE que é uma cidade do interior do Estado do Ceará, localizada na Serra da Ibiapaba, a 320 km de Fortaleza. A instituição em questão é a Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares. Os jovens estão na faixa etária de 13 a 18 anos e apresentam comportamentos tidos como desviantes pela sociedade e pela instituição escolar. São praticantes de autolesão corporal, que pode ser compreendida como um ato de se machucar com objetos cortantes, pontiagudos ou perfurantes de uma forma superficial sem a intenção de cometer suicídio, apenas com o intuito de sentir dor temporariamente.

O fio condutor que promoveu minha integração e proximidade aos interlocutores foi a oportunidade de ser professora de Sociologia desses jovens estudantes e de manter certa convivência com eles diariamente. Leciono a disciplina de Sociologia desde 2017 nessa instituição e, por meio dessa experiência docente, tive a possibilidade de estranhar, desnaturalizar, investigar e compreender fatos sociais corriqueiros e complexos do cotidiano escolar, através de um célebre exercício familiar nas Ciências Sociais, “a imaginação sociológica” de Wright Mills, que consiste no indivíduo transformar “suas preocupações pessoais em questões e problemas sociais, abertos à razão” (MILLS, 1965, p. 201).

A sensibilização em relação a esse objeto de pesquisa surgiu através de uma experiência docente em um projeto estadual chamado “Projeto Professor Diretor de Turma (PPDT)”¹, desenvolvido pela Secretaria da Educação Básica do Estado Ceará (SEDUC) e implantado nas escolas públicas estaduais do Estado em 2008. O PPDT funciona majoritariamente em turmas de 1º ano do ensino médio nas quais os professores, independentemente da sua área de formação, ficam responsáveis por uma ou mais turmas para conhecer individualmente os estudantes, acompanhando e monitorando o desempenho e rendimento escolar desses alunos, de modo a serem capazes de auxiliar e atender às suas necessidades escolares quando preciso. Esse projeto tem como objetivo atuar como mediador entre gestão escolar, alunos, professores, família e comunidade no processo educativo visando o desempenho escolar, assiduidade, rendimento quantitativo e qualitativo e diminuição da evasão e reprovação.

O Professor Diretor de Turma – PDT é lotado em uma disciplina chamada “Formação cidadã” em que desempenha atividades, competências e diálogos socioemocionais junto aos

¹ Ver: <https://www.seduc.ce.gov.br/projeto-professor-diretor-de-turma-ppdt/>

estudantes, visando o pleno desenvolvimento cidadão e formação integral do estudante por meio de aulas que abordem temáticas sociais relacionadas à cidadania, problemas sociais, políticas, econômicas, questões ambientais, problemas de saúde pública, atualidades, entre outras pautas que em alguns momentos se assemelham à abordagem sociológica. Essas aulas visam o desenvolvimento de um olhar crítico e analítico, além do despertar de um protagonismo juvenil, empreendedorismo e competências socioemocionais no estudante.

Foi através dessa experiência que, em 2017, em uma dessas propostas curriculares do PPDT, tive a oportunidade de conhecer relatos individuais de jovens estudantes com sérios conflitos pessoais e familiares que recorriam à prática da autolesão corporal. Ao sentar e conversar com alguns estudantes indagando o motivo do seu mau comportamento em sala de aula, baixo rendimento escolar ou infrequência é que começavam a surgir as causas para tais atos, e foi aí que percebi o quanto esse fenômeno estava presente no dia a dia de muitos deles. Durante os relatos eles mostravam os cortes, cicatrizes e fotos nos celulares de marcas feitas em outros momentos, assim como começavam a apontar colegas da escola que também praticavam o ato em segredo.

Os relatos eram permeados de tristeza, rancores, sofrimento e solidão acompanhada por um sentimento de vergonha e culpa. O sigilo era sempre solicitado em todas as entrevistas e conversas aleatórias nos intervalos entre as aulas, por isso, adentrar esse universo e descobrir, um a um, quem eram meus interlocutores foi um processo que se deu com o tempo e com a conquista da confiança de cada um. Meus interlocutores de pesquisa eram também a ponte para conhecer e chegar a outros sujeitos com o mesmo perfil, que, por sua vez, só se abriam quando sabiam que os colegas que os encaminharam tinham dado a eles uma espécie de aval para se abrir e colaborar com a pesquisa. Quando partia para o campo sozinha, sem esse reconhecimento ou consentimento de entrevista por parte dos outros colegas, eu sempre me deparava com a recusa de entrevista ou negação da realização da prática.

Depois de certo tempo de pesquisa, conversas e confiança estabelecidas eu não era mais apenas a professora ou a pesquisadora, mas também uma espécie de ouvinte, conselheira ou confidente que era acionada por mensagens no *WhatssApp* ou solicitada nos intervalos das aulas para ouvir angústias, relatos de quase suicídio, fotos de cortes recentes e lamentações. Essa relação de afinidade e correspondência entre pesquisador e interlocutores além dos métodos formais de pesquisa fez com que eu obtivesse informações relevantes em conversas informais e comunicação involuntária. O “ser afetado” de Favret-Saada (2005) nos faz estabelecer uma comunicação simétrica entre pesquisador e nativos para depreender conhecimentos sobre os interlocutores de pesquisa, não se tratando, portanto, de uma afetação sentimental, e sim de uma

tentativa de “conceder estatuto epistemológico a essas situações de comunicação involuntária e não intencional” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160). Diante disso, “ser afetado” também pode ser um dispositivo metodológico para obter informações em campo considerando a possibilidade de uma “comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não.” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160).

No entanto, ser professora e pesquisadora dentro do ambiente de trabalho e campo de pesquisa traz seus impasses e dificuldades, pois, como destaca Pais (2003, p. 37), “a realidade social não é facilmente acessível ao investigador, pronta a entregar-se ao primeiro galanteio”. É necessário o exercício constante de desnaturalizar o olhar às práticas cotidianas. Gilberto Velho (1978) faz referência a Roberto Da Matta sobre a trajetória antropológica de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou de desconhecimento, respectivamente” (VELHO, 1978, p. 38-39).

Dessa forma, a investigação da realidade do que é exótico e familiar é um trabalho árduo e cauteloso que deve ser exercitado sob o ponto de vista do pesquisador com rigor científico teórico-metodológico, exercitando sempre a alteridade, ou seja, se colocar no lugar do outro em um intenso “processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações” (VELHO, 1978, p.12).

Gilberto Velho (1978) ressalta que o nosso conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos e estereótipos em relação à realidade pesquisada, que impossibilitam resultados imparciais e neutros. A minha trajetória de pesquisa foi um constante exercício de proximidade e distanciamento dos sujeitos e seus relatos de vida, pois algumas vezes fui afetada por suas dores, marcas e amores, e tentei compreender o significado de suas práticas e em outras vezes tentei ajudá-los a não cometerem suicídio.

A pesquisa sociológica na educação requer um olhar crítico e observador da realidade social, dessa forma, o educador é subsidiado de conhecimentos sociológicos para desnaturalizar práticas cotidianas, estranhar o familiar e, a partir daí, transformar o seu ambiente de trabalho em campo de pesquisa. No entanto, para despertar o olhar para questões como essas é necessário antes estranhar e desnaturalizar a realidade, despertar o que Wright Mills (1975) define como “imaginação sociológica”, que nos permite compreender de maneira mais abrangente o sentido que os jovens dão à prática de autolesão. Segundo as Orientações Curriculares Nacionais (OCN)

de Sociologia (2006), para o pleno desenvolvimento dessa disciplina no ensino médio são necessários recursos e instrumentos metodológicos capazes de fornecer bases para a reflexão sociológica do cotidiano e para o desenvolvimento da imaginação sociológica (BRASIL, 2006).

Partindo desse pressuposto, a linha de pesquisa do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) que nos propomos a pesquisar está relacionada à “juventude e questões contemporâneas” no ambiente escolar. Buscamos, por meio desta pesquisa, contribuir para a consolidação do ensino de Sociologia no ensino médio, assim como promover em nossas aulas debates pertinentes com questões contemporâneas que envolvem nosso principal público, os jovens.

Para tanto, esta pesquisa parte de uma investigação acerca de questões contemporâneas dos jovens na sociedade brasileira, em especial no âmbito escolar, que se refletem diretamente no seu desempenho enquanto estudantes. Podemos elencar alguns desses problemas contemporâneos que afligem os jovens: desemprego, sucesso acadêmico, protagonismo juvenil, expectativas e insegurança em relação ao futuro, uso de drogas, violências, delinquência, consumismo, conflitos familiares, doenças psicológicas e casos graves de quadros psiquiátricos, dentre outros problemas que os atingem (ABRAMOVAY, 2002).

Segundo Sant’Ana (2019), a OMS e a classificação de doenças e problemas relacionados à saúde catalogou em 2008 a autolesão não-suicida como uma doença caracterizada por atos intencionais, repetitivos e estereotipados e comportamentos autolesivos ou automutiladores que possuem as seguintes atitudes “bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, cortes, queimaduras, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo.” (SANT’ANA, 2019, p. 124). Esses atos podem ocasionar em algumas situações tentativas de suicídios ou mesmo o próprio suicídio.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, por ano, “mais de 800 mil pessoas tiram a própria vida, número que representa 1,4% de todas as mortes do mundo. Depois da violência, o suicídio é o fator que mais mata jovens entre 15 e 29 anos. Para cada suicídio, ocorrem 20 tentativas.” (BRITO, 2018). De acordo com o Ministério da Saúde, casos de comportamentos de saúde mental e comportamentos suicidas são mais recorrentes entre mulheres, predominantemente na adolescência e vida adulta.

Para realizar uma pesquisa social é necessário pressupor o problema, metodologia, objetivos e hipóteses que possam ser testadas para chegar até o resultado almejado. Seria inútil ir a campo sem uma base teórica sobre o assunto, visto que uma boa interpretação dos dados coletados em campo depende muito das hipóteses levantadas e, conseqüentemente, depende da pré-leitura, realizada antes de partir para a pesquisa, como salienta Pritchard (2005): “se o

antropólogo não fosse ao campo com ideias preconcebidas, não saberia o que observar, nem como fazer” (PRITCHARD, 2005, p.244).

Diante dessa questão complexa de investigação, tenho como objetivo geral compreender as motivações e os significados concernentes ao processo de autolesão vivenciado pelos jovens estudantes da escola de ensino médio Maria Marina Soares no município de Guaraciaba do Norte. E temos como objetivos específicos: Compreender as motivações pessoais desses jovens que provocam mutilações em seus corpos, assim como, os significados atribuídos a esses cortes e cicatrizes; analisar como as instituições sociais, como a família e a escola, podem contribuir, solucionar ou compreender esse fenômeno; Investigar se esses casos de automutilação entre os jovens influenciam no baixo rendimento estudantil e na evasão escolar de alguns praticantes de autolesão desistentes da escola.

A partir desses objetivos, partimos para as seguintes problematizações de pesquisa: qual o significado da prática da autolesão para esses jovens? Qual o sentido desses jovens conscientemente e voluntariamente atritar objetos cortantes contra o próprio corpo com o propósito de sentir dor, mas não se suicidar? Temos como hipótese a remediação dos problemas pessoais atrelado ao ato de cortar-se como possível solução para esses problemas.

A relevância da pesquisa é justificada pelo alto índice de jovens vivenciando esse fenômeno social² e pela dificuldade das instituições sociais, como a família, a escola e as instituições religiosas, em saberem como se portar diante de tal temática. A autolesão é uma questão contemporânea que vem ganhando destaque em pesquisas científicas das mais diversas áreas do conhecimento que buscam compreender o fenômeno³. Profissionais de diferentes áreas, como professores, psicólogos, psiquiatras, pedagogos, médicos, assistentes sociais e familiares estão preocupados com os comportamentos de autolesão, especialmente entre os jovens, e, no nosso caso, no espaço escolar. É um problema de saúde pública que vem sensibilizando vários setores da sociedade à procura da prevenção e tratamento dos casos.

A busca pela compreensão e solução desse fenômeno ocasionou reivindicações e lutas pela promoção de políticas públicas específicas que possam abranger e tratar da temática, um exemplo disso é a Lei 13.819 de 2019⁴ que institui a política nacional de prevenção da automutilação e suicídio a ser implementada pela União, Estados, municípios e Distrito Federal,

² “A partir da década de 2000, o fenômeno do crescimento da automutilação entre adolescentes tornou-se público através de notícias veiculadas pela mídia e de matérias on-line, nas quais muitos especialistas têm se pronunciado a este respeito.” (CAVALCANTE, 2015, p.197)

³ Giusti (2013) faz referência a pesquisas internacionais e mostra que a automutilação tem início e prevalência durante a adolescência, entre 13 e 14 anos, já os casos entre adultos geralmente ocorriam com indivíduos em tratamento psiquiátrico com uma alta prevalência de casos entre 1991 e 2011.

⁴ Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm

publicada no Diário Oficial da União no dia 29/04/2019. A lei cria um sistema nacional para prevenção ao suicídio e à automutilação e um serviço telefônico gratuito para atendimento ao público. A publicação ainda determina que a notificação compulsória dos casos deve ter caráter sigiloso nos estabelecimentos de saúde, segurança, escolas e conselhos tutelares, como veremos posteriormente no capítulo um.

Ao nos propormos a pesquisar essa temática pouco explorada na perspectiva sociológica corremos alguns riscos, haja vista que, segundo Le Breton, “A sociologia não deve se deixar intimidar pela medicina que pretende dizer a verdade sobre o corpo ou sobre a doença, ou diante da biologia frequentemente inclinada a encontrar a raiz genética da causa dos comportamentos dos homens” (2012, p.35). O risco que corremos é o da diluição ou dispersão da temática corporal justamente por ela estar sempre em diálogo e próxima a outras sociologias aplicadas à saúde, à sexualidade, à alimentação, sociologia esportiva, etc. (LE BRETON, 2012, p.6). No entanto, partiremos das observações de campo, falas e ações sociais dos nossos sujeitos de pesquisa para explicar o sentido e significado da prática, buscando compreender as interferências das instituições sociais em relação a esse fenômeno social.

Dessa forma, fizemos um breve balanço de pesquisas desenvolvidas por autores de várias áreas do conhecimento a partir de uma revisão da literatura científica sobre a temática para termos uma visão panorâmica das produções já existentes e, assim, adquirir subsídio e argumentação para nossa pesquisa. Para isso, foi feita análise e coleta de artigos científicos, consulta em repositórios institucionais de várias universidades, consulta em repositório de teses e dissertações da CAPES, sites dos periódicos que publicaram artigos sobre a temática na plataforma Sucupira e Google acadêmico, na área ciências humanas e também na área da saúde, em busca de materiais que abordam cientificamente a questão da autolesão.

Na esfera da psicologia, Dinamarco (2011) enfatiza que o fenômeno da autolesão ou automutilação é complexo e pode estar relacionado a inúmeros sofrimentos psíquicos ou neuroses graves e esse alívio momentâneo seria uma forma de vingança do outro através do ferir a si próprio. Arcoverde (2013) parte do pressuposto de que a autolesão é um ato de subjetivação que reflete as experiências vividas e pode ser uma característica de pertença ou permanência identitária de um grupo, incluindo as comunidades virtuais. Costa (2014) argumenta que as modificações corporais (piercings, tatuagens, automutilação e escarificação) são uma forma de o indivíduo marcar seu lugar no mundo por meio das suas marcas.

Lang, Barbosa e Caselli (2009) afirmam que a autolesão do corpo é um veículo de comunicação das experiências subjetivas do indivíduo, portanto, uma forma primitiva e poderosa de comunicação, que corporifica uma expressão concreta da dor, uma mensagem

escrita no corpo por meio de cortes, sangue e cicatrizes. Os autores enfatizam que o corpo, ao longo da história, obteve diferentes sentidos e significados, variando suas representações que vão desde rituais de participação tribal até a decoração da pele em prol da estética e da vida sexual, e há ainda as marcas corporais cujo objetivo é sentir dor, uma espécie de tortura intencionando a dor, ou seja, automutilar-se.

No âmbito da Sociologia, a tese de Cavalcante (2015) compreende que a autolesão ou automutilação pode estar relacionada às transformações e processos da sociedade contemporânea e aos “tempos líquidos”⁵ nos quais estamos vivendo, com a tecnologia digital, consumismo, depressão e individualismo que podem afetar as relações sociais dos indivíduos tanto em lugares físicos como em ambientes virtuais de interação e socialização. Para Le Breton (2010) esses cortes não são uma tentativa de suicídio, e sim uma tentativa de viver apesar das angústias e sofrimentos cortando as aflições pela raiz, e, nesse sentido, eles funcionam como um freio para o colapso.

Os autores mencionados ressaltam que há uma grande diferença entre suicídio e autolesão, sendo essa última uma forma de aniquilar o indivíduo sem matá-lo, em busca de amenizar suas melancolias, já o suicídio é o ponto final de todos esses sentimentos. Destacaremos aqui a autolesão não suicida: “a autolesão ou automutilação não suicida configura-se como uma ação deliberada e autoinfligida que visa provocar dano a uma parte do corpo (por exemplo, cortes ou queimaduras) sem que haja intenção suicida.” (SANT’ANA, 2019, p.123).

Como já foi exposto, o público-alvo são jovens estudantes do ensino médio de uma escola pública do município de Guaraciaba do Norte. Para compor os sujeitos da pesquisa foram selecionados vinte jovens de ambos os sexos, de diferentes classes sociais, cores, religiões e orientações sexuais, com idades entre 13 e 18 anos, pois é a faixa etária de estudantes de ensino médio. Os interlocutores da pesquisa consistem em jovens que praticam autolesão frequentemente, jovens que se automutilaram pouquíssimas vezes e ex-praticantes de autolesão da escola que se dedicam a ajudar os colegas a passar por essas crises.

O referencial teórico do qual partimos e em que nos embasamos para a efetivação desta pesquisa está diretamente relacionado às discussões socioantropológicas sobre juventudes, autolesão, corpo, emoções, educação, identidades e instituições sociais que estão em torno do nosso objeto de análise e que irão nos auxiliar na compreensão e definição dessa juventude que se automutila.

⁵ Ver BAUMAN. Tempos líquidos. São Paulo: Zahar, 2007, p. 16.

Para nos debruçarmos sobre as discussões a respeito do corpo e das infinitas formas de ritos e modificações corporais nos referenciaremos nas produções de Araújo (2016), Caselli (2009), Cavalcante (2015), Clastres (1982), Lang, Barbosa e Caselli (2009), Le Breton (2010; 2012; 2013), Louro (2000), Pires (2005), entre outros que irão nos auxiliar na percepção e na abrangência das mais variadas concepções de corpo, significados das marcas corporais, narrativas de vivências e experiências do corpo, além das práticas de autolesão juvenis no âmbito escolar.

Embasamo-nos, dessa forma, em autores como: Abramo (2005), Bauman (2006), Bourdieu (1983), Carrano (2000), Dayrell (2003; 2006; 2007), Groppo (2000), Pais (1990; 2003), Velho (2006), dentre outros, para fundamentar as diversas concepções e representações juvenis e também a compreensão de culturas juvenis, novas sociabilidades, processos educativos, dimensão social e política, tendo uma abordagem sociológica sobre a categoria social juventude e suas diferentes facetas na contemporaneidade.

Partindo do pressuposto de que a juventude não pode ser considerada um grupo homogêneo e similar, pesquisamos esses jovens estudantes em suas diferentes complexidades e pluralidades, levando em conta a classe social, rendimento escolar, gênero, religião etc. Groppo (2000) enfatiza que essa categoria é uma criação simbólica, influenciada pelo funcionamento e transformações da modernidade “(...) a juventude, o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional” (GROPPPO, 2000, p. 09-10). Dessa forma, essa categoria sempre viverá recortes sociais diferentes, principalmente no cenário brasileiro, com contexto sociais tão distintos, assim como o fato de que “jovens da mesma idade vão sempre viver juventudes diferentes” (NOVAES, 2003, p.122)”.

A juventude não é mais vista apenas como uma mera fase transitória da vida que fica entre a infância e a vida adulta ou um agrupamento de indivíduos na mesma faixa etária, hoje ela é analisada a partir de uma condição e situação juvenil. Os jovens passaram a ser estudados sob diferentes vertentes, a partir da construção histórica e cultural, abrangidos por direitos e políticas públicas para a juventude. Segundo Helena Abramo (2005), a condição juvenil abrange uma dimensão geracional e histórica e refere-se ao modo como essa juventude é vivida de forma diversificada a partir de diversos fatores sociais e econômicos que refletem as vivências de vulnerabilidades, diferentes inserções sociais. Assim, o modo de ser jovem é uma condição em si mesma e não apenas uma fase transitória para a vida adulta.

Diante disso, nos debruçamos sobre uma infinidade de ramificações das inúmeras maneiras de ser jovem que estão estreitamente vinculadas a outros fatores e são de extrema

importância no processo de socialização e construção de identidades como: nacionalidade, classe social, gênero, etnia, origem rural ou urbana, escolaridade, poder aquisitivo dos pais, religião, profissão etc.

O comportamento do indivíduo é um produto social resultante das diversas experiências e construído por meio de um processo chamado de socialização em que os indivíduos interagem e se integram uns aos outros, incorporando a cultura e valores por meio das relações sociais (BERGER; BERGER, 1978). Porém, a identidade ou autoimagem do indivíduo também pode ser construída e influenciada pelas instituições sociais que o acolhem no decorrer da vida, por exemplo, a família, a escola e a igreja, entre outras que têm o papel de socializar e integrar a criança na sociedade, no entanto, essa autoimagem ou identidades são múltiplas e dinâmicas, influenciadas e mudadas constantemente. Como afirma Durkheim, a educação tem a missão de transmitir valores da sociedade para o indivíduo por meio da socialização da jovem geração pela geração adulta de forma hereditária, substituindo o ser egoísta e associal da criança para torná-la um ser social (DURKHEIM, 2011).

Émile Durkheim, na sua clássica obra *O suicídio*, fez um importante estudo sociológico na Europa no século XIX analisando o suicídio como um fenômeno social. Ele utilizou uma metodologia comparativa em busca de traços comuns para categorizar os tipos sociais e as causas sociais, além de quantificar as taxas de suicídios e detectar quais eram os fatores sociais para ocorrência. Dessa forma, na perspectiva durkheimiana, o suicídio pode ser explicado pela frouxidão da moral, solidariedade social, enfraquecimento dos vínculos sociais e desagregação do indivíduo para com a sociedade, ou seja, é mais um problema coletivo do que individual. “Por mais individualizado que seja cada indivíduo, há algo que continua sendo coletivo: a depressão e a melancolia resultantes dessa individuação exagerada. Comungamos na tristeza quando não temos mais nada para viver em comum” (DURKHEIM, 2000, p. 266).

Diante dos questionamentos, hipóteses e problematização expostos e traçados até aqui utilizamos uma abordagem de metodologia qualitativa, a partir de técnicas como: observação participante, roteiro de entrevistas semiestruturadas e entrevistas em profundidade com os vinte jovens estudantes visando encontrar, nas peculiaridades dos seus relatos, falas que possam nos auxiliar a decifrar e testar nossas hipóteses e problematizações iniciais.

Com a abordagem qualitativa em alguns momentos estou em campo trabalhando, em outros momentos realizando observação participante do cotidiano escolar. Foot Whyte (2005, p.153) afirma que para conhecer bem o comportamento dos sujeitos de pesquisa “é necessário observá-los por um longo período e não num único momento”. O contato diário com esses jovens e a audácia em pesquisar essa temática fez com que eu mergulhasse em um universo

paralelo existente dentro da instituição, o universo dos jovens que se cortam e mantêm suas práticas em sigilo da família, mas não dos colegas, pois afirmam que os pais nunca iriam compreender as razões deles.

A observação participante é uma técnica muito eficaz que permite ao pesquisador observar, interagir e interpretar os comportamentos dos sujeitos sociais, além de acompanhar o cotidiano dos sujeitos de pesquisa “estando lá” onde o pesquisador passa a interpretar e compreender o outro de perto (OLIVEIRA, 1996). Assim sendo, Roberto Cardoso de Oliveira (1996) esclarece que a matéria-prima do campo é obtida pela entrevista e pelo “olhar, ouvir e escrever”, essas três etapas de investigação científica têm uma significação especial para o Cientista Social. O olhar e o ouvir, por sua vez, fazem parte da primeira etapa de investigação empírica, enquanto o ato de escrever é inerente à segunda etapa e indissociável do pensar (1996, p.29).

Dentro do campo de pesquisa, ou seja, dentro da escola, tivemos que fazer adaptações na abordagem das entrevistas e também substituições de algumas técnicas da metodologia qualitativa. O termo “autolesão” foi substituído por “cortar-se”, já que é o termo que os sujeitos da pesquisa reconhecem e utilizam, visto que muitas vezes foi preciso reformular algumas perguntas do roteiro do questionário no momento da entrevista para alcançar os objetivos e decifrar a nossa problematização. Essa aprendizagem da “língua do nativo” para compreender seu espaço e suas falas se faz necessária para o reconhecimento e compreensão dos seus gestos, sistemas de valores e visão de mundo (ROCHA; ECKERT, 2008). Com o tempo, percebemos que devemos nos adaptar ao campo em todos os ângulos para obter os resultados desejados em torno do objeto de pesquisa.

A princípio também foi cogitada e projetada a técnica de pesquisa de grupo de discussão, tendo em vista que, como ressalta Wiviam Weller (2006), “Os grupos de discussão, como método de pesquisa, constituem uma ferramenta importante para a reconstrução dos contextos sociais e dos modelos que orientam as ações dos sujeitos.” (WELLER, 2006, p. 246). No entanto, o campo sempre nos proporciona surpresas e desafios e, a partir do levantamento e seleção dos interlocutores da pesquisa, percebi em seus relatos peculiaridades e motivos íntimos e dolorosos para a autolesão, motivos esses que não poderiam ser expostos a um grupo de discussão para outras pessoas ouvirem, por mais que o grupo de discussão fosse formado por um perfil de jovens com atributos em comum.

Dessa forma, a metodologia dos grupos de discussão foi descartada e substituída pela entrevista semiestruturada individual em profundidade e ainda um roteiro de questionário elaborado a partir do objetivo principal, que prioriza as falas dos sujeitos e investiga cada

resposta em torno da problematização e hipóteses de pesquisa. Adotei um dos instrumentos da pesquisa qualitativa, a entrevista em profundidade ou compreensiva, pois “permite abordar, de um modo privilegiado, o universo subjetivo do ator, ou seja, as representações e os significados que atribui ao mundo que o rodeia e aos acontecimentos que relata como fazendo parte da sua história.” (LALANDA, 1998, p. 875).

No primeiro momento foi feito um levantamento de quantos e quais eram os jovens que se cortaram na escola e chegamos a um total de vinte sujeitos (dezessete mulheres e três homens), somente dos que pude descobrir ou ter contato, cujos perfis foram traçados a partir da seguinte classificação: nomes (fictícios), idade, raça, série, orientação sexual, religião, se provoca autolesão, há quanto tempo se corta, em quais partes do corpo, qual instrumento utiliza para os cortes e quais os motivos para realizar essa prática, entre outros questionamentos. Dado o perfil inicial dos interlocutores, partimos para as entrevistas individuais devidamente registradas pelo gravador de voz, com auxílio de caderno de campo, roteiro de pesquisa e recursos metodológicos qualitativos.

No entanto, com o decorrer da pesquisa foram necessárias algumas adaptações metodológicas para compreensão do universo simbólico dos sujeitos, fazendo uso de recursos metodológicos que tem como suporte à internet, no nosso caso, o aplicativo *WhatsApp*⁶, para comunicação, interação virtual, troca de mensagens e fotos dos interlocutores. Diante disso, segundo Mesquita (2019) “atualmente, é cada vez mais comum que mesmo em ambientes de interação pessoal, ocorra uma interligação com espaços de sociabilidade via internet. Assim, torna-se importante refletir sobre problemas metodológicos concernentes às pesquisas on-line.” (MESQUITA, 2019, p.8). Logo, a utilização desses recursos nos universos *on-line* e *off-line* representa uma das principais características contemporâneas que promoveram, em várias fases da pesquisa, momentos de interação, socialização e exploração do campo e dos interlocutores.

Estudos sobre autolesão nos permitem um vasto campo de conhecimentos com uma variedade de fatores que envolvem a temática, como o estudo sobre juventudes, corpo, subjetividades, suicídio e marcas corporais. Todos esses elementos, em suas peculiaridades, nos auxiliam na compreensão do objeto de estudo sobre o qual nos debruçaremos ao longo da pesquisa de campo.

No primeiro momento da pesquisa foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da temática, observação participante do cotidiano escolar e do entorno da escola, levantamento

⁶ *WhatsApp* é um aplicativo criado em 2009 com a finalidade de trocar mensagens instantâneas, vídeos, fotos e documentos em PDF, além de fazer ligações e chamada de vídeo grátis por meio de uma conexão com a internet. Ver: https://www.whatsapp.com/?lang=pt_br

quantitativo dos sujeitos da pesquisa com o perfil caracterizado acima e análise da abordagem de pesquisa de campo com suas respectivas técnicas que fossem mais compatíveis com nosso objeto de estudo. A partir de estudos do referencial teórico traçado sobre juventudes, autolesão e educação foi dado início às entrevistas e tabulação de dados.

Dessa forma, esta dissertação é composta por introdução, três capítulos e considerações finais que giram em torno do tema proposto. O primeiro capítulo, “Juventudes marcadas: a autolesão no âmbito escolar”, é destinado às discussões teóricas sobre juventudes e autolesão, a relação dos jovens com a escola, o perfil dos jovens que se cortam na instituição em estudo, assim como as impressões e posicionamentos da gestão em relação a esses casos.

No segundo capítulo, intitulado “Corpos marcados: relatos da vivência do corpo para os jovens”, buscamos investigar qual é a percepção das experiências do corpo para esses jovens, as técnicas corporais utilizadas, relatos dessas experiências, o significado da troca da dor emocional pela dor física, como lidam com as marcas corporais, o sentido que elas representam para esses jovens e qual o papel das redes sociais nesses casos. Além de uma abordagem teórica sobre o corpo, marcas e emoções.

O terceiro capítulo, denominado “Juventude (s), escola e família: abordagem sociológica”, reflete as discussões do papel ou interferência das distintas instituições sociais na vida dos jovens estudantes, nesse sentido, buscamos compreender o papel da família, escola e outras instituições no ato da autolesão. Para isso realizamos uma investigação qualitativa e abordagem sociológica de alguns fenômenos relacionados à autolesão, como os conflitos familiares, abuso sexual sofrido por alguns jovens e pensamentos suicidas.

Por fim, nas considerações finais, almejamos compreender esse fenômeno social a partir dos relatos, estudos e pesquisa de campo numa perspectiva socioantropológica e demonstrar a relevância da imaginação sociológica (MILLS, 1975) acerca de temáticas e conflitos sociais que envolvem o dia a dia no nosso público-alvo do ensino médio, que são os jovens. Além disso, pretendemos salientar como a disciplina de Sociologia e um professor licenciado em Ciências Sociais munidos de uma abordagem metodológica e um olhar epistemológico podem colaborar para a exploração e investigação científica dessa e de outras temáticas sociais dentro do nosso campo de pesquisa: a escola.

CAPÍTULO 01: JUVENTUDES MARCADAS: A AUTOLESÃO NO ÂMBITO ESCOLAR

Conceituar a juventude é uma discussão ampla e complexa. Existem inúmeras reflexões e estudos sobre a temática, pois é uma fase transitória entre a infância e a vida adulta marcada por infinitas indagações, impetuosidades, turbulências e constante construção de identidades. A palavra juventude é frequentemente vista como sinônimo de irresponsabilidade, problemas e conflitos e, em geral, é definida pela faixa etária ou pela classe social. Na perspectiva sociológica, essa noção de juventude é vista como concepção socialmente variável que muda ao longo do desenvolvimento da sociedade e é mutável dentro de grupos dessa mesma sociedade.

José Machado Pais (1990) estabelece uma comparação entre culturas juvenis de duas correntes teóricas tradicionais na Sociologia da juventude: a corrente geracional e a corrente classista. Em suma, a primeira corrente classifica a juventude como pertencente a uma dada “fase da vida” tendo essa categoria como uma entidade homogênea, unitária e uniforme, ou seja, as experiências e problemas de um indivíduo são compartilhados por outros indivíduos da mesma geração não levando em consideração a sua diversidade e as desigualdades oriunda das classes sociais.

Já a perspectiva da corrente classista incide sobre o modo de viver essa juventude a partir das relações sociais de classe, afirmando que a transição da juventude para a fase adulta é marcada pela desigualdade social, seja na divisão sexual do trabalho, seja na condição social. Considera o jovem como uma categoria social e a heterogeneidade das trajetórias que mais cedo ou mais tarde vai reproduzir a estrutura social a partir de diferentes realidades e meios sociais.

Contudo, José Machado Pais não se limita exclusivamente a correntes teóricas, mas investiga as culturas juvenis a partir de suas experiências cotidianas, enfatizando a importância de interpretar e compreender os enigmas e paradoxos da juventude a partir da sua heterogeneidade. Por cultura juvenil podemos entender um “sistema de valores socialmente dominantes atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais” (PAIS, 1990, p.163). Elencado pelo autor também como culturas de resistência, pois oposição contra a cultura dominante

Já para Bourdieu (1983), “A ‘juventude’ é apenas uma palavra”, ou seja, ser jovem ou velho na nossa sociedade é resultado de construções sociais que moldam o indivíduo e dão sentido às suas percepções e representações, já que “somos sempre o jovem ou o velho de

alguém” (BOURDIEU, 1983, p.113). Por isso, segundo o autor, essa categoria não pode ser analisada de forma simplificada e unitária, e sim em sua complexidade e diversidade.

Os jovens analisados na pesquisa reclamam que são julgados por adultos pela forma de se vestir, pelo vocabulário, pela postura e principalmente pelas marcas de lesões existentes no corpo. Pais (1990) denomina esse julgamento como um etnocentrismo adulto que leva a encarar as culturas juvenis como marginais ou anômicas, desprovidas de normas, valores e regras. No entanto, cada jovem está imerso em uma realidade diferente, com linguagem e códigos peculiares do seu contexto socio-histórico, dessa forma, essas expressões juvenis podem se tornar incompreendidas ou mal interpretadas por gerações anteriores ou posteriores, ou seja, nas relações intergeracionais.

Diante disso, pensar a juventude e as infinitas maneiras de ser jovem é compreender suas expressões, no plural, na vida social contemporânea, é um constante exercício de relativizar as práticas juvenis, pois essa fase transitória é marcada por conflitos, incertezas e medo. Essa pluralidade de ser jovem é marcada por diferentes personalidades, culturas, comportamentos peculiares, gírias, vestimentas e marcas que atribuem certo pertencimento ou exclusão a um grupo ou a uma classe social e os diferenciam dos demais, criando, assim, várias identificações. Por isso, é necessário entendê-los a partir de suas experiências cotidianas enquanto atores sociais da própria realidade para, assim, compreender o jovem como sujeito social (DAYRELL, 2003):

É muito comum que se produza uma imagem da juventude como uma transição, passagem; x jovem como um “vir a ser” adulto. A tendência, sob essa perspectiva, é a de enxergar a juventude pelo lado negativo. X jovem é x que ainda não chegou a ser. Nega-se, assim, o presente vivido. Dessa forma, é preciso dizer que x jovem não é um pré-adulto. Pensar assim é destituí-lo de sua identidade no presente em função da imagem que projetamos para ele no futuro. (DAYRELL, 2016, p.23)

Para Dayrell (2007), de modo geral, as instituições educativas tendem a ver o jovem como um projeto do que possa “vir a ser” no futuro, na perspectiva da ausência de alguma coisa, incompletos, carregados de estigmas, irresponsabilidade ou imaturidade, o que torna mais difícil perceber suas possibilidades e capacidades: “A escola tende a não reconhecer o “jovem” existente no “aluno”, muito menos compreender a diversidade.” (DAYRELL, 2007, p.117).

Dentro do universo escolar o jovem tende a ser universalizado na categoria “aluno” de forma homogeneizada, negando suas práticas culturais juvenis em favor de uma realidade genérica. Assim sendo, nessa escola, quando um jovem praticante de autolesão é identificado, ele é automaticamente considerado um “aluno negligente”. “vadio”, “desocupado” e

“irresponsável” por parte de alguns professores que veem esses jovens como um desvio do padrão dos outros alunos. Para Dayrell (2006):

Trata-se de compreendê-los na sua diferença enquanto indivíduos que possuem uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamento e hábitos que lhe são próprios. (DAYRELL, 2006, p. 140)

A diversidade conceitual da juventude como categoria sociológica nos permite refletir e quebrar estereótipos do senso comum sobre juventudes, tais como: uma unidade homogênea, fase problemática da vida, sujeitos passivos e acríticos, irresponsáveis, imaturos etc. Essa diversidade é reflexo das realidades não homogêneas nas quais os jovens estão inseridos, que contam com diferentes acessos, oportunidades, classes sociais, escolaridade, gênero, apropriação de bens materiais e simbólicos e outros fatores que irão influenciar a construção de suas identidades. Desse modo, “não podemos mais compreender a juventude como categoria de conceituação fechada, mas temos que buscar outras concepções que permitam considerá-la não só na sua diversidade, assim como nas formas desiguais de acesso e apropriação.” (MARTINS; CARRANO, 2011, p.51).

Neste capítulo será apresentada a relação entre os jovens e a escola, o perfil dos jovens que se cortam, bem como as formas de sociabilidades e interação social desses jovens no âmbito escolar. Veremos também quais são as impressões e posicionamentos da gestão sobre os jovens que se cortam, qual o posicionamento da gestão em relação aos conflitos no cotidiano escolar e as políticas públicas de assistência social com que a instituição conta para solucionar ou amenizar casos como esses no dia a dia da escola.

1.1. A relação dos jovens com a escola

Guaraciaba do Norte é um município localizado a 320 km de Fortaleza, situado na Serra da Ibiapaba, no Estado do Ceará, a 900 metros do nível do mar, com uma população estimada de aproximadamente 39.713 pessoas⁷. A economia do município é movida pela agricultura, horticultura, comércio locais, funcionalismo público, informática e pelo turismo proveniente de pontos turísticos naturais⁸. A cidade possui três escolas públicas estaduais de ensino médio, duas de ensino regular e uma de ensino profissionalizante: E.E.M Monsenhor Antonino, escola de ensino regular; E.E.E.P Deputado José Maria Melo, escola técnica profissionalizante; e E.E.M Maria Marina Soares, que é a escola campo da nossa pesquisa.

⁷ Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/guaraciaba-do-norte/panorama>

⁸ Cachoeira da Mata Fresca, Cidade das Pedras, Bica do Urubu, Bica do Chuvisco, Cachoeira dos Morrinhos, Urubu Ecopark, Fazenda Park Hotel. Fonte: <https://www.guaraciabadonorte.ce.gov.br/pontos-turisticos.xhtml>

A E.E.M Maria Marina Soares está situada na Avenida 12 de Novembro, nº. 119, bairro Centro, Guaraciaba do Norte-Ceará. Foi construída em 1953, mas reconhecida somente em 1960, por meio do Decreto Lei nº 11.493 de 18 de novembro. Ela funciona sob a jurisdição da 5ª Coordenadoria Regional de Desenvolvimento da Educação de Tianguá e está localizada na zona urbana de Guaraciaba do Norte, sendo a escola pública mais procurada pela comunidade no período de matrículas escolares, por ser bem localizada e ter bons resultados e aprovações nas provas externas como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAECE), Prova Brasil e olimpíadas de diversas disciplinas.

A escola possui cerca de 732 matrículas ativas e acolhe alunos oriundos do centro da cidade e dos distritos do município, dentre eles Mocambo, Várzea dos Espinhos, Martinslândia, Sussuanha e Morrinhos Novos, e ainda comunidades e sítios vizinhos como: Bananeiras, Santo Amaro, Santa Terezinha, Santo Antônio dos Camelos, Estivas, Quicé, Guarani, Palmeiras, Monteiro, Picadinha, São Felix, Cruz das Almas, Quati, entre outros. Antes de ter esse nome a instituição era conhecida como Escola Reunidas, depois Escola Guaraciaba, e somente em 2009 passou a ser chamada de E.E.M Maria Marina Soares. Segundo o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola:

A princípio a E.E.M Maria Marina Soares funcionava em casas residenciais, em número de 05 salas. Construída em 1953, a primeira escola da cidade, denominada **Escolas Reunidas** devido ao conjunto de escolas municipal e estadual que se juntaram no prédio, com a existência apenas do curso primário, ou seja, de 1ª a 4ª série. Mais tarde, em 1960, através do Decreto Lei nº 11.493 de 18 de Novembro, passou a denominar-se Escola de 1º grau de Guaraciaba do Norte. [...] Somente em 1996, começava a ser implantado nesta escola o 2º grau, funcionando ali, o 1º ano do 2º grau, o que resultou em mais um nome para a escola, que passaria a se chamar de Escola de 1º e 2º Graus de Guaraciaba do Norte. Com as novas diretrizes do ensino, a escola passou a funcionar com o Ensino Médio de 1ª a 3ª série e com o ensino fundamental. Por consequência dessas mudanças no ensino, a escola ganhou mais uma denominação, passou a se chamar **Escola de Ensino Fundamental e Médio Guaraciaba do Norte**. Com a exclusão do ensino fundamental passou a denominar-se E.E.M Guaraciaba do Norte. Partindo de um decreto governamental de número 29.705 de 14 de abril de 2009 em seu artigo 7º a escola teria que ser denominada. Foi realizada uma consulta pública com toda a comunidade onde foi escolhido o nome da **Professora Maria Marina Soares**⁹. (PPP, 2018, p.2)

A escola fica próxima ao centro da cidade e a uma praça de lazer, além de ser vizinha a outras escolas municipais, o que possibilita maior socialização dos alunos da Escola Maria Marina Soares com alunos de outras escolas no ponto de ônibus da praça, ao final do expediente

⁹ Foi professora e também diretora da escola no período de 1978-1985.

de cada turno. A instituição escolar possui oito salas de aulas, uma sala de professores, uma sala de planejamento, uma sala de coordenação, uma secretaria, um laboratório de ciências, um laboratório de informática, uma cantina para refeições, uma biblioteca, uma sala de estudos, dois banheiros para os alunos e um para os professores e ainda uma quadra poliesportiva para atividades físicas e jogos.

Para Peregrino (2009), ao analisar as relações sociais existentes em uma instituição escolar é necessário antes observar seu entorno, tornar a escola um mirante, tomar esse espaço como um lugar de observação, como ponto de onde são visíveis fenômenos que não se esgotam.

Quando enxergamos um objeto, não podemos deixar de levar em consideração que estamos observando uma fração, um recorte, que em verdade está inserido num espectro muito mais amplo de relações do que aquele para o qual direcionamos o nosso olhar. Desta forma, olhar a escola de uma outra forma deve sempre significar tomar esse espaço como lugar de observação, como ponto e posição de onde são visíveis fenômenos que não se esgotam, em absoluto, ao lugar que tomamos como “mirante”. (PEREGRINO, 2009, p.30)

Como destaca Peregrino (2009, p.25), o pesquisador deve “compreender essa instituição como espaço, lugar, mirante, posto de observação das relações sociais.”. Os elementos gerais do entorno da instituição nos auxiliam a compreender as relações sociais internas dos indivíduos dentro da escola nesse constante movimento de observar a escola e seu entorno, tanto na dimensão espacial, como nas políticas públicas que influenciam o dia a dia desses alunos e, conseqüentemente, seus comportamentos e pensamentos, pois os indivíduos são produtos e produtores do seu meio.

O público de discentes da E.E.M Maria Marina Soares ainda é considerado um público “elitizado” por boa parte da população, pois são alunos que, na sua maioria, moram no centro da cidade, ou em localidades próximas, alguns cursaram o ensino fundamental em escolas particulares, mas não querem ir para a escola profissionalizante e também não querem estudar na outra escola de ensino regular. Já a E.E.M Monsenhor Antonino possui um público mais humilde e é mais estigmatizada por ser afastada do centro da cidade e localizada mais próxima de sítios. O estigma é definido por Goffman (2017) como atributos ou características negativas, anormais ou desviantes de acordo com os quais a sociedade rotula os indivíduos em contraposição aos ditos “normais”.

As três escolas públicas de ensino médio da cidade possuem realidades bem distintas, públicos variados e metas específicas a atingirem, porém se inter cruzam com o objetivo de formar jovens para o mercado de trabalho e o exercício da cidadania. Carrano (2000) ressalta essa diversidade e peculiaridades nos PPPs das escolas de acordo com o seu público e realidade social:

Firma-se hoje o consenso de que as escolas não são iguais; elas possuem distintas condições físicas, professores com diferentes níveis formativos, interesses, práticas e ideologias. Nesse sentido, tornou-se “politicamente correto” defender a diversidade de projetos pedagógicos entre as escolas. (CARRANO, 2000, p.160)

Dessa maneira, é esperado que cada instituição escolar compreenda a pluralidade dos seus jovens sem cair no equívoco de padronizá-los e homogeneizá-los, pois seria errôneo pensar de forma separada o mundo dos jovens do mundo da escola, conforme Carrano (2000). É no âmbito escolar que essas identidades juvenis se inter cruzam e se reinventam em contínua transformação, fruto também de uma construção cultural. Em uma visão pós-moderna “não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 13). Com um mundo cada vez mais globalizado, com novas sociabilidades surgindo, interações sociais mais intensas, face a face ou digitais, as identidades na contemporaneidade se tornam múltiplas e dinâmicas, ou seja, não há identidades fixas, e sim identificações e pertencimentos dinâmicos e fluídos. Logo, o jovem passa por um processo de identificação, podendo assumir “identidades diferentes em momentos diferentes”, que são as chamadas “identidades possíveis” (HALL, 2006, p. 13).

Nessa perspectiva de pesquisa, tanto foi necessário tomar a escola como um mirante e exercitar constantemente a relativização do meu olhar de professora sobre esses discentes, que também são meus interlocutores de pesquisa, como também o olhar de pesquisadora e, a partir daí, desnaturalizar e estranhar o cotidiano do trabalho, “O movimento de estranhar o que me era de certa forma tão familiar – a escola – implicava enxergá-la a partir de uma nova perspectiva.” (PEREGRINO, 2009, p.25).

Diante disso, analisaremos a escola como parte de um processo de construção social sob um olhar sociocultural, observando seus sujeitos sociais em todas as suas dimensões, dinamismo e diversidade cultural, com a compreensão de que esses sujeitos sociais e históricos provêm de origens sociais diferentes, descartando, assim, uma perspectiva homogeneizante e simplista sobre o cotidiano escolar, haja vista que “Falar da escola como espaço sociocultural implica, assim, resgatar o papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição.” (DAYRELL, 1996, p.1).

O ensino médio, em particular, é um espaço eminentemente permeado por jovens no qual, por meio do processo de socialização e demarcação de território, esses atores sociais permeiam os espaços com suas identidades e pluralidades, resignificando e dando novos sentidos. No entanto, a instituição escolar restringe as expressividades e manifestações das culturas juvenis com seus mecanismos de silenciamento, “nesse contexto, o jovem é homogeneizado na condição de aluno que necessita responder positivamente aos padrões do “ser estudante” que a instituição almeja.” (MARTINS; CARRANO, 2011, p.45).

Por isso, não podemos esquecer que esses jovens discentes são sujeitos socioculturais marcados por uma pluralidade de sentimentos, visões de mundo, desejos, crenças e projetos de vida, caracterizados por uma diversidade sexual, política e cultural que os torna peculiares entre si. Dessa forma, quando a instituição escolar analisa a categoria aluno por uma vertente uniforme, homogênea e passiva, sem compreender suas particularidades e diversidades, acaba reproduzindo e enfatizando as desigualdades e injustiças sociais, visto que:

Os alunos chegam à escola marcados pela diversidade, reflexo dos desenvolvimentos cognitivo, afetivo e social, evidentemente desiguais, em virtude da quantidade e qualidade de suas experiências e relações sociais, prévias e paralelas à escola. O tratamento uniforme dado pela escola só vem consagrar a desigualdade e as injustiças das origens sociais dos alunos. (DAYRELL, 1996, p.5)

Esses jovens são resultados das relações sociais, estrutura social e instituições sociais às quais pertencem e em que se inserem, que vão moldando suas opiniões, gostos, valores e identificações. Logo, a diversidade cultural “também é fruto do acesso diferenciado às informações, às instituições que asseguram a distribuição dos recursos materiais, culturais e políticos.” (DAYRELL, 1996, p.8). Os recursos financeiros e a classe social da qual esses jovens são oriundos interferem diretamente em suas atitudes e opiniões, pois a maioria dos entrevistados que se automutilam provêm de classes sociais desfavorecidas, têm pais pouco escolarizados e que não trabalham, ou seja, são carentes de capital cultural (BORDIEU; PASSERON, 1992) o que faz com que alguns pais não compreendam as peculiaridades de sentimentos e comportamentos dos filhos.

Para Bourdieu (1996), o *habitus* é fruto de uma trajetória particular do sujeito a partir da socialização dos grupos e classe social aos quais ele pertence e que condicionam suas práticas e moldam seu estilo de vida. Através das práticas é possível perceber os *habitus* e distinguir as classes sociais. Bourdieu (1996) constata que o espaço social é permeado de lutas concorrenciais entre diversos atores sociais para manter a hierarquia social e o fator primordial utilizado como estratégia de distinção é o ‘capital’, termo utilizado para designar vantagens sociais, culturais ou econômicas que alguns indivíduos têm em relação a outros na sociedade.

Diante disso, as classes economicamente menos favorecidas, classes populares, estariam em desvantagem por não possuírem capital econômico ou cultural para investir na educação dos filhos. Em oposição, as classes dominantes consideram prioritário o investimento na vida escolar, não para ascensão social ou com expectativa de rentabilidade, pois já são privilegiados socialmente, mas sim como uma estratégia para manter o status social que possuem e seguir nos empreendimentos familiares (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002).

Desse modo, Bourdieu (1996) supõe que a posição social de cada um dentro dos campos sociais é marcada por aqueles que possuem maior volume de capital específico, gerando, no interior desses campos, uma luta concorrencial por vários interesses entre os dominados e dominantes em busca de legitimidade, poder e prestígio. Geralmente, os jovens que tiveram mais apoio e compressão dos pais, com assistência psicológica e acompanhamento médico, são aqueles que detêm maior recurso financeiro e capital cultural para compreender que os filhos poderiam estar com indícios de depressão ou algum problema psicológico. Já os pais dos jovens de camadas mais carentes veem esses recursos médicos como um desperdício de dinheiro, “frescura”, falta do que fazer ou ausência de uma punição violenta para que seus filhos deixem de se automutilar. Como retrata o jovem Pedro, de 17 anos, um dos nossos jovens interlocutores que se corta: “eu sei que eu preciso de ajuda psicológica, mas a gente não tem condições e minha mãe acha isso uma frescura e dinheiro perdido. Ela não acredita muito nessas coisas, acho que vou procurar por conta própria pelo SUS.”.

Ao analisar as trajetórias de vida desses jovens percebemos a grande disparidade econômica, cultural e social que há entre eles, por isso, a dificuldade de falar sobre o assunto em casa ou ter acesso a algum acompanhamento profissional. Bernard Lahire (2008) pesquisou trajetórias de 27 crianças em escolas situadas na periferia de Lyon na França e constatou que o fracasso ou sucesso escolar desses estudantes estão atrelados ao processo de socialização desses indivíduos, o meio social, as classes sociais e as configurações familiares:

Realmente, eles não possuem as disposições, os procedimentos cognitivos e comportamentais que lhes possibilitem responder adequadamente às exigências e injunções escolares, e estão portanto sozinhos e como que alheios diante das exigências escolares. Quando voltam para casa, trazem um problema (escolar) que a constelação de pessoas que os cerca não pode ajudá-los a resolver: carregam, sozinhos, problemas insolúveis (LAHIRE, 2008, p. 19).

Essa “solidão escolar” para Lahire é quando a prática moral e comportamental no ambiente familiar não condiz com as exigências da escola, dessa forma, o estudante não tem incentivo ou apoio dos familiares sobre “as regras do jogo escolar”. O autor ainda elencou cinco temas das configurações familiares, que sua presença ou ausência, podem resultar no sucesso ou fracasso escolar dos filhos: a cultura da leitura e escrita, condições econômicas, ordem moral doméstica, interiorização da autoridade familiar e, por último, o investimento pedagógico.

No entanto, o fracasso ou sucesso escolar pode ser influenciados por inúmeros fatores macrossocial ou microssocial levando em consideração as condições de existências e o contexto social desses sujeitos, pois ter boas condições financeiras e capital cultural não significa que possam ser transmitidos aos filhos. Dessa forma, temos casos de fracasso escolar de jovens pertencentes aos grupos de elite, assim como, o sucesso de jovens oriundos dos meios

populares. A maior parte dos nossos jovens são dos meios populares e não tem acesso a um plano de saúde, políticas públicas assistencialistas, acompanhamento psicológico e outros recursos, por conta das adversidades acarretadas pelas desigualdades sociais e pelos condicionantes histórico-sociais que influenciam no acesso a cuidados, serviços e informações.

Nessa perspectiva, é notória a ausência e a necessidade de políticas públicas de assistência social e apoio psicológico nas instituições escolares, tanto para atender à comunidade escolar como aos profissionais da educação. Temáticas como essa surgem a partir de discussões metodológicas e teóricas na sala de aula, principalmente em disciplinas das ciências humanas, e ganham profundidade quando o discente resolve trazer à tona histórias reais da sua vida para conciliar com a teoria exposta, “o recurso aos temas visa a articular conceitos, teorias e realidade social partindo-se de casos concretos, por isso recortes da realidade em que se vive.” (OCN, 2006, p.120). A Sociologia é uma disciplina que fornece arcabouços teóricos e metodológicos para a compreensão das temáticas e conflitos sociais vivenciados por esses jovens, sendo assim, podemos fazer uso de conceitos, teorias e instrumentos metodológicos para investigação e compreensão das subjetividades desses contextos sociais e histórias de vida.

De todo modo, alguns jovens veem a escola como um abrigo ou porto seguro, onde podem se refugiar dos problemas familiares e conseguir apoio. Quando questionamos se os cortes de alguma forma prejudicam o rendimento escolar ou se já faltaram aula por causa disso, Pedro, por exemplo, argumenta: “não, nunca. Pelo contrário, eu me sinto bem vindo pra escola e pra poder sair de casa porque lá é que tão os problemas.”. Para Carrano (2007, p.8), a escola pode ser enfadonha e uma “obrigação necessária” para alguns, mas para outros jovens a escola pública pode propiciar uma variedade de práticas educativas que os envolve ativamente e “que apontam para formas criativas de enfrentamento dos desafios” (CARRANO, 2007, p.8). Por isso,

Os jovens recebem espaços da cidade prontos e sobre eles elaboram territórios que passam a ser a extensão de seus próprios corpos: uma praça se transforma em campo de futebol, ou roda de capoeira, sob um vão de viaduto se improvisa uma pista de skate ou um encontro musical; o corredor da escola – lugar originalmente de passagem – se faz para ponto de encontro e sociabilidade, um muro sujo e abandonado se transforma em grafite e colore a cidade. (CARRANO; MARTINS, 2007, p.41).

Em sua maioria, esses jovens afirmam que gostam de vir para a escola e alegam que a autolesão não prejudica o desempenho escolar, no entanto tem outros que faltam muitas aulas por causa disso, resultando em notas baixas: “eu tô faltando muito mais aulas agora porque tá me dando muitas crises e eu não gosto de vir pra escola assim, acho melhor tá em casa dentro do meu quarto sozinha do que na escola que vão me reprimir e me julgar” (Cristina, 15 anos).

Porém, a maioria desses jovens estudantes apontam que estar na escola é melhor do que estar em casa, pois é lá que moram seus problemas, por isso, no cotidiano escolar eles geralmente aproveitam para conversar, lanchar em grupo com os amigos e ter seus próprios companheiros de trabalhos escolares e seminários. Os estudantes mantêm grupos de vivências e interação virtual nas redes sociais para comunicação extraclasse e, muitas vezes, podem contar com essas amizades dentro e fora da escola. Porém, é perceptível nos jovens que se cortam um baixo rendimento escolar em comparação aos outros: geralmente passam por recuperações paralelas e conselhos de classe bimestralmente para atingir a média desejável para aprovação.

Em geral, os problemas pessoais, a prática da autolesão e os conflitos extraescolares que esses jovens passam interferem diretamente no seu rendimento escolar porque eles não conseguem conciliar ou separar os problemas pessoais com as tarefas e responsabilidades estudantis. Dessa forma, com o baixo desempenho e falta de compromisso nas provas e entregas de trabalhos escolares, acabam se prejudicando e ficando com a média abaixo do esperado. Como bem enfatiza uma coordenadora pedagógica:

Esse fenômeno atinge diretamente o rendimento e também tem impactos na evasão escolar. Podemos comprovar isso em casos que alunos que apresentavam um bom rendimento em anos e bimestres anteriores e quando começam a apresentar indícios de autolesão, que geralmente é ocasionado por fatores familiares ou emocional, esse aluno começa a perder o rendimento, a perder o ânimo pelos estudos e isso certamente atinge o rendimento escolar. Infelizmente não temos dados concretos que apontem essa evasão motivada por esses fatores, mas pelo menos o aumento no número de faltas é constatado por alunos que estão cometendo a autolesão. Por isso acabam faltando mais as aulas, tanto pela falta de ânimo como também dependendo do tipo de lesão eles não querem demonstrar, não querem que alguém veja e acabam faltando muito as aulas. (Coordenadora pedagógica, 2019)

Por isso, muitas vezes eles são julgados como “alunos desinteressados” e omissos de suas atividades escolares, visto que são analisados quantitativamente e não qualitativamente. Em consequência disso, alguns perdem também o interesse em vir para a escola por medo de julgamento ou por incompreensão tanto por parte dos colegas como dos professores.

O julgamento e a repressão são apontados como os principais incômodos e problemas que os afligem no ambiente escolar: “tinha vezes que eu não tinha vontade de ir, não tinha desejo nenhum pra ir pra escola porque não tinha quem me entendesse lá, porque quando eu desabafava só sabiam julgar, por isso eu faltava tanto!” (Isabel, 18 anos). Já outros se sentem melhor vindo à escola do que ficando em casa: “eu me sinto bem vindo pra escola e saindo de casa porque lá é que tão os problemas.” (Pedro, 17 anos).

Portanto, é comum notarmos como fator predominante entre os jovens que se autolesionam um baixo desempenho escolar no que diz respeito a notas e frequência, traçado a

partir de um perfil e análise de hábitos comuns desse público, como poderemos constatar nas discussões posteriores.

1.2. O perfil dos jovens que se cortam

Nesta pesquisa foram entrevistados vinte jovens, sendo dezoito mulheres e dois homens, que já praticaram ou ainda praticam a autolesão corporal selecionados a partir do perfil da temática. Foi aplicado um questionário composto por vinte e quatro questões que buscam delinear um perfil desse jovem passando por diferentes eixos, como: idade, cor, escolaridade, classe social, renda, configuração familiar, orientação sexual, entre outras características. Almejamos compreender a relação desses sujeitos com as demais instituições sociais e a relação deles mesmos com o próprio corpo, para isso foi necessário fazer uma pesquisa acerca dos seus posicionamentos e opiniões a respeito da temática. Ainda com esse intuito, também foram coletadas fotos cedidas pelos interlocutores, algumas tiradas no momento da entrevista, outras enviadas por eles a partir dos seus arquivos pessoais por livre e espontânea vontade. Por meio da assinatura do termo de consentimento de pesquisa eles ficaram cientes dos fins de utilização das fotos e das informações colhidas pelo questionário, além de ficarem assegurados do anonimato e das precauções para impossibilitar a identificação dos jovens.

Posteriormente, foram feitas perguntas sobre o fenômeno de pesquisa, tais como: o perfil desses jovens, há quanto tempo se cortavam, em quais partes do corpo se cortam, os motivos dos primeiros cortes, como foi a primeira experiência, quais os instrumentos utilizados para os cortes, qual era a sensação no momento da prática, como ou com quem descobriram a autolesão, se possuem amigos que também se cortam, sua relação com a família e escola, e qual o posicionamento dessas instituições a respeito, entre outros questionamentos. Também buscamos compreender a relação desses jovens com o próprio corpo, os sentidos que as marcas e cicatrizes revelam para eles, os preconceitos e rumores que ouvem acerca desses cortes, assim como em relação aos colegas que também se cortam. Algumas perguntas foram respondidas de forma superficial, outras trazendo dolorosas lembranças, já outras, embora respondidas, eram repletas de dúvidas e incertezas, principalmente aquelas referentes às suas identificações e sexualidades.

Na busca pela construção da sua personalidade, o jovem tenta conciliar e compreender a constante metamorfose do seu corpo, corporal e fisiológica, e, ao mesmo tempo, começa a ter um amadurecimento da percepção sobre as transformações estruturais da sociedade e um desprendimento da instituição familiar em prol da sua independência financeira e pessoal. São

muitas transformações em um curto período de tempo, acompanhadas por infinitos questionamentos.

No entanto, a sociedade permite aos jovens um certo tempo para traçar seu futuro e definir rotas, uma margem de tolerância para experimentar, errar, corrigir, ensaiar e, até mesmo, tomar decisões que nem sempre serão convenientes e convictas, a chamada moratória social, ou seja, um lapso temporal que permite ao jovem postergar as exigências da vida adulta e experimentar papéis para ir construindo sua identidade tendo uma certa condescendência da sociedade.

Segundo Groppo, esse período é similar a um crédito ou excedente, “a moratória social torna-se um período da vida em que se permite postergar diversas exigências sociais – tais como trabalho, matrimônio, ter filhos e formar o próprio lar – e em que há uma especial tolerância para com o comportamento juvenil.” (GROPPO, 2015, p.18). No entanto, a moratória social também é vivida de forma desproporcional e desigual na sociedade, visto que pode ser ausente ou presente na vida dos jovens, dependendo da classe social de que são oriundos. Para as classes populares, esse período de moratória social é quase inexistente, o tempo livre que têm pode ser utilizado para adentrar precocemente o mercado de trabalho e ganhar dinheiro, assumir responsabilidades e contribuir para o sustento da família, sem brechas para tolerância, erros, atitudes inconsequentes ou preparação para a vida adulta.

Para os jovens, o corpo é peça fundamental na construção da sua identidade, pois é através do corpo que são vistos, reconhecidos e expressam suas subjetividades. Segundo Hall (2006), para o sujeito contemporâneo as identidades são múltiplas, instantâneas e dinâmicas, mudam constantemente em meio às relações sociais nos sistemas culturais que nos rodeiam. Diante desse processo de construção de identidades podemos notar, a partir dos dados coletados na pesquisa de campo, as incertezas sobre questões relacionadas às identidades e perfil desses jovens.

Era comum que eles tivessem dúvidas ao responderem determinadas perguntas, principalmente em relação à orientação sexual e à religião, pois são identificações, gostos, amores e valores que ainda estão em constante construção. Porém, foi possível delinear que esses estudantes já se cortam há mais de dois anos, um terço diz não pertencer a religião nenhuma, e doze do total de vinte entrevistados definem sua orientação sexual como heterossexual, os demais se ramificam entre bissexuais, lésbicas e gay. Mais da metade são beneficiários do programa Bolsa Família¹⁰, de origem humilde e com uma renda familiar de,

¹⁰ “O Bolsa Família é um programa da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (Senarc), que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. Ele foi criado em outubro de 2003 e possui três eixos principais:

no máximo, um salário mínimo. Essas informações são importantes, pois nos ajudam a compreender a complexidade de suas atitudes, relação com a escola, hábitos e estilos de vida, condutas e comportamentos, relações de amizade e afetivas, entre outros fatores. A tabela a seguir é um breve panorama do perfil dos nossos interlocutores, no entanto, é válido ressaltar, os nomes dos jovens são fictícios, de forma a preservar suas identidades:

Tabela 1 – Tabulação de dados dos entrevistados.

ENTREVISTADO	IDADE	COR/ETNIA	ESCOLARIDADE	ORIENTAÇÃO SEXUAL	RELIGIÃO	CONFIGURAÇÃO FAMILIAR ¹¹
1. Cristina	15 anos	Morena	2º ano	Heterossexual	Católica	Família reconstituída
2. José	16 anos	Negro	1º ano	Heterossexual	Católica	Família monoparental
3. Maria	15 anos	Parda	1º ano	Heterossexual	Evangélica	Família reconstituída
4. Nívea	17 anos	Parda	3º ano	Heterossexual	Católica	Família nuclear tradicional
5. Pedro	17 anos	Negro	3º ano	Heterossexual	Não tem	Família monoparental
6. Antonella	17 anos	Branca	3º ano	Heterossexual	Não tem	Família reconstituída
7. Leila	14 anos	Branca	2º ano	Heterossexual	Evangélica	Família nuclear tradicional
8. Margarida	17 anos	Negra	3º ano	Heterossexual	Católica	Família monoparental

Complemento da renda, que garante o alívio mais imediato da pobreza; acesso a direitos, oferecendo condições para as futuras gerações quebrarem o ciclo da pobreza, graças a melhores oportunidades de inclusão social; e articulação com outras ações a fim de estimular o desenvolvimento das famílias.” FONTE: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia>

¹¹ Segundo Santos (2017), com base no Censo de 2010 do (IBGE), “destacamos, para além do modelo tradicional de família hegemônica, outros três tipos de arranjos familiares, como: a família monoparental (formada apenas por uma mãe ou um pai e filhos), a família reconstituída (formada pela união de pais ou mães separadas/ divorciadas com filhos de casamentos anteriores e/ou atuais) e a família homoparental (formada por dois pais ou duas mães e filhos).” (SANTOS, p.17, 2017)

9. Cintia	16 anos	Branca	2º ano	Heterossexual	Católica	Família nuclear tradicional
10. Suzana	16 anos	Branca	2º ano	Bissexual	Católica	Família nuclear tradicional
11. Nara	18 anos	Parda	3º ano	Heterossexual	Católica	Família nuclear tradicional
12. Sara	16 anos	Parda	2º ano	Heterossexual	Católica	Família nuclear tradicional
13. Rebeca	18 anos	Parda	3º ano	Bissexual	Não tem	Família monoparental
14. Ana	18 anos	Parda	3º ano	Lésbica	Não tem	Família nuclear tradicional
15. Isabel	18 anos	Parda	3º ano	Bissexual	Não tem	Família monoparental
16. Cleber	15 anos	Pardo	2º ano	Gay	Católica	Família monoparental
17. Clara	16 anos	Branca	1º ano	Lésbica	Católica	Família nuclear tradicional
18. Glória	15 anos	Parda	2º ano	Heterossexual	Católica	Família reconstituída
19. Érica	17 anos	Parda	3º ano	Bissexual	Não tem	Família reconstituída
20. Luiza	16 anos	Negra	1º ano	Lésbica	Católica	Família monoparental

Fonte: Própria autora a partir das informações coletadas.

Analisando a tabela acima podemos ter noção do perfil dos nossos jovens interlocutores, podemos perceber que não há uma homogeneidade entre eles, e sim uma pluralidade de sexo, gênero, classe social, cor, religião e outros fatores que torna inviável delimitar um perfil único de jovens que se cortam. Dessa forma, podemos compreender que é um fenômeno dinâmico que atinge diferentes indivíduos na sociedade, como veremos mais à frente, no entanto, focamos aqui apenas nos jovens estudantes.

O modelo ou comportamentos dos jovens que praticam autolesão geralmente segue um padrão básico, mas não fixo, como: frequente uso de roupas compridas, independentemente do clima; excesso de pulseiras e relógios; ataduras ou munhequeiras nos pulsos; não trocam de roupas na frente de ninguém; têm comportamentos mais reservados e normalmente não frequentam piscinas e praias para não pôr biquínis e roupas de banhos que possibilitem que outras pessoas percebam os cortes, além de não permitirem o toque nos braços, que geralmente são os alvos das marcas corporais.

É comum em todos esses jovens um comportamento mais reservado, tímido e inibido. Na sala de aula geralmente não costumam atrapalhar com conversas paralelas, perturbar o desenvolvimento da aula ou desrespeitar colegas e professores. Em sua maioria, também não participam de atividades extraclasse, como teatro, dança, grêmios estudantis, atividades físicas, jogos, grupos de reforço escolar ou participação em disciplinas optativas ofertadas no contra turno. No intervalo, habitualmente lancham dentro da sala de aula ou sentados nos banquinhos no entorno da escola com as poucas amizades que mantêm e que nunca ultrapassam três colegas. Sempre comem da refeição da escola, pois não têm condições de trazer de casa, comprar algo diferente ou seguir uma dieta mais nutritiva e rígida como alguns colegas com melhores condições financeiras.

A rede de amigos desses jovens é marcada por três características: podem ter amigos que tenham o hábito da autolesão em comum, têm amizades que são verdadeiros confidentes e apoio quando necessário e amigos que não se cortam, mas que também não incentivam a prática. E ainda há aquelas raras amizades de escola, que não passam de colegas de sala de aula e compartilham apenas tarefas e trabalhos escolares, mas jamais seus problemas pessoais, cortes e segredos.

Conforme Gonçalves e Silva (2017), a prática da autolesão é mais comum entre as meninas do que entre os meninos. Segundo os autores, o sexo feminino é mais relacionado à fragilidade e à sensibilidade e utiliza o ato de cortar-se como uma maneira de manifestar seus sentimentos, problemas pessoais e frustrações. Já os meninos demonstram seus sentimentos de formas mais intensas e rebeldes, ingerindo bebidas alcoólicas ou usando drogas, mas há aqueles

que se cortam para seguir um estilo musical ou adentrar algum grupo específico. No entanto, vale ressaltar que os papéis de gênero e identidade de gênero são construções socio-históricas produzidas culturalmente e atribuídas às características biológicas, criando masculinidades e feminilidades (LOURO, 2007).

Nesse sentido, esses marcadores de gênero são reforçados pela sociedade e pelas instituições sociais que impõem determinados comportamentos e esperam que os sujeitos sigam esse padrão social, caso contrário, são julgados por suas condutas desviantes, sendo vítimas de misoginia e a homofobia. Debert e Gregori (2008) vm reforçar esse argumento:

Importa salientar que ao tratar de posições de gênero é preciso considerar que, certamente, existem padrões legitimados socialmente importantes na definição de identidades e condutas. Contudo, é preciso ter em mente que eles devem ser vistos como construções, imagens, referências compostas e adotadas de modo bastante complexo, pouco linear e nada fixo. (DEBERT; GREGORI, 2008, p.178)

A partir dos relatos de campo, percebemos que a maior parte do público que se corta são mulheres e não homens, “enquanto a mulher muitas vezes age de maneira solitária e discreta, é comum que o homem o faça sob o olhar de outros, numa clara demonstração de sua virilidade.” (LE BRETON, 2010, p.37). Le Breton enfatiza o fato de homens e mulheres encarnarem papéis sociais tradicionais de forma dual, ou seja, virilidade e fragilidade:

A mulher toma para si a aflição, enquanto o homem se projeta com força contra o mundo. Esses comportamentos, mesmo à margem, reproduzem padrões educativos que impõem ao homem uma demonstração de si, acompanhando os valores tradicionalmente associados à virilidade: agressividade, violência, alcoolismo, excesso de velocidade são por vezes explicitamente valorizados como condutas “viris”. O homem deve demonstrar que está à altura, que sabe enfrentar os desafios, proteger a sua honra, fazer-se respeitar, que ele suporta sua dor ou consegue burlar a lei, se tem uma chance de não ser pego. A mulher internaliza sua consternação, traduzida mais facilmente em fragilidade, indo ao encontro dos critérios de sedução que são impostos a ela. (LE BRETON, 2010, p.36).

Temos majoritariamente um modelo de criação e educação que associa aos homens as tarefas ao ar livre e à liberdade, enquanto às mulheres é reservada a casa, as tarefas domésticas e os cuidados com a família. Dessa forma, a mulher é muitas vezes encarada como um sexo frágil, permeada de sentimentalismo e em busca da perfeição corporal para agradar a sociedade.

O público feminino desta pesquisa aponta como motivos para a prática autolesiva as decepções amorosas, conflitualidades com a própria sexualidade, conflitos com a família, baixa autoestima, rejeição ao corpo, abusos sexuais, rejeição ao modelo de sedução que lhe é imposto, entre outros fatores. Segundo Le Breton (2010, p.37), a mulher “diz exatamente o que está sempre à flor da pele. E que às vezes não aguenta mais, riscando-a com gestos raivosos,

buscando se livrar de uma identidade feminina que cola em sua pele mas que ela não mais suporta”.

Na escola, esses jovens se sentem mais livres para expressar suas opiniões, personalidades, amizades, paqueras e até mesmo a orientação sexual, coisas que em casa boa parte deles não fazem, pois preferem se refugiar dentro do quarto e evitar diálogos com os pais. Alguns frequentam a escola no contra turno, se ocupando em atividades extraclasse com os colegas e amigos para não ficarem em casa. Eles alegam se sentirem desprendidos de determinados padrões e regras familiares na escola.

Por isso, a instituição escolar vem buscando se reciclar e se remodelar diante da diversidade de novidades e conflitos que envolvem seu público-alvo. Dayrell, Moreira e Stengel (2011) citam um estudo de Geraldo Leão sobre o processo de escolarização que aconteceu no Brasil a partir da década de 1990 no ensino médio das escolas públicas, que ocasionou para esses jovens alunos uma oportunidade de projeto de vida diferente das gerações anteriores. No entanto, abrir as portas da escola para todos tornou a escola suscetível às contradições de uma sociedade marcada pelas desigualdades sociais.

Nesse sentido, evidencia o autor, um dos desafios da escola pública é reconhecer o jovem existente no aluno, ou seja, as trajetórias juvenis, suas práticas sociais e culturais, sua relação com o mundo do trabalho, com os amigos e com o lazer, dentre outras dimensões, como condição para compreender os sentidos, motivações, atitudes e práticas que desenvolvem na sua inserção em processos educativos, que é muito diferente dos jovens alunos das gerações anteriores. (DAYRELL; MOREIRA; STENGEL, 2011, p.15)

Tendo em vista a diversidade e pluralidade de jovens, a escola tende a estar aberta a acolher, compreender e até mesmo, em alguns casos, solucionar problemas que atingem alunos e familiares e que, de alguma forma, afetam o rendimento escolar. O fenômeno de autolesão e tentativas de suicídio são casos recorrentes à gestão escolar, que, em alguns momentos, fica de mãos atadas diante de muitos casos complicados e sigilosos para os familiares, como veremos mais adiante.

1.3 Impressões e posicionamentos da gestão sobre os jovens que se cortam

Na tentativa de compreender a relação entre discente e a escola, averiguamos como essa instituição de ensino lida com os casos dos jovens que se automutilam. Para isso, foi necessário abordar esse questionamento no nosso relatório de campo. Por meio desse processo pudemos constatar, na perspectiva desses jovens, que a instituição escolar não trabalha muito em cima

dessa temática pela falta de conhecimento sobre o assunto, falta de políticas públicas de apoio à escola ou mesmo por não saber dos inúmeros casos existentes no âmbito escolar, já que a escola, em geral, fica ciente apenas quando alguns casos se tornam muito conhecidos, chegando ao ponto de ser necessário acionar a família para relatar o problema.

Os casos que alcançam mais visibilidade na escola são aqueles que ‘fogem do controle’ desses jovens, como foi o caso da Clara, de 16 anos, que se automutilava há mais de três anos e meio sem que a família soubesse. Somente recentemente a família e a escola tomaram conhecimento do fato por ela ter feito cortes profundos, pouco antes de vir à escola, e não conseguir controlar o sangramento, apesar do uso de ataduras para disfarçar. Ela pediu ajuda ao professor que estava na sala de aula aos prantos, caso que retraremos mais adiante.

Boa parte deles esconde os cortes e cicatrizes por medo dos julgamentos dos colegas e de alguns professores, impossibilitando, assim, que sejam identificados, como relata Isabel: “A escola tenta dar conselhos, tenta descobrir os motivos dos cortes, mas os alunos nunca falam porque eles não confiam, pois de tanto serem julgados por causa disso eles não confiam mais em ninguém.” (Isabel, 18 anos).

Conseguir extrair esse segredo dos jovens é um embate bastante difícil, visto que a maioria esconde, nega e tem receio em falar sobre o assunto por o considerarem vergonhoso ou um trauma íntimo que causa dor e que não querem que seja revelado. Na maior parte dos casos relatados, podemos constatar que eles sempre acham que não precisam de ajuda e que ninguém deve intervir na situação: “a coordenadora semana passada viu meus braços cortados e me perguntou o que eu tava passando, aí ela disse que eles iriam tomar atitude de chamar um psicólogo, mas eu deixei ela falando só porque eu não preciso de psicólogo.” (Leila, 14 anos). Por conta disso, o psicólogo não foi acionado, mas a jovem foi orientada a procurá-lo.

A temática em questão vem ganhando espaço nos currículos e projetos da escola atualmente, mas há quase um ano era explorada apenas como temática do “Setembro amarelo”, campanha nacional que tem por intuito conscientizar a população sobre as causas do suicídio e sobre as redes de apoio. Atualmente, a escola já promove palestras ministradas por profissional da saúde, no caso uma psicóloga, e a participação da professora de Sociologia, no caso eu, para discorrer sobre a temática de suicídio e autolesão na juventude como tema interdisciplinar nas duas áreas do conhecimento. Nessas ocasiões, algumas turmas são selecionadas, principalmente aquelas com mais casos de jovens que se autolesionam, para assistirem às palestras na própria escola, participando e fazendo questionamentos sobre o tema às palestrantes.

Por ser uma temática transversal, pode ser abordada em sala de aula tanto em redações por professores da área de linguagem, como nas aulas de Sociologia. Isso pode ocorrer, por

exemplo, na perspectiva durkheimiana na clássica obra de Émile Durkheim *O suicídio*, que, quando abordada na aula, desperta o interesse dos alunos: “a professora, na aula de Sociologia, falou sobre se cortar, do suicídio como um fato social que a Sociologia estuda, do preconceito que a sociedade tem dessas coisas, sobre o feminicídio e sobre outras coisas que me fizeram refletir e sentir interesse” (Maria, 15 anos).

A autolesão é vista por alguns professores dessa escola como “modinha”, “falta do que fazer”, “vagabundagem” ou “forma de chamar atenção”, discursos esses que são propagados e internalizados pelos discentes, fazendo com que se sintam culpados e escondam essa prática por medo da repressão e julgamentos. Rebeca enfatiza isso: “muitos se preocupam, procuram conversar, alguns até dão palestra de autolesão suicídio. Mas outros veem como uma modinha falando que é apenas para chamar atenção” (Rebeca, 18 anos). No entanto, não é apenas entre os discentes que o ato está presente, como observou Ana, de 18 anos, que se cortou por dois anos:

Uma professora minha daqui da escola ela viu as cicatrizes e falou assim ‘eu lhe entendo.’ E eu pensei assim ‘como assim cara? Porque?’ E ela falou: ‘eu faço o mesmo.’ E eu perguntei assim: ‘mas porque você faz isso?’ e ela não respondeu. Aí eu comentei né, como era a minha família e ela falou assim ‘mas não faça isso!’ E eu respondi assim: ‘Ué, mas você faz também, ora.’ (Risos) ela não tinha nem como me dar um conselho que nem ela segue né.” (Ana, 18 anos)

Como podemos constatar, a autolesão é um fato que acomete não somente jovens, mas também adultos, como citado acima por uma aluna, um caso de uma professora dessa mesma instituição que também se corta ou se cortava, não averiguamos o caso. Dinarmarco (2011, p.16) salienta: “o fenômeno de automutilação é complexo, pois o mesmo tipo de ritual de automutilação pode ser observado em pessoas de personalidade perversa, psicóticas, borderlines¹², ou com neuroses graves.” Logo, podemos perceber que se trata de um fenômeno que atinge diferentes categorias, gêneros, classes sociais, idades e profissões, sem distinções. Porém, cada caso deve ser visto e analisado por diferentes ângulos, haja vista que esse fenômeno afeta tanto jovens como adultos e pode ser visto como uma expressão, consequência, gesto ou até mesmo sintoma de transtornos ou condições, mas não nos cabe aqui enquadrar ou diagnosticar, pois essa função é apropriada a uma perspectiva clínica.

¹² O Transtorno de Personalidade Borderline - TPB é caracterizado por um padrão generalizado de instabilidade e hipersensibilidade nos relacionamentos interpessoais, instabilidade na autoimagem, flutuações extremas de humor e impulsividade. O diagnóstico é por critérios clínicos. O tratamento é com psicoterapia e fármacos. Fonte: <https://www.msmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-borderline-tpb>

Como havíamos relatado, esses casos são bastante camuflados no ambiente escolar e, quando aparecem, quase não se destina um olhar diferenciado sobre esses jovens. Alguns episódios já foram presenciados na sala de aula, mas não chegam ao conhecimento da gestão, como uma ocorrência de Pedro que se cortou durante a aula com o estilete:

Eu já me cortei na sala de aula. Era aula de história, aí eu peguei o estilete e comecei a me cortar nos braços, aí as pessoas viram e começaram a zoar e a professora só falou “valha, menino porque tu faz isso?” Quando eu tava me cortando ela viu o sangue descendo, aí ela perguntou porque eu tava fazendo aquilo, que aquilo era perigoso, ela ficou assim surpresa, mas depois só continuou a aula normalmente e me ignorou daí os outros começaram a debochar mandando eu me cortar no pescoço, “se enforcar logo”, “corta na veia vertical que é bem rapidinho”, essas coisas que marcam a gente. (Pedro, 17 anos)

O núcleo gestor da escola, sob nova gestão escolar, ainda não ideia do total dos casos, tendo em vista que, como já foi argumentado, são casos de difícil detecção por encontrarmos certa resistência e negação por parte dos alunos. Procuramos o núcleo gestor para ouvir sua versão dos fatos e saber como a escola tenta lidar com os casos que chegam até a coordenação escolar. Segundo o Diretor escolar na escola Maria Marina:

Geralmente, a gestão toma conhecimento de casos de automutilação quando algum docente chama atenção e pede auxílio para o discente que apresenta sintomas como infrequência, choro, isolamento, tristeza e agressividade. Ao tomar ciência do fato, o gestor, em termos gerais, encaminha o caso ao diretor de turma, caso haja, para que faça um diagnóstico da situação. Após o diagnóstico, o gestor chama o discente para uma conversa e, em seguida, o responsável, para que tome providências e orienta para que a família procure atendimento especializado. É de nosso desejo que o caso seja resolvido, porém, a escola não possui em sua estrutura um profissional adequado que possa sanar esses casos. Momentos coletivos (palestras) são proporcionados com a temática no sentido de atuar na prevenção desses casos. Outros casos são encaminhados ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) do Município por intermédio do gestor. Infelizmente, essa temática se constitui em fator que favorece a evasão escolar. Porém, aquilo que está ao alcance da gestão é feito. (Diretor escolar, 2019)

Geralmente nós sabemos desses casos através das observações quando percebemos o uso de muitas roupas ou outros comportamentos e também pelos professores que estão diretamente ligados aos jovens que nos relatam. E o que fazemos é chamar o aluno ou aluna pra uma conversa para que espontaneamente eles nos relatem e assim tentar que esse jovem possa nos autorizar a chamar a família. Já temos casos que eles nos autorizaram, em parceria com alguns professores da escola, para que comunicasse com as famílias e geralmente esses familiares buscam um acompanhamento. É uma situação bem complexa, primeiro porque nós não temos um acompanhamento de psicólogos, por exemplo, na nossa escola e acaba que fica sob nossa responsabilidade essa questão e nós não temos o preparo adequado. Entretanto, sempre buscamos resolver pelo diálogo e pela conversa. (Coordenadora pedagógica, 2019)

A gestão escolar tenta encontrar um equilíbrio entre escola, famílias e alunos em prol da solução de alguns problemas escolares que vem prejudicando o rendimento escolar dos discentes, tanto por fatores externos como internos, e busca estratégias por meio de parcerias

com órgãos ligados à assistência social e saúde, além de professores que têm sensibilidade e interesse pela temática.

A CREDE 05, localizada em Tianguá, conta apenas com uma psicóloga para cobrir a demanda de todas as escolas estaduais pertencentes à CREDE, que atende nove municípios: Carnaubal, Croatá, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, Ipu, São Benedito, Ubajara, Tianguá e Viçosa do Ceará. Diante de tal demanda é quase impossível realizar consultas particulares em casos delicados, o máximo que a profissional pode fazer é realizar palestras e formações coletivas para profissionais da educação ou para comunidades escolares para ajudar a lidar com alguns problemas que assolam o cotidiano escolar. Tentamos entrevistas várias vezes com duas psicólogas que passaram pela CREDE 05, mas foi inviável, pois demonstraram pouco interesse pela temática e também receio de falar dos casos por meio de uma entrevista.

Sant’Ana (2019) salienta a importância de uma equipe escolar orientada por um profissional da psicologia que poderá realizar uma análise do contexto educativo, informar e conscientizar a equipe escolar sobre casos de autolesão, assim como identificar a gravidade das práticas autolesivas, como a probabilidade de suicídios ou transtornos comórbidos, visto que em casos dessa magnitude são necessários encaminhamentos para acompanhamento terapêutico. Procuramos a psicóloga associada à CREDE 05 para nos conceder uma entrevista sobre a temática, porém ela impôs muitas dificuldades e empecilhos na contribuição para este trabalho, impossibilitando nos conceder mais informações relevantes sobre o fenômeno em outras escolas da região. O profissional da psicologia no contexto escolar pode contribuir ainda para orientar os profissionais da educação no que diz respeito às práticas de reconhecimento de sinais físicos e emocionais que possam envolver comportamentos autolesivos:

Salientam ainda que os sinais físicos podem abranger cicatrizes ou cortes, manchas de sangue nas vestimentas, roupas inadequadas para o clima do local, posse de objetos cortantes ou pontiagudos, dentre outros. Os sinais emocionais frequentemente envolvem dificuldade ou incapacidade de lidar com emoções, medo exacerbado, raiva, ansiedade, depressão ou isolamento social, ou mesmo registros escritos sobre temas como tristeza, sofrimento ou danos físicos. (SANT’ANA, 2019, p. 130)

Sant’Ana (2019) aponta a necessidade de os educadores compreenderem tais comportamentos juvenis, que não podem ser classificados como simples condutas para chamar atenção, mas sim como um mecanismo para resolver seus conflitos, e que não necessariamente significam que o indivíduo esteja à margem de um suicídio, no entanto ele pode estar fragilizado e em perigo, precisando de ajuda. Daí a necessidade, diante de tais casos, de relatar para a família e órgãos oficiais, como o Conselho Tutelar, para que ajam conforme o Estatuto vigente. Dessa forma, são essenciais ações conjuntas dos profissionais da educação e da comunidade

escolar com instituições e órgãos oficiais capacitados e preparados para lidar com os diversos problemas que surgem no âmbito escolar.

Recentemente, as instituições de ensino no Brasil podem contar com uma lei sancionada pelo governo federal que criou uma política nacional de prevenção à autolesão e ao suicídio, a Lei 13.819 de 2019, a ser implementada pela União, pelos Estados, pelos Municípios e pelo Distrito Federal em parceria com instituições públicas, privadas e sociedade civil. Essa lei foi fruto de muitas reivindicações e mobilizações de diversas áreas da sociedade para promoção de políticas públicas que lutassem e se sensibilizassem com essa temática, buscando garantir assistência psicossocial, além de formas de prevenção e fomentação de políticas de promoção da saúde mental para a população.

No inciso quinto da lei em questão, indica-se que os estabelecimentos de ensino, sejam eles públicos ou privados, devem informar e treinar os profissionais da educação para que, quando deparados com casos de autolesão, possam implementar os procedimentos necessários para notificar e recorrer às seguintes instâncias:

Art. 6º Os casos suspeitos ou confirmados de violência autoprovocada são de notificação compulsória pelos:

I – Estabelecimentos de saúde públicos e privados às autoridades sanitárias;

II – Estabelecimentos de ensino públicos e privados ao conselho tutelar.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, entende-se por violência autoprovocada:

I – O suicídio consumado;

II – A tentativa de suicídio;

III – O ato de automutilação, com ou sem ideação suicida.

§ 2º Nos casos que envolverem criança ou adolescente, o conselho tutelar deverá receber a notificação de que trata o inciso I do caput deste artigo, nos termos de regulamento.

§ 3º A notificação compulsória prevista no caput deste artigo tem caráter sigiloso, e as autoridades que a tenham recebido ficam obrigadas a manter o sigilo. (BRASIL, Lei 13.819 de 2019)

Como podemos constatar, a lei está em vigor e, apesar de ainda pouco conhecida, já é uma boa iniciativa para abordar e pensar esse fato recorrente e presente em muitas escolas na atualidade. O núcleo gestor, diante dos casos que chegam constantemente à coordenação, tenta manter um vínculo contínuo com o Conselho Tutelar e o Centro de Atenção Psicossocial - CAPS municipal de modo a formar uma rede de apoio e auxílio em situações delicadas que envolvem as famílias, como casos de tentativas de suicídio, estupro ou assédio.

Além da referida lei, as escolas da educação básica ainda podem contar com a Lei 13.935/2019¹³, promulgada pelo governo federal e publicada no Diário Oficial da União (DOU) no dia de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a disponibilização dos serviços de

¹³ Fonte: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-13.935-de-11-de-dezembro-de-2019-232942408?inheritRedirect=true&redirect=%2Fweb%2Fguest%2Fsearch%3FqSearch%3DLei%252013.935%25202019>

psicólogos e assistentes sociais para atender às peculiaridades, necessidades e prioridades e desenvolver ações a partir do Projeto Político Pedagógico-PPP da escola. No entanto, ainda não é possível obter resultados do gozo dessa lei, visto que ainda é muito recente.

Tendo isso em vista, buscaremos, no capítulo a seguir, compreender as vivências e experiências do corpo e dos cortes entre os jovens, além dos sentidos dessa prática para os interlocutores.

CAPÍTULO 02: CORPOS MARCADOS: RELATOS DA VIVÊNCIA DO CORPO PARA OS JOVENS

O corpo para o jovem é um espaço de vivências, experiências e comunicação, é um fator semântico em constante transformação e adaptação. Para Le Breton “o corpo é um objeto imperfeito, um rascunho a ser corrigido” (2003, p.10) dispõe hoje do mesmo corpo e recursos físicos do homem neolítico, mas não os usa. Antigamente, a relação com o mundo era a relação com o corpo, logo, ele estava em constante movimento e uso, no entanto, com o avanço da modernidade, as habilidades, mobilidades, resistências e competências do corpo caíram em desuso, na medida em que o consumo físico foi dando espaço ao consumo nervoso com a vida na cidade e suas infinitas demandas, correrias e estresse.

As máquinas e veículos são como próteses técnicas do dia a dia que poupam o ser humano de subir escadas, caminhar e se locomover, fazendo com que os recursos musculares só sejam testados em academias, criando assim uma “humanidade sentada” e um corpo como excesso (LE BRETON, 2003, p.20). Na sociedade grega antiga o estigma simbolizava a alienação e exclusão do outro, já atualmente a marca corporal ostenta o pertencer a si próprio, ao alcance da mão, em que o indivíduo detém total soberania e autonomia sobre si mesmo para delinear e marcar o seu corpo, depositando suas intenções e sentimentos em marcas corporais, sejam elas tatuagens, piercings, escarificações, mutilações ou perfurações na pele.

Nesse sentido, o corpo vem ganhando notoriedade nos últimos tempos, tanto como foco de pesquisas quanto como alvo de intervenções psíquicas ou estéticas, “assim, o mal-estar da atualidade atinge, principalmente, o corpo, tendo em vista que os processos psíquicos de simbolização estão, cada vez mais, escassos.” (MACEDO *et al.*, 2009, p. 98). As modificações corporais fazem parte da vida dos jovens, pois são vistas “como uma maneira de imprimir por meio de uma marca corpórea, sua singularidade no cenário contemporâneo” (MACEDO *et al.*, 2009, p.98), bem como determinar sua presença no mundo com suas peculiaridades, subjetividades e personalidades.

Neste capítulo abordaremos as modificações corporais na juventude, os ritos de transição em diversas sociedades, o sentido da prática de autolesão para os jovens que a praticam, as técnicas corporais utilizadas frequentemente por eles e o uso das redes sociais como forma de interação e socialização de fotos e mensagens relativas a esta prática.

2.1 Um corpo para marcar: estudos sobre as modificações corporais na juventude

As mudanças corporais têm significados históricos, culturais e também geracionais e para entender esses diferentes sentidos nos debruçaremos um pouco sobre diversas perspectivas de transformações e intervenções corporais ao longo da história e também alguns pontos de vista discursivos sobre o fenômeno.

As modificações corporais são condutas antigas e comuns na história da humanidade, conforme nos lembra Goffman (2017), os gregos utilizavam sinais corporais como recursos visuais para marcar uma pessoa e estigmatizá-la socialmente de forma negativa, como era o caso dos escravos, criminosos e traidores que carregavam no corpo sinais de cortes ou fogo, e que, por isso, eram evitados, principalmente em locais públicos.

Como será possível analisar a seguir, não há consenso no meio acadêmico em relação aos significados da terminologia, mas usaremos a palavra “autolesão” apenas por uma questão etimológica. De acordo com Lang, Barbosa e Caselli (2009, p.6), “A palavra mutilação vem do latim *mutilatio*, que significa “ato de mutilar, de cortar um membro”, e ainda “ação de truncar ou cortar”, ou seja, vem do verbo *mutilare*, “truncar as palavras, diminuir, reduzir a menor, encurtar” e de *mutilus*, “aleijado”.”. Arcoverde (2013) ressalta que o termo *automutilação* é geralmente associado a ferimentos mais graves e até mesmo à amputação de algum membro do corpo, já a *autolesão* é tida como ferimento de menor gravidade. Segundo a autora, nos Estados Unidos e no Reino Unido há uma distinção entre os termos “*self-harm*” ou “*self-injury*” (autolesão) e “*self-mutilation*” (automutilação) correspondente à extensão da lesão corporal e aos sentidos que os sujeitos atribuem a essa lesão.

Conforme Sant’Ana (2019), a OMS e a classificação de doenças e problemas relacionados à saúde catalogou, em 2008, a autolesão não suicida como uma doença caracterizada por atos intencionais, repetitivos e estereotipados e comportamentos autolesivos ou automutiladores que incluem as seguintes atitudes “bater a cabeça, esbofetear a face, colocar o dedo nos olhos, cortes, queimaduras, morder as mãos, os lábios ou outras partes do corpo.” (SANT’ANA, 2019, p. 124)

Pires (2003) aponta que a grande diferença entre as sociedades tribais e as sociedades contemporâneas é a relação que ambas estabelecem entre o tempo e as primeiras marcas corporais nos indivíduos. Nas primeiras sociedades, as marcas fazem parte de um ritual de passagem geralmente determinado pela idade, ou seja, há um momento cronológico em que a marca é feita, o qual é determinado pela cultura da comunidade, essa marca visa o

amadurecimento físico, emocional e espiritual do indivíduo. As pessoas atingidas têm em comum não somente marcas corporais, mas um emaranhado de valores religiosos, culturais e sociais compartilhados.

São inúmeras técnicas que viabilizam que o indivíduo obtenha características simbólicas de identificação e diferenciação aplicadas ao corpo mediante cortes, queimaduras, procedimentos clínicos ou perfurações. Podemos elencar: “o piercing, a tatuagem, a escarificação e o implante estético” (PIRES, 2005, p. 77). A escarificação, (*scar* = cicatriz) fazia parte de rituais de transição de tribos aborígenes que utilizavam técnicas para cortar a pele profundamente a fim de que, no processo de cicatrização, ela ficasse em alto-relevo, formando cicatrizes permanentes para marcar ou castigar corpos com a finalidade de embelezamento ou por questões espirituais.

No meio urbano as escarificações podem ser associadas às tatuagens feitas por um profissional chamado tatuador. Porém, na contemporaneidade, as formas de escarificação da pele no meio urbano também incluem o *cutting* ou *cutter*, que é um termo utilizado para denominar as pessoas que se automutilam espontaneamente por meio de objetos cortantes como lâminas, estiletes ou navalhas:

Cutter pode ser traduzido como “cortador”, ou “pessoa que corta”. Assim, em português, a palavra adquire um significado interessante, fazendo referência a alguém que é um corta-dor, que corta a dor. A palavra cortar deriva do latim *curtare*, “tornar curto, diminuir”, de *curtus*, “reduzido, cortado, diminuído”. Em relação aos automutiladores, poder-se-ia considerar uma tentativa de cortar, no sentido de diminuir a dor, torná-la reduzida, porém o paradoxo reside no fato de que isto acontece infligindo dor a si próprio. (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2009, p.6)

O significado das modificações e intervenções corporais possui diferentes interpretações de acordo com a cultura à qual a prática está integrada e a posição social de quem as interpreta. Segundo Arcoverde (2013), não existem saberes absolutos e, como em todos os campos do conhecimento, a prática da autolesão pode ter múltiplas concepções dependendo do ponto que está sendo analisado. Para os juristas, psicólogos, médicos ou religiosos esse mesmo fato pode ser analisado sob diferentes vertentes, resultando nas mais variadas discussões, sendo que cada sociedade e cada cultura produzem sentidos e significados sobre o corpo e também discursos peculiares a respeito de intervenções legitimadas que podem ou não ser realizadas, atrelando, assim, um espaço de poder ao corpo.

Lang, Barbosa e Caselli (2009) concluíram em seus estudos que, ao longo da história, homens e mulheres sempre decoraram suas peles e alteraram seus corpos por infinitas razões para alcançar objetivos, tais como: se tornar mais bonitas ou atraentes, buscar o perdão das divindades por meio de castigos e punições corporais, aprovação da sociedade e padrões

estéticos, adquirir status social, ingressar em tribos ou grupos, provar a capacidade de suportar a dor, provar a virilidade, entre outras. Algumas marcas corporais como as “tatuagens, os piercings e as mutilações tinham diferentes funções conforme a cultura, mas, de modo geral, eram usados como símbolo de pertença a uma tribo, amuleto de proteção ou símbolo de iniciação e reconhecimento social.” (MACEDO *et al.*, 2009, p. 97).

Costa (2003) aponta que as marcas corporais sempre fizeram parte da nossa história, tanto em uma perspectiva religiosa como cultural, por meio dos ritos de passagem ou iniciação. Cortar a própria pele de forma intencional, em algumas sociedades, foge da normatividade social de precaução da dor, já em outras culturas as escarificações fazem parte do processo de construção de identificações e pertencimentos.

Todavia, um corpo mutilado ou autolesionado se contrapõe ao biopoder e aos mecanismos de poder e disciplina dos saberes normativos legitimados (FOUCAULT, 1988), pois esse biopoder incita práticas saudáveis para um corpo politicamente dócil e economicamente útil, que não represente oposição ao poder e sirva ao sistema capitalista. Para Foucault, o poder não está concentrado em um ponto específico, e sim em uma rede de relações circular por meio de “micro poderes” na estrutura social, em que, ao controlar, vigiar e disciplinar os corpos “cria-se uma sociedade normalizadora, resultado de uma tecnologia de poder centrada na vida” (ARCOVERDE, 2013, p.12).

Dessa forma, a autolesão constitui-se uma prática que foge dos parâmetros de controle e vigilância de um corpo dócil, útil, saudável e disciplinado, na medida em que transgredir as regras normalizadoras da nossa sociedade em relação aos cuidados com o corpo e com a saúde. Para Arcoverde (2013), a autolesão se contrapõe à aceitação social e à vigilância do Estado sobre o corpo, adquirindo uma face de transgressão social, afrontando a existência e escapando das normas sociais e da dominação.

Para alguns, esses jovens que se autolesionam são considerados desviantes do perfil de comportamento que se espera ter socialmente e que é tido como “normal”. Na concepção de Becker (2008), em uma abordagem interacionista proveniente da Sociologia do desvio surgida na Escola de Chicago no final do século XIX, o desvio é considerado uma infração de uma norma ou regra socialmente estabelecida, dessa forma:

Os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui o desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotulá-las como outsiders. Desse ponto de vista, o desvio não é uma qualidade do ato que a pessoa comete, mas uma consequência da aplicação por outros de regras e sanções a um ‘infrator’. O desviante é alguém a quem esse rótulo foi aplicado com sucesso; o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal (BECKER, 2008, p. 22).

Esse corpo que não segue uma norma, padrão ou regra estabelecida pela coletividade é denominado como um *outsider*¹⁴, pois não é capaz de cumprir as normas definidas pelos grupos sociais, logo, é rotulado como desviante. No entanto, é importante frisar que essas regras são socialmente construídas por grupos sociais economicamente e politicamente privilegiados, que impõem esses comportamentos rotulados como “certo”, “errado” ou desviante, condicionando a aceitação por outros indivíduos como uma forma de controle social. Essas características ou comportamentos, tidos como desviantes, pode ser desde a conduta social até as vestimentas dos indivíduos.

As transformações nas vestimentas, cabelos e marcas corporais são recorrentes entre os jovens. O corpo é visto como um campo de expressão de personalidades e sentimentos. Assim, modificações corporais são práticas bastante comuns em diversas culturas, cada uma com sua simbologia e significações. Em algumas tribos, elas constituem rituais de passagem ou mudanças de fase, em outras culturas podem significar o ingresso em grupos ou uma forma de expressão e o corpo é um instrumento utilizado de múltiplas formas, gestos e marcas para expressar a subjetividade do sujeito. Para Lang, Barbosa e Caselli (2009)

Em todas as culturas, ao longo da história, homens e mulheres decoraram suas peles e alteraram seus corpos por muitas das mesmas razões que as pessoas dizem ter hoje em dia: para se sentirem melhor, para se tornarem mais bonitas e sexualmente atraentes, para buscar o perdão ou aprovação da divindade, para adquirir status social ou participação tribal, para testar a resistência e capacidade de suportar a dor, para intimidar os inimigos, para se livrar do mal ou de alguma doença, ou simplesmente para se punir. (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2009, p.3)

Nesse sentido, os ritos de transição para a vida adulta são realizados por circunstâncias de provação de resistência, dor e tortura, podendo envolver marcas físicas e escarificações pelo corpo para preparar o indivíduo para a nova fase que terá novos desafios e atestar sua coragem e determinação. Biologicamente, o nosso corpo passa por transformações e mudanças físicas que vão delimitando fases da vida como o crescimento, nascimento de pelos pubianos, barba, menstruação, cabelos brancos etc.

Todavia, existem aqueles ritos de transição ou marcas corporais que têm um significado especial, que podem portar um ato de sacrifício, valor estético, dor ou resistência e virilidade. Segundo Costa (2014), em algumas sociedades tribais há rituais a cada nascimento ou morte dos membros do grupo, “o ritual coloca em causa a passagem de um estado a outro, o que diz respeito à transposição de uma perda.” (COSTA, 2014, p.12).

¹⁴ “Aquele que se desvia das regras do grupo” (BECKER, 2008, p.17)

As marcas corporais, *piercings*, escarificações ou tatuagens, sempre fizeram parte da história da humanidade, inclusive como resultado de desprestígio para demarcar uma classe ou um povo. Assim, na Idade Média, as marcas corporais tinham o significado de marginalidade ou de infâmia e estabeleciam uma desonra ou regra social (COSTA, 2014). Para os jovens que se autolesionam cada corte ou cicatriz não é feito de forma avulsa, eles são portadores de sentidos e significados que marcam ou representam um emaranhado de sensações de um momento perturbador.

Assim sendo, a autolesão corporal é histórica e cultural e também um enigma a ser decifrado por algumas áreas do conhecimento. Para as ciências médicas a autolesão também pode ser vista como sintoma de transtornos mentais, por exemplo: Transtorno de Personalidade, *Borderline*, Transtorno de Escoriação, depressão, esquizofrenia, amnésia dissociativa, distúrbios alimentares, transtornos de ansiedade, Transtorno Dissociativo de Identidade, estresse pós-traumático, transtornos dissociativos, entre outros. Ainda há dificuldade no diagnóstico e na padronização da terminologia no Brasil e, entre os termos utilizados pelos profissionais da saúde para se referir às pessoas que se machucam voluntariamente de diversas formas, “é possível encontrar os termos automutilação, autolesão, autoflagelação, escarificação, escoriação, marcas corporais, entre outros.” (ARAÚJO *et al*, 2016, p. 511).

Portanto, o corpo é visto como uma tela em que são pinceladas as emoções e pensamentos do jovem, que, nesse instante, silencia, mas fala por meio dos seus cortes, em que cada corte expressa uma mensagem, uma dor da alma que a boca não pode falar e o tempo ainda não curou. Nesse momento, o corpo funciona como meio de comunicação capaz de escrever histórias, mas incapaz de verbalizar o que sente, corporificando, assim, suas dores em cicatrizes: “[...] a autolesão acaba proporcionando uma expressão concreta para a dor, uma linguagem escrita no corpo, através de sangue, feridas e cicatrizes.” (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2009, p.07). A pele, para Le Breton, é:

Uma tela onde projetamos uma identidade sonhada, como no caso da tatuagem, do *piercing* ou das inúmeras maneiras de encenar a aparência que regem as nossas sociedades. Ou pelo contrário, ela encarcera em uma identidade insuportável da qual desejamos abdicar, tendo como testemunha as lesões corporais deliberadas. (LE BRETON, 2010, p.26)

Ainda de acordo com Le Breton (2012), o corpo é um vetor semântico, ou seja, um transmissor de significados e sentimentos moldados pelo contexto social e cultural. Dessa forma, o corpo para os nossos jovens é um espaço de sentimentos, linguagem, experiências e comunicação com o mundo que lhes permite comunicar seus sentimentos, “tenho consciência do mundo por meio de meu corpo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 203). Como enfatiza a

jovem Cristina: “meu corpo é meu diário pessoal que eu posso escrever minhas angústias sempre que preciso desabafar!”.

O corpo é a baliza identitária e a pele é o maior e mais visível órgão do ser humano, que separa e liga o sujeito do mundo, intermediando os sentimentos pessoais e as transformações socioculturais: “[...] o corpo é a interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico.” (LE BRETON, 2012, p. 92). O autor também nos auxilia a entender o significado da anatomia e a fisiologia do corpo humano como um espaço de expressões e significados, fruto de um contexto histórico, político e cultural que pode ser vivido de diferentes formas:

O corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perspectivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção de aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc. (LE BRETON, 2012, p. 9)

Na concepção de Louro (2000, p. 8), “Os corpos são significados pela cultura e, continuamente por ela alterados”, logo, o corpo é um lugar de experiências subjetivas e fruto de imposições culturais, em que cada marca possui seu significado e representatividade, construído por linguagens e relações de poder. As marcas corporais ou intervenções corporais variam de acordo com a finalidade, que pode ir de questões estéticas até práticas medicinais, pois “[...] o corpo se altera com a passagem do tempo, com a doença, com mudanças de hábitos alimentares e de vida, com possibilidades distintas de prazer ou com novas formas de intervenção médica e tecnológica.” (LOURO, 2000, p. 8).

Le Breton (2012) aponta que as pesquisas sociológicas privilegiam apenas as ações do corpo, mas o corpo em si pouco é tratado, haja vista que somente a partir dos últimos trinta anos a sociologia aplicada ao corpo começa a se desenvolver e temáticas como essa passam a ser objeto de investigação. Para Le Breton, “corporeidade é socialmente construída” (2012, p.19), ou seja, o homem não é produto do corpo, mas o resultado de interações com outros sujeitos socio-históricos dentro de um campo simbólico, não havendo separação entre ambas as instâncias. Do ponto de vista do autor, o papel da Sociologia ou Antropologia é compreender a corporeidade dentro da estrutura simbólica e da trama social de sentidos.

Segundo Louro (2000), o corpo se altera com a passagem dos anos e com os hábitos alimentares, por meio de doenças, intervenções médicas e tecnológicas, porém, nos casos de autolesão, o corpo é modificado instantaneamente e espontaneamente pelo próprio sujeito, dando-lhe um sentido e fazendo dele um diário pessoal no qual são escritos os anseios, angústias e problemas pessoais que o indivíduo possa ter passado durante o dia, alterando e marcando seu

corpo por meio de lâminas e navalhas. Como ressalta Luiza, de 16 anos, “o corpo é meu, ele é feito para marcar, modelar, arrumar e eu poder escrever nele tudo o que sinto!”.

Como podemos analisar, o corpo é um vetor semântico tido como diário pessoal para transcrever as emoções e sentimentos desses jovens em busca da superação ou amenização das suas dores internas, por isso, a justificativa para os cortes. A seguir, poderemos notar o que esses cortes significam para esses sujeitos.

2.2 Técnicas corporais: Trocando uma dor emocional por uma dor física

As técnicas corporais estudadas por Marcel Mauss (1974) remetem à forma como tradicionalmente a sociedade transmite sua marca nas pessoas e como essas pessoas absorvem essas técnicas e utilizam seus corpos na sociedade. Segundo o autor, nossas práticas corporais são frutos das normas coletivas construídas culturalmente, não são práticas naturais, pois cada sociedade tem seus próprios hábitos, “sabem servir-se de seu corpo” (1974, p.401), baseados na transmissão e imitação tradicionalmente arraigados para demarcar seu lugar no mundo e ter o sentimento de pertença. A partir de tal perspectiva sobre técnicas corporais podemos compreender a expressividade simbólica e a representação corporal desses sujeitos no mundo.

Começamos pela pele, que é o revestimento que envolve e protege nossos órgãos e corpo, é a barreira entre o dentro e o fora, entre o mundo interno e o externo, é através da pele também que são registradas marcas da nossa infância, como quedas, aranhões, machucados e outras marcas ao longo da nossa experiência, como tatuagens ou até mesmo intervenções cirúrgicas e procedimentos estéticos. Segundo Le Breton (2010), as lesões intencionais na pele podem ser uma forma de obter sua marca no mundo ou sair de uma pele para ingressar em outra, logo a pele torna-se o recurso mais imediato de comunicação quando as palavras falham e o jovem necessita exteriorizar o caos que está vivendo internamente. “As palavras são, por vezes, muito impotentes frente à força dos significados ligados aos eventos, e a passagem pelo corpo se torna, então, a única opção” (LE BRETON, 2010, p. 27).

Le Breton (2010, p.28) afirma que esse ataque corporal como as “incisões, as escarificações, as queimaduras, as agulhadas, os cortes, os esfolamentos, as inserções de objetos sob a pele não são um indício de uma vontade de se destruir ou de morrer”, mas sim de viver, pois se trata de um meio que ajuda a aliviar e materializar o sofrimento sob a forma de sangue

e incisões na pele. Nesse caso, o sangue funciona como uma drenagem do sofrimento e impurezas em que o indivíduo está submerso (LE BRETON, 2010).

Portanto, o corpo carrega sentidos e significados da cultura da qual o indivíduo é oriundo, assim como da sua religião, grupo familiar, classe social e profissão, sendo o mais fiel registro da nossa identidade e vontades. A experiência relatada nos discursos de todos os jovens entrevistados é que os cortes representam uma sensação de alívio e bem-estar, como podemos constatar no relato de Leila:

É um prazer enorme! Tipo, o prazer maior é quando a gente vê o sangue caindo. A cada gota de sangue que cai parece que é um problema a menos. Quando a lâmina passa entre as carnes é o melhor momento, um alívio! Aí depois eu paro de chorar e trato como se nada tivesse acontecido. Depois eu limpo os cortes, passo álcool e amarro com ataduras aí cicatriza. [...] Quando eu não me corto eu fico de mal humor, eu ajo como outra pessoa, então os cortes pra mim é um alívio, uma válvula de escape que eu alívio meu estresse, meus medos, minhas dores de tudo! (Leila, 14 anos)

Esse sentimento também é ressaltado por Margarida, de 17 anos, que se corta há dois anos e, quando questionada sobre a sensação do ato de cortar-se, ela afirma que “é um alívio! Quando eu me cortava eu me sentia bem, não sentia dor, apenas uma sensação de livramento como se tivesse tirando uma dor de dentro de mim.”. Esse sentimento também é bastante forte na versão de Clara: “É uma sensação de alívio no momento, penso nas coisas que me magoaram, que me deixaram mal, não dói no momento porque você tá sendo consumida pela dor psicológica e quando você percebe já tá com o braço todo cortado e no chão uma poça de sangue.” (Clara, 16 anos). Nesse sentido, Almeida et al. (2018) ressaltam que a sensação é desses cortes é de “alívio da tensão psicológica com a substituição de uma tensão biológica que acontece com o retorno do impulso de destruição para o próprio corpo.” (ALMEIDA *et al.*, 2018, p.150)

A autolesão entre os jovens na contemporaneidade geralmente acontece de forma silenciosa, solitária e secreta, logo em seguida as cicatrizes que ficam no corpo são disfarçadas por adereços e roupas que possam esconder as marcas de um momento pessoal permeado por uma descarga de emoções e sensações.

Esses jovens alegam não sentirem dor ao friccionar e pressionar objetos cortantes sobre sua pele, embora esse atrito possa gerar sangue, cicatrizes e hematomas, e sim que “a dor da lesão e sua cicatrização, a tensão que permanece na pele, a visão da ferida ou seus traços acalmam a dor” (LE BRETON, 2010, p. 34). Por isso, os jovens negam a existência da dor física e afirmam que a dor interna, ou seja, os problemas pessoais, sentimentais e íntimos são mais dolorosos do que as lesões externas. Segundo Le Breton (2013):

Outros, ao contrário, negam uma dor física que, apesar de seus ferimentos ou de suas lesões, sem dúvidas eles não sentem. Numa relação de exterioridade com seus

sentimentos e seu corpo, eles são indiferentes aos objetos e às situações que podem machucá-los. Na assimbolia à dor, o indivíduo permanece sorridente ou impassível sob as agressões. E até se expõe às circunstâncias que podem feri-lo. (LE BRETON, p. 56, 2013)

Para Le Breton, esses indivíduos se mantêm indiferentes às lesões e cicatrizes que não os atingem, mesmo infligindo dor a si próprios, sendo assim, a dor “deixa de ser mensageira dos perigos que ameaçam a integridade do corpo” (LE BRETON, 2013, p. 57). Como tentam substituir uma dor interna por uma externa, esses jovens não ponderam o perigo das lâminas, como é retratado a seguir: “na hora a gente não sente a dor que a gente tá fazendo no nosso corpo, mas é uma forma de amenizar a tristeza. Mesmo achando que é ruim pra mim é uma forma de aliviar o que eu sinto na alma que é mais forte do que eu sinto na pele.” (Érica, 17 anos). E ainda, “eu falei eu queria esquecer as dores da minha alma e sentir a dor da pele, sentia que eu tava conseguindo aliviar as dores da minha alma com os cortes” (Maria, 15 anos).

Como podemos ver, o ato funciona como uma distração da mente, alguns relatam que ao cortar-se estão esquecendo, por um momento, dos sofrimentos pessoais por terem que se preocupar em estancar o sangue, fazer curativos e disfarçar as marcas e cicatrizes. Ou seja, é uma maneira de desviar o foco da dor emocional para uma dor corporal.

Dessa forma, há um fracasso da linguagem corporal com os perigos expostos de um corpo mutilado que pode adquirir patologias pelo excesso de exposição dos cortes aos micro-organismos do ambiente externo: “Eis que, por meio do excesso presente nessas marcas corporais, apresenta-se, em cada sujeito, uma singular forma de expressão, na qual se pode, respeitosamente, escutar o que não fala, mas comunica.” (MACEDO, GOBBI & WASCHBURGER, 2009, p. 103). Com o intuito de expressar essa mensagem, as lâminas e outros utensílios são utilizados para conseguir autoprovocar a dor:

Depois que eu descobrir outros métodos de automutilação além do preito barba e da lâmina do apontador eu passei a usar também agulhas de seringa, martelo pra fazer hematomas e canivetes pra fazer os cortes eu achei um canivete em casa e usei também. [...] eu queria sentir um a dor externa, ardia, como eu não fazia uns cortes muito grande eu colocava algumas coisas que ardesse em cima dos cortes, eu magoava em cima dos mesmos cortes, eu fazia novos cortes, eu queria sentir dor, eu queria ver sangue” (Antonella, 17 anos)

Os instrumentos mais utilizados para lesionar a pele são: lâmina, estilete, lâmina de apontador, vidros, agulhas, espelho quebrado, faca, navalha e até mesmo folhas de plantas cortantes. Isso mostra também que, por mais que alguns pais queiram esconder determinados utensílios dentro de casa, um jovem que está disposto a cortar-se vai sempre encontrar um objeto afiado ou algum instrumento que cause dor, como demonstra o depoimento de Antonella:

Eu costumava utilizar lâminas de apontador, mas depois de um tempo a mãe achou esquisito porque todo apontador meu eu dizia que quebrava aí quando uma lâmina

minha enferrujava ou não ficava mais boa eu dizia que tinha quebrado o apontador, então comecei a usar o preito barba eu usava fazendo uma fricção pra baixo e passava na área da virilha ou perto das coxas. (Antonella, 17 anos)

Esses objetos cortantes são vistos como um ponto de refúgio ou mesmo como um companheiro em momentos ruins e de intenso alvoroço de sentimentos no dia a dia, e também como uma estratégia para silenciar outras dores:

Os motivos sempre são por brigas, críticas sobre mim, o que mais escuto é sobre o meu corpo, críticas por eu ser magra, que eu sou feia, magra demais e isso me atingem demais e fazem eu me cortar ainda mais. E como eu não consigo desabafar com ninguém a lâmina virou minha melhor amiga. (Leila, 14 anos)

Contudo, cada corte ou cicatriz possui um significado e simboliza a mensagem de uma dor interna que momentaneamente não pode ser traduzida. Essas angústias, medos e tristezas são manifestadas por meio da autolesão, que também pode ser compreendida como uma descarga de pulção concretizada em cortes e gotas de sangue, “a autolesão também é uma forma primitiva e poderosa de comunicação para indivíduos incapazes de verbalizar o que sentem. A autolesão acaba proporcionando uma expressão.” (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2009, p.07). Ainda segundo esses autores:

Entendemos que o corpo, na automutilação, pode ser também metaforizado como um palimpsesto, onde marcas e cicatrizes contam uma história, revelam a subjetividade. Elas permanecem gravadas na pele, umas mais apagadas, outras mais nítidas, marcas *sobre* (no duplo sentido da palavra) marcas, cada uma delas carregando uma história singular. (LANG; BARBOSA; CASELLI, 2009, p.08)

As mudanças bruscas na vida desses jovens, excesso de responsabilidades, cobranças, tensões e conflitos familiares, entre outras causas, são justificativas para provocar autolesão, pois eles afirmam que as lesões no corpo são maneiras de lidar com as emoções, dores pessoais e pressões externas. Para a jovem Antonella, “o sangue escorrendo pelo pulso expressa o que não consigo falar verbalmente e alivia minhas dores da alma” (Antonella, 17 anos). Para Dinamarco (2011), essa troca de dor psíquica por uma dor corporal pode proporcionar, por um momento, uma leve impressão de melhora, no entanto, quando a tensão biológica provocada pelo corte é amenizada os problemas psicológicos retornam, o que torna a lesão prazerosa e viciante.

Assim, torna-se essencial a interpretação dos discursos dos jovens para compreender as lesões intencionais na pele com o objetivo de trocar uma dor interna por uma externa para poder esvaziar as tristezas, na medida em que é “essa substituição da dor psicológica pela dor física que torna o comportamento de se automutilar algo prazeroso.” (ALMEIDA *et al.*, 2018, p.150). Para Luiza, por exemplo, “eu me corto para trocar por um instante a dor da alma pela dor da pele, por isso eu uso a gilete para conseguir essa dor mais rápido.” (Luiza, 16 anos), nesse

sentido, “uma vez feita a incisão, o sujeito reencontra uma calma temporária” (LE BRETON, 2010, p.29).

Cavalcante (2015) nos faz refletir sobre a questão da efemeridade ressaltada nas falas desses jovens, pois, para o autor, o ato de se cortar, originalmente motivado por autopunição ou momentos de fúria, com o passar do tempo passa a ser um vício e perde o sentido e o motivo inicial da sua prática. O significado inicial do ato se perde, mas a necessidade de se cortar continua, agora em busca por prazer momentâneo (DINAMARCO, 2011). A endorfina é um neurotransmissor liberado pós-corte, que funciona como um calmante natural, aliviando as dores e até transformando-as em prazer por proporcionar uma sensação de relaxamento, acidentalmente ou não, “a endorfina liberada, acaba fazendo com que o indivíduo “descubra” um efeito prazeroso, porque o hormônio atua na melhora das emoções.” (2015, p.109). Portanto, os cortes passam a ser uma prática recorrente para sentir esse tipo de sensação no corpo.

O despreparo para lidar com problemas amorosos, ainda cedo, também é tido como motivo para os primeiros cortes entre as meninas: “começou com meus primeiros namoros, eu comecei a me relacionar muito cedo e os caras se aproveitavam e me machucavam, aí eu comecei a ficar muito magoada, eu não sabia lidar com esses sentimentos na época.” (Cintia, 16 anos). A traição e o fim de relacionamentos também são elencados: “eu descobri a traição, quando cheguei em casa tava com outros problemas e me cortei na área abaixo do seio. Mas depois de tantos problemas você se decepcionar nesse campo amoroso se torna um dos estopim pra se cortar.” (Antonella, 17 anos).

No entanto, como já vimos, esses marcadores sociais atribuídos ao gênero fazem com que a sociedade crie expectativas em relação ao comportamento e à postura de homens e mulheres, interligando as identidades de gênero e as identidade sexuais (LONGARAY; RIBEIRO, 2010). Por isso, determinadas condutas e práticas são atribuídas às identidades femininas e masculinas relacionadas ao biológico (LOURO, 2007), a mulher, nessa perspectiva, é tida como frágil, dócil, sensível e emocional, contudo, essas características são atributos criados socialmente e incorporados aos corpos por meio da cultura, assim como a construção de masculinidades.

Miele (2002) faz uma análise comparativa entre a tatuagem e a autolesão, a primeira é uma intervenção no corpo com a proposta de exibição e demonstração da marca na pele, já a autolesão tem objetivo contrário e geralmente o indivíduo tem receio de mostrá-la, pois foi realizada somente para si mesmo, como um tipo de marca individualizada. Porém, segundo a autora, alguns jovens disfarçam com tatuagens as cicatrizes deixadas pela autolesão, na tentativa de escondê-las. “Eu tento esconder os cortes. Acho que vou até fazer uma tatuagem

por cima” (Ana, 18 anos). A maior parte esconde por medo de julgamentos da sociedade, “tento escondê-las mais por medo de ser julgada.” (Clara, 16 anos); “Tenho vergonha de mostrar. As minhas pernas eu não mostro quando saio de casa, por isso só uso calça comprida.” (Sara, 16 anos). E ainda:

Eu sempre gostei de esconder, não é à toa que quando eu uso roupa mais curta pra ir pra praia eu uso maquiagem a prova d’água em cima pra esconder porque eu não gosto. Eu acho que são cicatrizes que marcaram a minha vida pra eu lembrar do meu passado, mas eu não consigo mostrar pra ninguém. (Maria, 15 anos).

De alguma forma tento esconder porque as pessoas olham com aquele olhar de “Ah, isso é só pra chamar atenção.” Mas na verdade isso se tornou uma maneira de aliviar uma dor que não tem cura, uma dor que pode viver em ti para o resto da tua vida. (Rebeca, 18 anos).

A autolesão corporal geralmente acontece em um lugar privado, habitualmente dentro do quarto ou banheiro de casa, como um ritual que requer toda uma preparação: realizar, sentir e depois camuflar para esconder as sequelas. Ao contrário do que muitos afirmam, esses jovens não “se cortam para se mostrar”, pelo contrário, percebemos em todos eles um cuidado em esconder e cuidar das feridas pós-cortes, além do arrependimento que sentem após finalizar o ato, por isso, tentam ocultá-los com roupas longas e acessórios e têm sempre uma desculpa ou mentira diante de perguntas de curiosos ou para a família:

Teve uma vez que eu cheguei a cortar uma vez nas coxas e fingir que eu tinha caído porque era comum eu levar uma queda e tal, então eu sempre tinha uma desculpa para os cortes visíveis que eu fazia nas coxas. Eu chegava muito triste em casa, passei o presto barba e não me toquei que ia dá pra ver então eu peguei e falei pra mãe que eu tinha caído. [...] fazia alguns arranhões nos braços porque aí poderia parecer que era o gato que tinha me arranhado porque eu tinha muito gato em casa e alguns eram bem brabos. [...] eu sabia que se eu fizesse uns cortes muito grande minha família ia descobrir e não iam mais deixar eu fazer aquilo então pra mim era como se fosse uma droga. (Antonella, 17 anos).

A pele é vista como algo sagrado, um escudo natural do nosso corpo que, quando é ultrapassado, pode gerar estranheza e olhares de rejeição, sendo inadmissível, para algumas pessoas, que se possa cruzar essa barreira de proteção voluntariamente e conscientemente, pois o derramamento de sangue de forma espontânea transgride os padrões sociais. Para Le Breton (2010, p. 37), “ao cortar a pele, o indivíduo rompe com a sacralidade social do corpo. A pele é um recinto impenetrável, e o contrário causa horror.”.

A autolesão muda completamente a vida desses jovens, pois além de fazer com que vivam constantemente dissimulando e negando seus comportamentos, ela ainda prejudica a interação social e até mesmo a forma de se vestir e agir. Boa parte deles usam, com frequência, roupas longas e quentes para esconder as marcas corporais e também evitam frequentar lugares

públicos para banho, além de procurarem pontos estratégicos do corpo para realizar os cortes que não sejam visíveis, como virilha, barriga e a parte de baixo dos seios:

Um dia as meninas de uma outra escola que eu estudei decidiram tomar banho juntas e eu fui tomar banho com uma menina que não era minha amiga e todo mundo riu porque eu não queria tirar o sutiã e nem tirar a lingerie, eu não queria de forma alguma! Então quando eu tava saindo de dentro do box uma delas puxou o meu top, que eu tava tentando tirar por baixo da toalha, puxou e deu pra ver que tinha alguns cortes perto dos seios e eu comecei a dizer que na verdade eu tinha machucado com o sutiã e tudo. Elas tentaram espalhar isso na escola, mas não deu certo porque o povo tudo olhava meus braços e minhas pernas e imaginavam que elas estavam mentindo porque eu não apresentava nenhum corte visível. Então por um bom tempo elas me zoaram muito e muito por isso! Dizendo que era “falta de rola”, elas diziam que eu tava sofrendo porque ninguém me queria, porque eu não namorava, esse tipo de coisa. (Antonella, 17 anos)

Como podemos notar, o machismo recai também sobre as meninas que cometem autolesão e têm suas práticas associadas à falta de manutenção de um relacionamento afetivo-sexual com um parceiro. É comum elas já terem ouvido falas tentando justificar que a autolesão é: “falta de Deus, que é pra chamar atenção, que é falta de macho.” (Rebeca, 18 anos) e ainda: “os meninos dizerem que é falta de, vamos falar de uma forma mais culta, de falta de relação sexual, mas as frases que eles dizem é bem pior que isso.” (Antonella, 17 anos). Isabel, que é lésbica, sente esse preconceito tanto por gostar de mulheres como por se automutilar:

Tipo, ouço de uns amigos meus eles viam esses cortes, uns amigos não né, uns inimigos porque eles não entendiam porque eu me cortava. Às vezes eles *falavam que isso era falta de pênis!* Às vezes eu acho até graça dessas coisas porque eles não levam a sério, eles não sabem os motivos reais das pessoas que se cortam, isso é sério, isso não é brincadeira. [...] Por isso, teve um momento que eu tentei parar, mas eu não consegui porque pra mim as lâminas estavam me chamando pra ‘mim usar’ elas! (Isabel, 18 anos)

Alves (2004) distingue pênis e falo. Segundo o autor, o pênis está ligado ao biológico e o falo é uma representação simbólica e cultural que dá aos homens uma espécie de supremacia e poder para discriminar e inferiorizar as mulheres, pautados em discursos falocêntricos e machistas. Ou seja, o falo representa poder em uma sociedade androcêntrica marcada por desigualdade de gênero e divisão sexual. “O homem domina a mulher e o falo domina a fala, desde tempos imemoriais. A mulher tem dificuldade em manipular a fala falocêntrica [...] Nas culturas que supervalorizam a masculinidade, o falo representa o poder e a conquista” (2004, p.25).

Diante disso, percebemos que na estrutura histórica da linguagem existe uma supremacia do falo sobre a fala, que dificulta que as mulheres alcancem a igualdade de gênero, participação político-social e emancipação, haja vista que “uma fala sem preconceito sexista é um pré-requisito para a existência de uma sociedade com equidade de gênero” (2004, p.30).

Essa representação social simbólica de supremacia masculina é naturalizada, legitimada e internalizada pela cultura, de forma consciente ou não, e reproduzida pelos discursos.

Em alguns relatos, percebemos que esse ato muitas vezes é denominado como uma droga ou vício que os jovens não conseguem deixar. No caso de Antonella, a autolesão é tida como um antídoto, um alívio imediato para alguma angústia ou tristeza que ela passou durante o dia, isto é, os cortes são as válvulas de escape para amenizar os flagelos que sentia, e, por isso, eram comparados às drogas, já que ela estava dependente desse recurso e o utilizava com frequência para acalantar suas melancolias:

A sensação que eu tinha ao me cortar era que primeiro eu parecia uma panela de pressão, cansada, sem ar, estressada com tudo, sentindo a cabeça pesada, então era como eu fosse uma panela de pressão com toda aquela tristeza, mágoa, raiva e a *válvula era os cortes*, os furos de agulhas e a pressão seria como se fosse o sangue e as dores saíssem no sangue, era realmente *como se fosse uma droga pra mim. O primeiro corte é como você usar droga pela primeira vez, vicia!* Você acha que alivia, mas é só por um tempo. [...] era uma sensação de alívio mas durava bem pouco, tanto é que eu esperava que no outro dia que meus pais saíssem eu pudesse fazer isso outra vez. [...] O estado que eu me cortava era deplorável quando eu tava fazendo aquilo, no outro dia eu tava sorrindo normal com meus amigos e tudo então as dores e as mágoas ficavam todas guardadas pra mim e os cortes. Então quando eu tava fazendo aquilo era comparado a *uma pessoa fumando crack* eu me comparava a isso porque realmente eu via como uma droga pra tentar me aliviar, sentir uma dor externa. (Antonella, 17 anos)

Assim, os cortes são traços da subjetividade que silenciam os gritos de inquietações e lamentações do sujeito e trazem alívio momentaneamente. Por mais estranho que possa parecer o ato de autolesionar a pele a fim de adquirir cicatrizes e sangue, ele pode ser explicado fisiologicamente, tendo em vista que, no instante do corte, “o sistema nervoso central libera uma quantidade determinada de endorfina, um hormônio cuja finalidade é proporcionar sensação de bem-estar, funcionando como analgésico que reduz a sensação de dor.” (REIS, 2018, p.56).

Nesse sentido, percebemos em várias falas a naturalidade da reincidência dos cortes na busca da sedação das dores emocionais, tendo como efeito colateral a sensação acima citada. No entanto, eles declaram que não sentem à vontade para falar disso em casa, por isso recorrem às redes sociais para manifestar seus cortes e suas expressões, como lembra Cavalcante (2015): “isso faz da Internet um terreno propício para os jovens extravasarem emoções, e para o indivíduo concluir que não está tão sozinho na prática da automutilação” (2015, p.176). Portanto, as redes sociais se destacam como um espaço importante de expressão juvenil, como veremos a seguir.

2.3 Autolesão nas redes sociais

Desde a pré-história o homem sempre sentiu a necessidade de transformar a natureza, aprimorar seu meio e aperfeiçoar práticas cotidianas para melhoria da vida social. Foi assim com a descoberta do fogo, cultivo da terra, invenção do alfabeto, domesticação dos animais, construção de casas, desenvolvimento de cidades e meios de transporte, criação de fontes de energia, fabricação em massa em grandes indústrias e busca por novas tecnologias a partir da Revolução Industrial (LEMOS, 2013). Essas invenções, transformações e técnicas incorporadas socialmente é que possibilitaram a facilitação da vida cotidiana, além de maior comunicação e interação em várias esferas da vida social.

Nesse contexto, a internet surgiu, no século XX, em meio à Guerra Fria, como um marco relevante para o progresso da humanidade, em um intenso conflito e disputa tecnológica, econômica e política entre dois blocos econômicos divididos em potências capitalistas e socialistas, ou seja, EUA e antiga União Soviética, em busca de supremacia e hegemonia mundial. De acordo Castells (2003), durante essa intensa competição o exército norte-americano, temendo um ataque nuclear, começou um intenso projeto para criar um sistema de informação e comunicação em rede, pois acreditava que todas as informações concentradas em um único ponto seriam mais suscetíveis a ataques, daí o interesse em criar pontos de comunicação em redes espalhadas pelo país. A primeira rede de computadores foi denominada de *Arpanet*¹⁵.

Ainda segundo Castells (2003), as atividades sociais, econômicas, políticas e culturais estão sendo concebidas e estruturadas em torno da internet, afetando todas as dimensões da vida social. Aqueles que não estão conectados ou não querem fazer parte dessa “galáxia da internet” acabam sendo excluídos, e o fato de que uma taxa da população mundial ainda não teve acesso a essas revoluções tecnológicas ocasiona uma desigualdade digital.

Nessa perspectiva, estamos vivendo em uma “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), pautada no conhecimento, informação e comunicação. As redes sociais resultam em uma ferramenta de interação virtual, novas sociabilidades e comunicação instantânea. Nessa sociedade da informação em rede, o acelerado desenvolvimento das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs) vem promovendo uma intensa transformação nas relações sociais, nas formas de lazer, formas de aprendizagem e na maneira como essas

¹⁵ Segundo Castells: “A primeira rede de computadores, que se chamava ARPANET – em homenagem a seu poderoso patrocinador – entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969” (2003, p. 82-83).

informações são difundidas. Partindo desse pressuposto, segundo Palfrey e Gasser (2011), os jovens nascidos a partir de 1980 são denominados de “nativos digitais”, pois nasceram inseridos nas novas tecnologias, enquanto os da geração anterior, que foram se adaptando às TDICs, são chamados de “imigrantes digitais”.

É notória a forte presença das tecnologias digitais entre os jovens, vivemos uma cultura do ciberespaço ou cibercultura (LE MOS, 2013) que tem modificado as formas de socialização e interação entre os indivíduos e a forma de estar no mundo, ou seja, criam-se novas formas de relações sociais nas redes sociais. Essa cultura da internet é designada por Lévy (1999, p. 17) como um “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”, por conseguinte, podemos definir esse ciberespaço como um “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores”. Já para Lemos (2013), cibercultura é a transição da cultura impressa para a cultura virtual com suas novas tecnologias da informação.

Para o historiador e filósofo Leandro Karnal (2018), as redes sociais tornaram-se uma espécie de antídoto contra a solidão para os jovens, com um poder de ilusão ou dependência química em busca da tal felicidade, em que fotos e momentos são publicados a todo instante e vão nos preenchendo virtualmente, mas isolando presencialmente das pessoas que estão ao nosso redor. No mundo virtual “o celular é nossa praia protegida por senha” (KARNAL, 2018, n.p), pois interagimos com aqueles que nos identificamos, bloqueamos o que nos incomoda e até nos tornamos juízes ou advogados de causas que nos sensibilizam ou que nos ofendem.

As redes sociais, dessa forma, constituem uma nova maneira de organização da sociedade para viver em rede e uma forma que muitos indivíduos encontraram para trocar informações, compartilhar fotos, mensagens, notícias, encontrar novos amigos, aproxima-se de familiares, participar de grupos, realizar ligações e chamadas de vídeo, entre outras atividades desempenhadas pelos recursos e aprimoramentos oferecidos a cada dia por essas redes sociais.

No meio juvenil, estar conectado virtualmente é uma necessidade diária, seja por meio de *wifi* ou por internet móvel, esse acesso, em sua maioria, é feito em celulares do tipo *smartphone*. As redes sociais mais presentes no cotidiano dos jovens ainda são: *Facebook*, *Instagram*, *Whatsapp*, *Twitter*, *Skype*, entre outras, que permitem mensagens instantâneas e estreitam distâncias, mas também distanciam quem está perto. É por meio das redes sociais que alguns jovens compartilham informações e dados pessoais do seu cotidiano, relatam acontecimentos íntimos, compartilham fotos pessoais e partilham emoções, sensações e, em alguns momentos, desabafos íntimos sobre fatos bons ou ruins que aconteceram no seu dia, fazendo do perfil virtual um diário pessoal que pode ser publicado.

Os comportamentos autolesivos são um problema de saúde pública que têm aumentado consideravelmente no público adolescente e nas escolas, provavelmente devido à divulgação realizada por meio das redes sociais e também por causa da influência de alguns ídolos e celebridades que também praticam ou já praticaram esses comportamentos, naturalizando-os e reforçando-os; despertando um interesse crescente de diversos pesquisadores na sua investigação devido aos impactos dos mesmos na vida dos indivíduos (ALMEIDA *et al.*, 2018, p.149)

Adler e Adler (2011), por meio de sua pesquisa sobre autolesão e redes sociais chegaram à conclusão de que os jovens ficam mais à vontade para falar sobre essa prática na internet do que em outros locais. Geralmente, o perfil deles nas redes sociais tem algo em comum: gostam de compartilhar imagens e mensagens melancólicas, fotos ou frases sobre suicídio, fotos de autolesão alheia, dificilmente de si próprio, e pensamentos tristes. No geral, são pessoas que postam poucas fotos de si, são mais reservadas e divulgam mais mensagens sobre suicídio e autolesão, como podemos ver nas fotos dos perfis de Pedro e Leila:



Foto 1: *Stories* do *Whatsapp* de Pedro
FONTE: Imagens capturadas pela autora e autorizado pelo jovem



Foto 2: Foto de perfil do *Whatsapp* de Leila
FONTE: Imagens capturadas pela autora e autorizado pelo jovem



Foto 3: *Stories do Whatssap de Pedro*
 FONTE: Imagens capturadas pela autora e autorizado pelo jovem



Foto 4: *Stories do Whatssap de Pedro*
 FONTE: Imagens capturadas pela autora e autorizado pelo jovem

As fotos pessoais de autolesão são normalmente trocadas e publicadas em grupos específicos e secretos, visto que alguns ainda mantêm essa prática em sigilo da família e amigos. Mas isso não é regra: há aqueles que compartilham esse tipo de conteúdo nos *stories*¹⁶, mas limitam a privacidade da publicação para que somente determinado grupo de amigos veja.

Existem ainda casos de jovens que sentem prazer em se cortar e, logo em seguida, postar fotos das cicatrizes ou mesmo dos cortes ainda escorrendo sangue nas redes sociais, como forma de pedir apoio ou compartilhar com outros amigos que também se cortam para registrar que aquele dia foi um dia de recaída e tristezas. Algumas dessas fotos postadas e guardadas fazem parte de um tipo de acervo particular nos celulares dos interlocutores que eles mostravam no momento das entrevistas para provar que se mutilaram inúmeras vezes, em diferentes regiões do corpo e com marcas inusitadas feitas pelas lâminas. Essas fotos são primordiais neste trabalho para compreendermos o sentido dos cortes para nossos entrevistados.

Diante disso, adotamos o uso de fotografias como instrumentos de pesquisa qualitativa por acreditarmos que o uso de imagens pode ser um grande aliado para desencadear discussões, reflexões e memórias. Para Loizos (2002), a fotografia pode ser uma importante ferramenta de representação da realidade social e registro dos fatos, no entanto, vale ressaltar que, embora seja um veículo de comunicação visual que expressa um sentimento e registra um momento, a imagem pode não alcançar de forma unânime o mesmo resultado a todos aqueles a quem for

¹⁶ Publicações instantâneas nas redes sociais que podem ser visualizadas por um curto período de tempo e desaparecem após 24 horas.

direcionada. A fotografia pode ser a mesma apresentada a várias pessoas, porém, as percepções, a capacidade de descrevê-la e a forma como cada um sentirá as emoções e mensagens que a fotografia pretende repassar depende das individualidades, contextos sociais e variações de perceptuais de indivíduo para indivíduo. “A informação pode estar na fotografia, mas nem todos estão preparados para percebê-la em sua plenitude” (LOIZOS, 2002, p.141).

As fotografias cedidas de livre e espontânea vontade pelos nossos interlocutores, sejam elas registradas pela autora ou enviadas pelos jovens, possuem um significado, pois foram tiradas em um momento de aflição, que foi memorizado e guardado por significar um sentido para aqueles cortes. Por isso, tomamos as devidas precauções na exposição das fotos para essa pesquisa no intuito de não expor ou identificar esses jovens. As fotografias podem não ter a mesma interpretação ou não fazer nenhum sentido para algumas pessoas, pois a fotografia não é universal e não opera transculturalmente, de modo geral, “suas percepções, sua habilidade para especificá-lo e descrevê-lo, e o sentido que eles dão a ela são diferentes, devido a suas biografias individuais.” (LOIZOS, 2002, p.141).

Essas fotos e relatos pessoais postados nas redes sociais têm uma influência e alcance muito grandes na sociedade, podendo motivar outros jovens em momentos de aflição e curiosidade a também iniciar a prática de autolesão, como foi o caso de Clara: “ouvindo pessoas comentando e eu acabei ficando curiosa, pesquisei sobre e vi depoimentos de pessoas que faziam e fotos, alguns sentiam o mesmo que eu sentia, eles se chamavam de anjos suicidas” (Clara, 16 anos). Questionados sobre como descobriram essa prática, os participantes sempre negavam influências de alguém, mas, no decorrer da entrevista, acabavam relatando experiências e contatos pelas redes sociais e de amigos próximos que também realizavam o ato.

A rede social mais apontada como pivô de casos é o *Facebook*: “eu encontrei um grupo no *facebook*, que eu não me recordo muito bem o nome, que tinha fotos de pessoas se automutilando e elas viam que era um jeito da dor sair daquela dor e tristeza sair de dentro delas pelos machucados.” (Antonella, 17 anos).

De acordo com Carvalho (2015, p.89), “as cicatrizes acabam por revelar suas experiências e identificação para o mundo, mas principalmente para os outros da tribo, ao exibirem suas angústias nas páginas do Facebook”. “Eu via muito no *Facebook* as pessoas fazendo isso e tal. Eles postavam as fotos nos grupos, publicavam e a gente via. Tinha uns amigos também da rua que se cortava e eu via por lá.” (Margarida, 17 anos). Alguns, por iniciativa própria, buscam na internet resenhas, fotos e vídeos de como passar por momentos problemáticos na vida e acabam conhecendo a autolesão, como foi o caso de Nívea:

Quando eu comecei a entrar num início de uma depressão eu via muito vídeo, porque eu tinha um pensamento muito suicida de me automutilar e de me matar, aí eu via muito as meninas dizendo que era um alívio, aí eu fiz meu primeiro corte no pulso. Geralmente no Youtube tem vários vídeos de meninas suicidas, não que elas recomendem, mas ao mesmo tempo elas mostram que se cortava e que sentiam alívio. (Nívea, 17 anos)

Percebemos como as redes sociais podem ser um terreno fecundo para novas sociabilidades, interação virtual e troca de experiências e sentimentos. Segundo Carvalho (2015):

A internet é o local onde ele pode expor seu corpo em fotos e palavras em desabafos, e assim põe em mesa todo o sentimento verdadeiro dentro si que não consegue verbalizar em sua rede social não virtual. O Facebook se torna então uma espécie de confessional, no qual a confissão é direcionada e selecionada, pois só se escreve o que deseja ser revelado. (CARVALHO, 2015, p.120)

Esses grupos criados nas redes sociais para promover a interação virtual funcionam também como uma rede de apoio, auxílio e companheirismo nos momentos de aflição, crises, desabafos e também como amparo e fortaleza quando os integrantes querem se cortar. No entanto, há momentos em que mesmo com todo esse apoio e palavras de força os integrantes se autolesionam e compartilham esse momento no grupo, publicando fotos dos cortes e depoimentos dos motivos que os levaram a novamente se cortarem. Experiências desse tipo foram citadas por Nívea e outros jovens:

Eu tinha um grupo de pessoas que só se automutilavam e precisam de ajuda e a gente tentava ajudar um ao outro pra não se cortar naquele dia, como se fosse uma família no whatsapp de várias partes do país, tinha quase umas 300 pessoas eu acho. Eu conheci esse grupo por causa de um amigo meu que me colocou chamado de . Ele se automutilava aí ele era como se fosse um irmão pra mim e eu falava da minha vida, me ajudava e me colocou nesse grupo. E lá eu vi as pessoas falando das vidas delas, a vontade que elas tinham de se cortar e aí a gente mesmo que passava por isso tentava ajudar elas. Eu não tô mais nesse grupo porque eu perdi meu celular antigo e não deu mais. (Nívea, 17 anos)

Em geral esses grupos de *WhatsApp* têm *link* de acesso livre na internet com entrada automática. Os mais famosos são: anjos suicidas, automutilação nunca mais, pensamentos suicidas, SOS automutilação, entre tantos outros. No entanto, por mais que o acesso seja livre, há regras para permanência tais como: é proibida a divulgação e propagação de outros grupos, proibida a publicação de pornografia, não pode alterar o nome ou imagem do grupo, deve haver respeito a todos os integrantes, deve-se evitar brigas ou julgamento entre os integrantes, proibidas as práticas de racismo, *bullying*, homofobia ou qualquer tipo de discriminação, além de incentivo ao suicídio ou automutilação. Caso alguém viole uma dessas regras é banido do grupo pelos administradores.

É também através das redes sociais que alguns jovens compartilham fotos de cortes ou cicatrizes acompanhados de *emoções*, feitos por objetos cortantes na pele, com outros amigos virtuais. Como podemos ver nas fotos 05 e 06 a seguir:



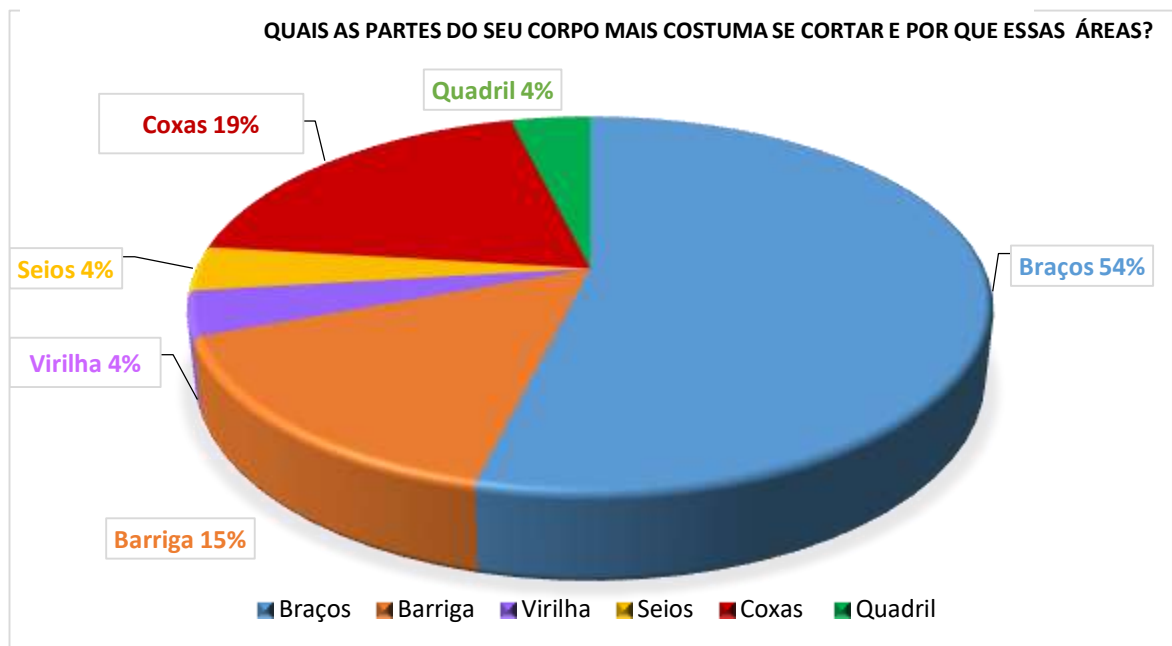
Foto 05: Antoneia, 17 anos. (Coxas)
FONTE: Foto enviadas do celular da jovem.



Foto 06: Leila, 14 anos (braços)
FONTE: foto enviadas do celular da jovem

Os lugares mais comuns em que detectamos os ainda são os braços e pulsos, como podemos constatar no gráfico a seguir, a partir dos relatos da pesquisa, quais são as partes do corpo que esses jovens mais costumam cortar:

GRÁFICO 1: ÁREAS DO CORPO QUE SÃO CORTAS



Fonte: Dados coletados pela própria autora.

A parte do corpo mais apontada para a conduta autolesiva foram os braços, ou seja, os pulsos, o que se justifica pelo fato de ser a região mais fácil e próxima para os cortes ou por ser a parte mais dolorosa e sensível do corpo para praticar a autolesão. Podemos observar o corpo de Clara, de 16 anos, nas fotos 07 e 08 a seguir:



Foto 07: Clara, 16 anos. (Pulsos)
FONTE: Foto tirada pela autora.



Foto 08: Clara, 16 anos. (Pulsos)
FONTE: Fotos enviadas pelo do celular da jovem.

Apenas quatro entrevistados apontaram se cortar apenas nos braços, os demais escolhiam mais de duas regiões no corpo para se cortar. Porém, ainda há aqueles que preferiram zonas mais sensíveis e discretas, como Antonella:

Nunca cheguei a cortar nos pulsos, só fazia alguns arranhões nos braços porque aí poderia parecer que era o gato que tinha me arranhado porque eu tinha muito gato em casa e alguns eram bem brabos. Eu cortava perto da virilha, onde a peça íntima a calcinha escondia, abaixo dos seios já que eu era gordinha tinha os seios avantajados então escondia também e ardia muito. Eu cortava nessas partes porque eu poderia cortar o quanto eu quisesse que ninguém iria saber que eu fazia isso, eu escondia da minha família que eu fazia isso. (Antonella, 17 anos)

Le Breton (2010) defende a suposição que as escarificações da pele na adolescência significam um *ato de passagem*, ou seja, um sacrifício para que o todo permaneça vivo e sadio, nem que para isso seja necessário uma punição de um pedaço de si, para que esse pedaço mutilado possa drenar a angústia avassaladora e os sentimentos insustentáveis que estão prejudicando o andamento e a coesão de todo o corpo. Para isso, esses jovens procuram uma contenção para as suas emoções e encontram nessas condutas de risco ou ataques ao corpo aliados para amenizar os problemas emocionais e pessoais que são inerentes à vida social. “São a melhor forma de bricolar significados em seu corpo, sacrificando uma parte de si para poder continuar a existir. A ferida auto infligida é oposição ao sofrimento, ela é um compromisso, uma tentativa de restauração do sentido.” (LE BRETON, 2010, p. 28).

Em alguns casos, há jovens que possuem quelóide ¹⁷e, mesmo com o passar do tempo, ficam evidentes na pele as marcas e cicatrizes de momentos que alguns não querem mais lembrar, mas o preconceito e olhares de estranhos não deixam passar por despercebidos, como podemos ver nas fotos 09 e 10 a seguir:

¹⁷ “Quelóide ou cicatriz queloidiana é uma protuberância causada pelo excesso de proteína (colágeno) na pele que acontece devido a um processo demasiado de cicatrização”. https://www.dermaclub.com.br/noticia/queloides-temcura-o-que-e-descubra-as-causas-sintomas-e-os-tratamentos-para-o-problema-de-pele_a6919/1



Foto 09: Rebeca, 18 anos. (Pulsos) FONTE: Autora



Foto 10: João, 18 anos. (Braços)

Diante de tal limitação visual, alguns decidem não usar roupas curtas para evitar olhares e perguntas indesejáveis ou realizam os cortes em lugares menos visíveis como virilha e barriga que são lugares que podem ser constantemente cobertos, como demonstrado nas fotos a seguir:



Foto 11: Rebeca, 18 anos. (Barriga e coxas)
FONTE: Fotos enviadas do celular da jovem.



Foto 12: Rebeca, 18 anos. (Barriga) Fonte: Fotos enviadas do celular da jovem.



Foto 13: Rebeca, 18 anos. (Barriga)
Fonte: Fotos enviadas do celular da jovem



Foto 14: Rebeca, 18 anos. (Coxas) Fonte: Fotos enviadas do celular da jovem.

Rebeca tem 18 anos, é bissexual e se corta desde 2013 quando começou um namoro com um rapaz que era envolvido com drogas e que a agrediu e a abusou sexualmente. Foi a partir daí que encontrou na autolesão uma maneira de aliviar seus problemas, prática que descobriu por meio de vídeos no *Youtube* e desde então realiza com assiduidade. Segundo a jovem: “isso se tornou uma ajuda, um alívio pra aquela dor que sinto do meu passado, quando eu tô me cortando eu esqueço completamente de tudo, eu só penso em me cortar, eu só me sinto bem quando vejo sangue”.

É muito comum encontrarmos jovem que se cortam há mais de dois anos com certa frequência, alguns relatam que de tanto se cortarem já não sentem mais dores, “a primeira vez foi muito doloroso só que hoje em dia eu não sinto mais dor, é como se o meu corpo já tivesse anestesiado.” (Leila, 14 anos). Por isso, alguns recorrem a outros procedimentos para sentirem mais dores, como pancadas e hematomas na pele, outros chegam ao ápice dos ferimentos na pele ao ponto de deixar brechas, marcas roxas ou pretas. Vejam nas fotos 15 e 16 a seguir:



Foto 15: Antonella, 17 anos. (Braços) FONTE: Fotos enviadas do celular da jovem



Foto 16: Isabel, 18 anos. (Braços)
FONTE: Imagens enviadas pelo celular da jovem

Há ainda aqueles que fazem *live* mostrando que estão se cortando ou postam vídeos constantemente nos *stories* das redes sociais praticando o ato, preocupando e assustando seus seguidores. Boa parte dessas fotos e vídeos de autolesão é guardada pelos próprios jovens em seus arquivos pessoais como lembrança. Vejam o tipo de publicação:



Foto 17: Luiza 16 anos. (Braços)
 FONTE: Fotos enviadas do celular da jovem



Foto 18: Luiza, 16 anos. (Braços)
 FONTE: Fotos enviadas do celular da jovem

Os relatos evidenciam uma dor psíquica, mágoas familiares, solidão, rancor, medo, culpa, desespero, depressão, agonia, frustração, chantagem emocional ou insatisfação com uma situação na vida pessoal que resulta nas escarificações na pele, tendo como finalidade ser um desvio psíquico. Sendo assim, a dor autoinfligida é um ato racional e consciente tido como um antídoto para aliviar tensões e problemas com os quais o indivíduo não consegue lidar. Esse ato pode ser esquisito para o entorno e causar certo espanto, porém tem sentido e importância para o praticante, “não se prova a dor, sente-se... para apreender a intensidade da dor do outro, é preciso tornar-se o outro” (LE BRETON, 2013, p. 43).

Para Le Breton (2013, p. 47), “a dor não é um fato fisiológico, mas um fato de existência. Não é o corpo que sofre e, sim, o indivíduo em sua totalidade.”. A dor é sinal de existência e está relacionada com o sofrimento, em alguns casos, a dor está intrinsecamente relacionada com intrigas familiares e transtornos sofridos na infância: “A dor está sempre presa entre os fios emaranhados de uma história pessoal.” (LE BRETON, 2013, p. 57).

O corpo, para esses jovens, funciona como um diário pessoal que eles escrevem constantemente sempre que se sentem pressionados ou tristes, “trata-se de fabricar uma dor que retenha provisoriamente o sofrimento.” (LE BRETON, 2012, p. 36). Geralmente após os cortes vem o arrependimento, porém acaba se tornando um círculo vicioso de sofrer, cortar-se, aliviar, arrepender-se e voltar aos problemas não solucionados pela mutilação. Dessa forma, a autolesão atua como uma trégua temporária que não soluciona os problemas, como a troca provisória de

uma dor interna por uma dor física, mas que em pouco tempo depois retorna. Segundo Ferreira (2014), a concepção de vício pode ser caracterizada pelo caráter repetitivo e a impossibilidade de controle do ato, que passa a regular a vida do sujeito, “sempre que se depara com alguma emoção, a pessoa já se rende aos cortes, encontrando na escarificação uma forma de contenção e alívio” (FERREIRA, 2014, p.51).

A partir dos relatos de todos os entrevistados, percebemos que nenhum deles iniciou a autolesão por “modismo”, como algumas pessoas afirmam, ou seja, apenas por verem colegas se cortando começaram a se cortar também, sem motivação. Além de nunca incentivarem nenhum colega, seja presencialmente ou virtualmente, à prática. Algumas amizades começaram a partir da percepção da prática em comum, funcionando como forma de apoio e compreensão da atitude do outro sem julgamentos.

A maioria tem pelo menos um amigo dentro ou fora da escola que também comete autolesão, e eles atuam como uma rede de apoio, compreensão e solidariedade aos problemas do outro. Quando questionados se conviviam com outros amigos que também se cortavam e qual era o opinião deles a respeito desses amigos, responderam:

Convivo sim com outras pessoas que se cortam. [...] uma que eu conheço ela tem obesidade, o outro tem pais separados e além disso ele é gay e não é assumido porque tem medo disso, já passou preconceito por causa dos “trejeitos dele”, já chamaram ele de viado, ele se corta também por questão disso. Outra vem de uma família bem considerada na sociedade e ela passa muita pressão em casa, passar em faculdade, se comportar bem, essas coisas. Então ela também se corta e a maioria deles que eu percebo não fazem em áreas que dá pra ver, pelo menos os que convive comigo. E quando fazem, fazem em uma pequena parte do corpo que eles podem colocar uma faixa, uma pulseira grande que pode cobrir. (Antonella, 17 anos)

Sim, eu convivo muito com jovens que se cortam também. Pra mim cada um tem seu motivo pra fazer isso daí eu não tenho o direito de falar nada porque eu também me corto, mas eu não queria que eles se cortassem porque eu não desejo isso pra ninguém, você está acabando com a sua vida, com seu corpo e a única coisa que isso faz é aliviar o que você tá sentindo por dentro, mas não por fora. Isso acaba com seu corpo! Chega um momento que seu braço, sua coxa fica num estado sensível que se tiver outro corte pode até matar e eu não quero isso pra ninguém que é próximo de mim e nem pra aqueles que são longe. Eu não desejo isso pra ninguém. (Isabel, 18 anos)

O corpo de alguém que se corta há muitos anos possui excesso de cicatrizes por causa dos cortes, alguns relatam que de tanto se cortarem nas coxas ficam com dificuldade para sentar, outros lamentam a dor e ardência na hora do banho e ter que viver diariamente com excesso de roupas, sem poder tirar a roupa na frente de ninguém, além de ter que dar desculpas frequentemente a respeito das marcas corporais. Mesmo diante dessas situações inconvenientes e maléficas que podem acometer o corpo eles persistem na autolesão. Entre os meninos não encontramos motivos afetivo-sexuais, eles alegam se mutilar por outras razões, como

problemas e conflitos familiares em casa, entre outros fatores não expostos por eles, como lembra Pedro quando explica o motivo dos seus cortes:

Eu não sei dizer porque me corto. Deve ser porque eu sempre me achava sozinho, me cortava por motivos pessoais por umas coisas que tava acontecendo em casa com meus familiares aí isso me atingia muito. Primeiro era por causa dos problemas na escola, depois com os problemas dentro de casa, aí eu ficava abalado e me cortava. (Pedro, 17 anos)

Geralmente, a conduta autolesiva está associada a fatores sociais, fatores psicológicos e ideação suicida, como já foi citado, daí a importância de abordarmos o comportamento suicida sociologicamente.

Essa questão será explorada no capítulo três, a fim de compreendermos a relação entre os jovens e as instituições extraescolares na prática de mutilação. Buscaremos analisar, a partir dos relatos, a importância, influência ou impacto dessas instituições sociais, em especial a atuação da família em relação aos comportamentos e atitudes desses jovens.

CAPÍTULO 03: JUVENTUDE (S), ESCOLA E FAMÍLIA: UMA ABORDAGEM SOCIOLOGICA

A sociologia da educação é uma ramificação das Ciências Sociais que trata das trajetórias escolares dos indivíduos, sistemas de ensino, teorias da reprodução, desigualdade social no âmbito escolar, relações sociais entre famílias e profissionais da educação, Estado e sociedade, conhecimento e poder e, ainda, a relação entre escola e juventude, bem como a função social dessas instituições sociais na vida do indivíduo, o processo de interação e socialização e os mecanismos de assimilação dos conhecimentos necessários para formação de cidadãos críticos e conscientes da sua realidade (NOGUEIRA, 1998).

Para Durkheim (2011), a educação é um fato social que tem como papel integrar o indivíduo na sociedade para que internalize as regras sociais no intuito de que reine a harmonia social e gere solidariedade entre os seus membros. A educação torna-se, assim, uma espécie de legado passado de uma geração para outra com o objetivo de perpetuar a ordem e a coesão social. Diante disso, temos a família como a primeira instituição social responsável por desempenhar esse papel de socialização e interação, tendo papel primordial na manutenção da moralidade e no combate à anomia social.

Dayrell (2012) salienta que para compreender o jovem existente no aluno é necessário levar em conta outras dimensões e práticas sociais em que o indivíduo está integrado, principalmente as instituições sociais não escolares, por exemplo, o trabalho e a família. Dessa forma, “a configuração familiar é uma variável significativa na trajetória escolar de cada um” (DAYRELL, p. 310, 2012), por isso essas instituições tem peso fundamental nas trajetórias de sucesso ou no fracasso desses jovens seja na escola, seja na vida.

Norbert Elias (1994) observa como essas instituições sociais fazem com que indivíduo e sociedade estejam interligados por uma teia de interdependência ou configuração que os torna seres autônomos, mas dependentes uns dos outros em uma rede de relações sociais recíprocas. Nesse sentido, escola e família são responsáveis pelo processo civilizador do indivíduo, tanto na estrutura individual de personalidade (psicogênese) como na estrutura e dinâmica social (sociogênese) (ELIAS, 1993).

A sociologia figuracional elisiana nos permite compreender o processo civilizador do comportamento e corporeidade discente no cotidiano escolar, ou seja, uma etiqueta corporal (LE BRETON, 2017) dos corpos-sujeitos, moldando-os de acordo com as regras da instituição escolar, condicionando os afetos e pulsões e denominando aqueles que não se encaixam nesses padrões como indisciplinados, desobedientes, rebeldes, bagunceiros etc. No entanto, esses

jovens, apesar das regras e etiquetas corporais, criam suas próprias figurações e representações de viver sua liberdade diante do mundo.

As instituições sociais pelas quais transitam esses jovens são responsáveis por disseminar saberes e discursos construídos e legitimados historicamente, já que saber e poder estão diretamente atrelados (FOUCAULT, 2007). Logo, a família é uma construção social histórica com valores instituídos pela sociedade, mas que vão se modificando e se reconfigurando com o passar do tempo. Por isso, essa instituição está imersa em um discurso hegemônico de normatização, exercendo vigilância, coerção e disciplinamento para o cumprimento das regras e normas preestabelecidas pela sociedade.

Silva (2010) ressalta que a educação familiar é mais antiga do que a escolar e é dela que herdamos também boa parte do nosso capital cultural, econômico e social (BOURDIEU, 1998). Segundo Nogueira (2006), a família contemporânea vem passando por um processo de democratização e lentamente substituindo a tradicional família hierárquica pela família igualitária, em que a posição e o poder de cada membro deixam de ser um instrumento de domínio e subordinação no grupo familiar. No entanto, a ideia de respeito não se extinguiu, apenas passou a dar a todos os membros dessa instituição espaço e autonomia para que possam expressar sua subjetividade por meio da interação, comunicação e diálogo e não mais pelo autoritarismo. De acordo com Nogueira:

No que tange à família ocidental, característica dos países industrializados, um rápido balanço demográfico de suas principais mutações inclui: (a) decréscimo do número de casamentos, em benefício de novas formas de conjugalidade (em particular, as uniões livres); (b) as elevações constantes da idade de casamento (e de procriação) e da taxa de divórcios; (c) a diversificação dos arranjos familiares, com a difusão de novos tipos de famílias (monoparentais, recompostas, monossexuais); (d) a limitação da prole, associada à generalização do trabalho feminino, ao avanço das técnicas de contracepção, às mudanças nas mentalidades. Se, no passado, a procriação constituía a finalidade principal (e «natural») do casamento e altas taxas de mortalidade infantil tornavam incerta a sobrevivência de um filho, na contemporaneidade este deriva de uma decisão do casal, que agora detém meios de controlar o tamanho da prole e o momento de procriação. (NOGUEIRA, p.159, 2006).

Na sociedade contemporânea há uma diversidade de novos arranjos e configurações familiares que fogem da tradicional família nuclear formada por pai, mãe e filhos. Para Santos (2017), “tendencialmente, quando pensamos sobre o significado da palavra ‘família’ temos em mente, mesmo que de forma subliminar, uma resposta pré-formatada, partindo da nossa própria realidade ou experiências de vida, mas afinal quais seriam as definições do termo família.” (SANTOS, p. 14). No entanto, é comum encontrarmos na contemporaneidade novos arranjos e novos contextos familiares, por exemplo: um dos cônjuges sozinho na criação dos filhos, a mãe trabalhando e sendo chefe da família, famílias monoparentais e homoafetivas, famílias extensas,

entre tantas outras. Mesmo com essa diversidade de novo arranjos familiares e da formação estrutural familiar, nenhum deles está isento de conflitos, principalmente entre os membros de diferentes gerações.

No que tange a essas famílias, encontramos conflitos de gerações e brigas no âmbito familiar resultando em autolesão, independentemente do arranjo familiar e classe social, que, no nosso caso, foram bem variados. Entre os jovens entrevistados temos uma pluralidade de contextos familiares envolvendo: jovem com pai presidiário e mãe doméstica, jovem proveniente de família evangélica com pai pastor e mãe falecida, jovem criado pelos avós maternos, família com pai ausente, família adotiva, algumas famílias com pais divorciados, famílias com pai e mãe com ensino superior e que trabalham, pai dependente químico, entre outras peculiaridades que não nos permitem definir um único perfil de família que pode resultar em jovens com problemas com autolesão.

Diante disso, ao pensar as relações familiares devemos ter em mente que há inúmeros paradoxos que se sobrepõem ou se misturam no jogo das relações, posições e funções dentro dessa instituição e que podem gerar conflitos. Debert e Gregori (2008) ressaltam:

Na situação das relações familiares, por exemplo, cruzam-se concepções sobre sexualidade, educação, convivência e sobre a dignidade de cada um. Cruzam-se também posições definidas por outros marcadores ou categorias de diferenciação que implicam variadas posições de poder: geracionais ou etárias, marcadores raciais e também os relativos à classe e à ascensão social. (DEBERT; GREGORI, 2008, p.178)

Giddens (2008) afirma que parentesco, família e casamento são termos diretamente relacionados, constituindo uma instituição social, cultural e histórica sujeita a dinâmicas, mutações e transformações sociais. A ampliação do espaço feminino, por exemplo, foi sendo conquistada pelas mulheres nas últimas décadas, fruto de muitas lutas e reivindicações do Movimento Feminista por igualdade de direitos e reconhecimento social. Essas mudanças também resultaram em mudanças nas estruturas familiares, além de tabus e preconceitos sobre famílias homoparentais terem vindo à tona.

Perante tais mudanças ou marcadores sociais a escola também é afetada pelas novas dinâmicas de organização, pois é uma das principais instituições socializadoras do indivíduo. Dessa forma, a inserção do jovem na sociedade está ligada a uma rede de comunicação, interdependência e teia de relações sociais que irão denominar e construir a sua condição juvenil por meio das experimentações e vivências ao longo da vida nas mais variadas esferas da vida social, conforme veremos a seguir.

3.1 Conflitos familiares: a autolesão como válvula de escape

Os jovens na contemporaneidade carregam consigo uma série de expectativas e pressões por um precoce sucesso profissional e financeiro e uma vida saudável, além da conquista de resultados exitosos na carreira estudantil, vida pessoal e amorosa. Para tanto, a sociedade cria mecanismos de disciplinamento e docilização dos corpos que, segundo Foucault (1988), trata-se de um poder disciplinar que visa diminuir a autonomia dos corpos por meio de uma educação normalizadora, porém, mesmo diante de tais mecanismos de controle, alguns corpos infringem o biopoder, ferindo esses padrões disciplinares por meio de comportamentos tidos como desviantes. No nosso caso, a autolesão pode ser considerada um ato que foge às normas da sociedade por ferir um escudo de proteção e identificação pessoal que é a pele.

Os motivos apontados para os primeiros cortes podem ser sintetizados em conflitos familiares, incompatibilidade de pensamentos com os pais, violência familiar, separação precoce dos pais, dependência alcoólica, rejeição familiar e carência de afeto intrafamiliar. Essas motivações estão presentes em todas as falas dos interlocutores, que resultam em uma maneira de expressar seus sentimentos. A falta de diálogo e afeição familiar causa muita tristeza no olhar desses jovens ao relatarem suas primeiras experiências com os cortes:

Os motivos são sempre os mesmos, ou seja, toda vez que eu sentia vontade de me cortar era sempre quando eu discutia com a mãe. Ela falava coisas que me magoavam né. Ela falava “aah, preferia ter te dado quando tu nasceu, preferia que tu não tivesse nem nascido” porque ela fez de tudo pra ‘mim não nascer’, primeiramente ela usou chá pra me perder e abortar e aí nas discussões ela falava isso e colocava isso em pauta. Isso me magoava, me cortava e aliviava. (Ana, 18 anos)

Eu sempre fui muito sozinha, minha mãe nunca foi de me dar muita atenção porque eu sou a mais velha. Ela sempre trabalhou e eu sempre me sentia muito responsável em ter que cuidar da casa, das minhas irmãs... Não sei, eu comecei a entrar numa tristeza e eu não sabia o que fazer, aí eu vi nos cortes uma maneira de desabafar. Toda semana eu me cortava, sempre vivia com blusa compridas porque meus braços sempre estavam cortados. (Sara, 16 anos)

Já me cortei várias vezes por intrigas familiares. Um dos motivos também foi porque eu conheci recentemente meu pai verdadeiro pelo facebook, marcamos de nos ver e ele não me reconhece como filha, ele diz que eu não sou filha dele. Eu e a minha mãe brigamos muito porque ela nunca me dava atenção, lá em casa são três filhas da minha mãe, eu que sou filha do primeiro marido dela e tem mais duas, mais novas que eu, que são filhas do meu padrasto que eu tomo conta. Eu vivo brigando com minha mãe porque ela não me dá carinho, atenção nem nada. (Cristina, 15 anos)

Os motivos foram mais familiares mesmo, por conta da minha mãe que ela me via me cortando, ela via meus cortes e não tentava me ajudar, ela só criticava e quanto mais ela criticava mais eu me cortava. Era como se ela quisesse me deixar presa, ela não deixa eu sair, ela não tem confiança em mim. A gente não tinha um diálogo, a gente ia conversar e começávamos a discussão, aí ela falava coisas que me magoava porque eu sou adotada por eles. (Nívea, 17 anos)

A instabilidade nas relações familiares, indiferença de sentimentos, pais divorciados que criam um ambiente de conflito e brigas constantes na guarda dos filhos, traições matrimoniais, morte dos pais, violência doméstica, tensões e traumas gerados por um ambiente hostil em casa são circunstâncias que trazem muitas sequelas e confusão. Os filhos podem se tornar objetos de chantagens, brigas judiciais, dentre outras questões que podem causar dano no seu desenvolvimento físico e moral, podendo resultar em isolamento social, angústias, falta de interação e comunicação, e desencadear problemas de saúde, motivando esses jovens a procurar na autolesão uma forma de lidar com os problemas familiares. Como ressalta Antonella:

Eu vivia em um ambiente bem complicado dentro de casa. Meu pai ele era instável, é depressivo, segundo o que os médicos diziam ele era agressivo, não fisicamente, mas verbalmente, meu pai não se dava muito bem com a minha mãe, o casamento deles não ia muito bem. Além de sofrer com bullying e assédio na escola, na época eu estava no 8º ano. Quando meus pais se separaram foi ainda mais complicado pra mim, pois já havia uma série de fatores que eu não conseguia unir, não conseguia aguentar a barra. Então, além do bullying, dos abusos, eu estudava numa escola particular e era bolsista e aí tinha um pouco de motivos pra essas pessoas me zuarem e caçoar de mim com brincadeiras, principalmente porque eu era acima do peso, não tinha uma aparência das meninas da minha idade, eu não me preocupava tanto com a aparência e isso aí gerava uma autoestima muito baixa e em consequência um sentimento que eu não sei descrever. Não sei dizer se era depressiva, não posso afirmar porque eu nunca recebi um laudo, mas eu cheguei a ficar numa tristeza profunda ao ponto de chegar a me cortar em várias partes do meu corpo. E a separação dos meus pais foi apenas o estopim de muitos acontecimentos ao longo da minha infância e adolescência, logo eles que deveriam ser minha base. (Antonella, 17 anos)

Leila tem 14 anos, se automutila há seis anos e cita como um dos motivos de se cortar a falta de liberdade dentro de casa: “quando eu entrei na adolescência meu pai me proibia de tudo! Ele sempre controlava os meus passos, mandava em mim, me proibia de sair de casa, de namorar de tudo! Aí tudo isso era motivo e até hoje qualquer raiva que eu passo eu me corto.” (Leila, 14 anos). Essa relação de poder e hierarquia de gênero é gerada por uma sociedade de raízes patriarcais, tradição cultural e pelas estruturas de poder que viabilizam ao homem o direito de dominar, a autoridade e detenção de privilégios, cabendo à mulher ser submissa e subalterna aos comandos dos homens nessa constante relação social entre os dois gêneros (SAFFIOTI, 2004). Além disso, essas relações familiares não são pautadas no diálogo intergeracional entre os membros.

O começo de um novo relacionamento para ambos os pais também pode ser estranho e de difícil aceitação para eles: “comecei a me cortar depois que minha mãe se separou do meu pai, aí ela conheceu outro cara e eu não me dou bem com ele.” (Glória, 15 anos). Brigas no âmbito familiar, falta de atenção e carinho também são razões apontadas: “o primeiro corte foi

quando eu tava com raiva do meu pai, porque ele disse que não gostava de mim, foi a primeira vez que me cortei. Foi uma sensação de alívio.” (Érica, 17 anos). E ainda:

Os motivos foram porque eu sempre fui uma garota muito mimada e dependente dos meus pais, aí foi a época que meu pai foi para o Rio de Janeiro e quando ele chegou, voltou muito diferente comigo, não ligava pra mim, além de trair muito minha mãe, esse foi o principal motivo pra eu me cortar. Eu tinha uma tia que eu era muito apegada a ela, pouco depois ela faleceu, daí eu comecei a me cortar mais ainda. No começo eu cortava tudo. Cortava barriga, braços, peito, perna... (Leila, 14 anos)

A aceitação da orientação sexual dos filhos e de relacionamentos homoafetivos ainda é um tabu e um grande desafio para muitas famílias, principalmente aquelas que seguem os preceitos cristãos e defendem a composição da família tradicional, pois são novos arranjos afetivos estranhos e alheios à realidade social e tradição dessas famílias, sendo um fator de desentendimento e também motivo para que os filhos recorram a autolesão. Isabel e Cleber vivenciaram essa circunstância: “eu comecei a me cortar depois que eu assumir pra minha mãe que eu gostava de mulher também, daí ela não aceitava por nada! E eu me sentia muito abatida sem a aprovação dela eu não poderia ficar feliz né, foi a pior coisa que aconteceu.” (Isabel, 18 anos). Essa fala também é reforçada por outro jovem: “eu me cortava porque eu sentia raiva, problemas com minha orientação sexual, com minha família que não aceitava esse meu jeito de ser.” (Cleber, 15 anos), e ainda: “minha mãe falava pra mim que se eu não parasse com aquilo ela não iria mais me considerar como filha dela, que ela não amaria uma filha que namora com outras mulheres e tal.” (Isabel, 18 anos).

Como podemos ver, alguns casos são justificados pela relação conflitante da família com a orientação sexual dos filhos, justificada pela discordância de pensamento, conflitos de geração e incompatibilidade com preceitos religiosos. Esse contexto é comum tanto entre nossos interlocutores como entre seus amigos, pois costumam manter amizades com indivíduos que passam por situações parecidas e também vivenciam o dilema da autolesão: “eu tiro pela minha prima que descobriu que é lésbica e a família não deixa, não aceita, então o refúgio dela é se cortar.” (Cintia, 16 anos).

No cotidiano escolar, com as infinitas atribuições do dia a dia dentro da instituição, seja para professores ou núcleo gestor, torna-se difícil identificar, dialogar e, se for preciso, avisar aos pais ou responsáveis sobre os casos de autolesão dos filhos, pois além de ser um ato que pode passar despercebido também é um tema delicado para explicar a alguns pais/responsáveis, principalmente quando está relacionado com problemas psicológicos, que ainda são muito estigmatizados. É comum ouvirmos “isso é frescura”, “falta do que fazer” ou “falta de uma surra” de alguns pais nas reuniões quando tocamos no assunto, mesmo assim é dada abertura para conscientização a respeito dessa e de outras temáticas:

É uma temática que sempre abordamos nas reuniões de pais e responsáveis para orientá-los pra que fiquem alertas aos sinais que os jovens dão quando estão cometendo a autolesão e isso tem dado resultado, pois sempre ao final das reuniões, em dias posteriores ou por telefone os pais ou responsáveis nos perguntam ou nos relatam que descobriram que seus filhos estão cometendo a autolesão e nos relatam que estão procurando acompanhamento que geralmente é feito através do CAPS aqui do município. Isso de certa forma acaba nos confortando em saber que o nosso alerta está rendendo frutos e resultados. Algumas vezes as famílias não compreendem e acabam falando que é frescura, que o aluno não tem motivos para isso, que tem tudo em casa e aí é toda uma questão de conversa, diálogo e orientação para que a família possa buscar um acompanhamento de um profissional da saúde. (Coordenadora pedagógica, 2019)

Foi através desse acompanhamento e de observações dos comportamentos dos alunos que chegamos ao caso de Clara, uma jovem de 16 anos, lésbica, que se cortava há cerca de três anos, geralmente nos pulsos. Ela morava com os avós em um sítio na zona rural, rejeitada pelo pai por causa da sua orientação sexual e longe da sua mãe que morava no Rio de Janeiro, trabalhando para enviar dinheiro para seus avós lhe sustentarem. Clara tinha baixo rendimento escolar, faltava com frequência, era bastante calada e discreta, vivia de casaco ou atadura nos pulsos. Um dia ela chegou ao ápice de uma crise e pediu ajuda na sala para os colegas e professor, nesse dia Clara havia feito cortes profundos nos pulsos e sangravam muito, ao ponto de não poder conter o sangramento com as ataduras em plena aula. O núcleo gestor foi acionado, mas a jovem pediu para não falarem para seus avós, pois eles não iriam compreender e talvez pudessem também castigá-la de forma severa.

Nesse dia eu fui procurada para falar com Clara para tentar fazer com que a jovem se abrisse e contasse tudo que a assolava, foi então que ela começou a mostrar as fotos, desenhos que fazia sobre si mesma, relatos de brigas com os avós e com o pai à distância e as palavras duras que diziam contra ela, principalmente sobre seus relacionamentos amorosos com meninas, que, segundo a jovem, eram o principal motivo de tantas brigas com o pai. Contou também que sentia muita saudade da mãe e que no sítio se sentia presa e ociosa, pois não havia internet nem amigos no entorno, os únicos companheiros dentro de casa eram os avós maternos que pouco se comunicavam com a moça a não ser para cobrar ou brigar, além disso, ela sofria *bullying* na sala de aula, como podemos ver no desenho a seguir, feito pela jovem:

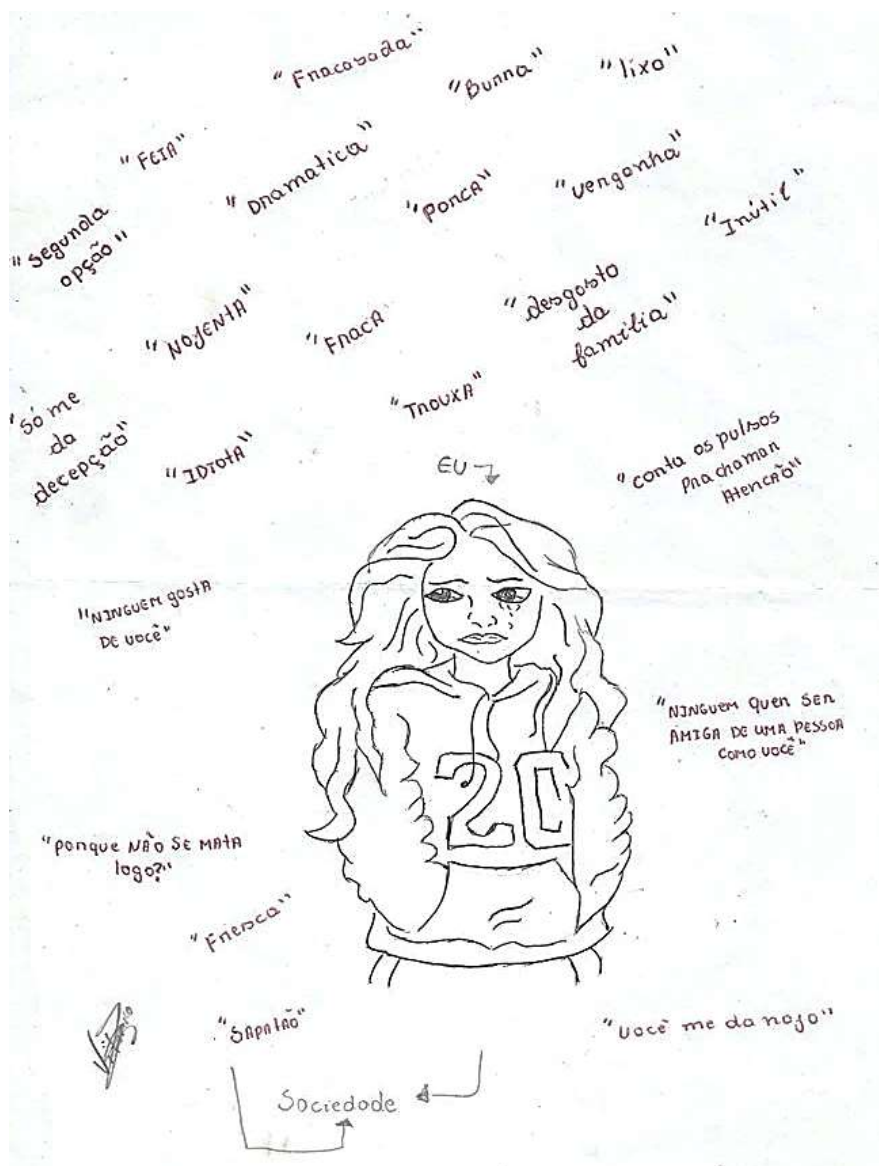


Figura 1: Desenho feito por Clara a partir dos julgamentos que sofre da sociedade.
 FONTE: Desenho cedido pela jovem para a autora.

Depois de contar todos os seus problemas e relatos de mutilação, a jovem pediu para que eu falasse com a mãe dela e suplicasse para ela ir embora para o Rio de Janeiro. Foi então que mandei mensagens para sua mãe, expliquei sobre a situação, mostrei algumas fotos, falei sobre sua orientação sexual, cortes e pensamentos suicidas e sua mãe começou a chorar. Falava que a vida dela longe da filha não era fácil, já estava casada com outro homem, trabalhava o dia inteiro e seria muito difícil trazer Clara para perto de si, mas, diante da situação, o medo da filha acabar se suicidando era maior. No dia seguinte, a mãe tratou da transferência escolar e das passagens e em uma semana Clara foi morar com sua mãe, desde então não se mutila mais e mantém contato com sua namorada.

Os motivos pelos quais muitos jovens se cortam são diversos, o que não permite que seja traçado um fator primordial desses casos. Há também em nossos relatos casos de transtornos e traumas infantis ou até mesmo chantagem emocional. Érica, de 17 anos, é uma jovem que se corta desde o ano passado, filha de pais separados. Ela diz se cortar porque vive em um ambiente conturbado em casa em que a mãe constantemente a compara com a irmã mais velha, vista como um exemplo a ser seguido. Porém, Érica enfatiza cortar-se por outros problemas também, por exemplo, a não aceitação da mãe da sua orientação sexual, pois Érica assume ser lésbica, contrariando os preceitos da religião evangélica. O primeiro corte da jovem foi motivado por não ter uma boa relação com o pai biológico: “o primeiro corte foi quando eu tava com raiva do meu pai, porque ele disse que não gostava de mim, foi a primeira vez que me cortei.”.

Segundo familiares de Érica, a jovem se corta para desafiá-los e já chegou a cortar os pulsos e mandar fotos para o *WhatsApp* da mãe para desafiá-la, pegar uma faca na cozinha e começar a cortar os pulsos na frente da família até o sangue cair no chão, entre outros momentos. Na escola, por mais que o dia esteja quente, a jovem nunca tira o casaco de frio, o motivo são os braços marcados:



Foto 19: Érica, 17 anos. (Braços)



Foto 20: Érica, 17 anos. (Braços)

Assim como o caso da Érica, muitos jovens se cortam por atritos com a família, incompatibilidade de opiniões ou rebeldia contra as regras, valores e normas impostas no

ambiente familiar. Luiza, de 16 anos, corta os braços constantemente, segundo ela, porque a mãe não a compreende e não aceita sua sexualidade. Ela faz marcas profundas nos braços e pulsos com uma lâmina doada por uma colega da classe que tem condições de comprar e doá-la. Luiza passou um bom tempo sem frequentar as aulas, quando retornou usava blusa de frio frequentemente, embora estudasse no turno da tarde. Questionada sobre o motivo de tantas faltas a moça revelou que estava tentando lidar com a perda da avó materna, que ela chama de mãe, pois, diferente dos irmãos, ela foi criada desde pequena com a avó e sua perda a fez sofrer muito, resultando nas lesões profundas em seu corpo. Percebe-se que a família de Luiza vem de classe social pobre, beneficiária do Bolsa Família, os pais não tiveram muita oportunidade de estudar e família é desestruturada em vários sentidos.

Quando indagada sobre a ausência da mãe nas reuniões, ela diz que sua mãe morreu, já que para a jovem “mãe é a que cria”. Luiza é mais uma jovem que diz que é rejeitada pelos pais, não é compreendida nem amada dentro de casa e tem várias mágoas da mãe. No entanto, sua mãe me procurou certo dia para falar da filha e acabou contando um pouco sobre sua história. Ainda sentida pela perda da sua mãe, avó de Luiza, a senhora ressaltou que tem quatro filhos, sendo a Luiza a quarta filha. Porém, quando estava grávida pela quarta vez seu marido foi preso, deixando a família completamente desamparada economicamente, ela teve que procurar um emprego e começou a trabalhar como doméstica, porém, as empregadoras não permitiam que ela levasse as crianças pequenas, muito menos o bebê quando nascesse e, por isso, ela deu Luiza para sua mãe criar e passou a trabalhar noite e dia para sustentar sozinha os filhos. Os outros três, que eram maiores, ficavam em casa vigiando e cuidando um dos outros enquanto a mãe trabalhava.

Ao ser indagada sobre a orientação sexual da filha, a senhora argumentou que não era de muito bom grado ter “uma filha assim”, porém que ela arrumasse pelo menos uma mulher que tivesse mais condições do que a filha e pudesse oferecer uma vida digna e que a ame de verdade. Ainda lembrou que realmente proibiu a última namorada da filha, pois “se tratava de uma menina de família ruim, pobre lascada e ainda imoral”, que a filha dela procurasse outra, porque uma pior do que ela não aceitaria jamais.

É comum as meninas afirmarem já terem se cortado por motivos afetivo-sexuais, como relata Suzana: “já me cortei, principalmente quando eu comecei a gostar de meninas e minha mãe ficava dizendo que era pecado, que não era coisa de Deus, ela não aceita e eu ficava com isso na minha cabeça, que ela não iria gostar.” (Suzana, 16 anos). A aceitação da orientação sexual, fim de relacionamentos e traições são apontadas também como motivos para mutilar o corpo:

Sim eu já me cortei por esses motivos porque eu tinha terminado... Não que eu tinha terminado, é que minha parceira, porque nesse tempo eu namorava com uma mulher né, a minha parceira me traía com uns rapazes e não queria saber de mim, nem ligava pra mim, pelo que eu sentia por ela, entendeu? Aí eu fazia isso pra poder chamar atenção dela e só assim eu chamei atenção dela. (Isabel, 18 anos)

Já me cortei muitas vezes por motivos afetivos. Foi por causa da minha mãe nesse dia. Um dia eu tomei coragem e disse pra ela que eu era bissexual, só que ela não queria aceitar, porque ela é evangélica, ela quer que eu goste de homem e daí nós brigamos bastante a noite toda. Ela acha a homossexualidade errado, disse que eu vou manchar o status da família com essa minha safadeza. (Érica, 17 anos)

Por conflitos sexuais ou pela minha orientação sexual não, mas por problemas amorosos já, foi pelo meu ex que ele me traía e aquilo me trouxe memórias muito dolorosas, porque eu já tinha visto meu pai trair minha mãe e eu não acreditava que um homem pudesse fazer aquilo também comigo. Ele me tratava muito mal, ele via os cortes e mandava eu cortar mais fundo. (Leila, 14 anos)

É em contextos e situações desse tipo que boa parte desses jovens que se autolesionam estão imersos, ocasionando revolta, depressão, angústias, intrigas, ansiedade, momentos de rebeldia e hostilidade no âmbito familiar, e acabam marcando em seus corpos uma parte desse emaranhado de inconformidades com a realidade vivida.

É nítida a presença de homofobia nas relações familiares e, em algumas situações, isso pode ocasionar conflitos entre os membros e também ser o motivo para alguns jovens se autolesionarem. Para Junqueira (2007), é preciso falar e reconhecer a homofobia como um problema real no nosso cotidiano:

O termo “homofobia” é comumente usado em referência a um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadram nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia, portanto, transcende a hostilidade e a violência contra LGBT e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais e identitários de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos (JUNQUEIRA, 2007, p.60)

A homofobia pode afetar e prejudicar a formação cidadã dos indivíduos, seus rendimentos escolares, abalar a autoestima, a saúde mental, o processo de interação e socialização, entre outras instâncias psicossociais. A construção de uma masculinidade viril e alfa está diretamente ligada às relações homofóbicas e sexistas em várias esferas do nosso dia a dia. A homofobia no âmbito escolar também pode causar sérios danos, pois passa a ser um

preconceito institucionalizado e reproduzido pelos membros escolares por meio de discursos heterossexistas e heteronormativos, causando vários prejuízos aos sujeitos, tendo em vista que:

afeta o bem-estar subjetivo; incide no padrão das relações sociais entre estudantes e destes/as com os/as profissionais da educação; afeta as expectativas quanto ao “sucesso” e o rendimento escolar; produz intimidação, insegurança, estigmatização, segregação e isolamento; gera desinteresse pela escola; produz distorção idade-série e evasão; prejudica o processo de inserção no mercado de trabalho; enseja uma invisibilidade e uma visibilidade distorcida; conduz à maior vulnerabilidade (em relação a chantagens, assédios, abusos, AIDS, Hepatites B e C, HPV, outras DSTs etc); tumultua o processo de configuração identitária e a construção da auto-estima; influencia a vida socioafetiva; dificulta a integração das famílias homoparentais na comunidade escolar etc. (JUNQUEIRA, 2007, p.63)

Em vista disso, é fundamental a problematização das questões de gênero na escola para viabilizar mudanças significativas na estrutura social para que haja reconhecimento da diversidade sexual, respeito às pluralidades e promoção da igualdade de gênero. Para isso, temos que entender que a escola também faz parte do problema (JUNQUEIRA, 2007).

A homofobia gera repúdio às relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo, sejam elas homossexuais, bissexuais, transgêneros, e às expressões de gênero. Consequentemente, provoca a disseminação de ódio, hostilidade e atitudes violentas em relação àqueles que não se encaixam em um “sistema binário, disciplinador, normatizador e normalizador” (JUNQUEIRA, p.9, 2012) imposto nessa sociedade heteronormativa.

Já a “homofobia familiar” (SCHULMAN, 2012) é um fenômeno vivenciado pela maioria do público LGBT e que pode ir desde abusos psicológicos até a violência física. Para Schulman (2012), há duas experiências comuns vivenciadas pelos homossexuais: “assumir-se” para a família e sentir o sentimento de inferiorização e exclusão familiar. Dessa maneira, a ausência de apoio, compreensão, incentivo e afeto familiar pode causar ao indivíduo exclusão, isolamento e sensações de sofrimento, culpa e angústia, além de ocasionar tentativas de suicídio e episódios de autolesão, como já citamos aqui alguns exemplos.

Alguns jovens argumentam que os pais têm noção ou desconfiam de que eles são homossexuais, mas esquivam-se de dialogar sobre o assunto, postergando e evitando um assunto tão importante para os filhos. Sabemos que “a evitação é uma forma de crueldade mental que é desenhada para que se finja que a vítima não existe ou nunca existiu” (SCHULMAN, p.74, 2012), no entanto, os efeitos que esse ato provoca nos jovens homossexuais pode ser desastroso para a saúde mental e para o convívio social, visto que ser ignorado é ter sua opinião, comportamento, identidade sexual e sentimentos desrespeitados e

rejeitados só por não ser conivente com os valores, normas ou modelo padrão imposto pelos membros da própria família.

Como podemos constatar, a família é uma forma de organização social, de formação social e cultural, e constitui a base para o Estado, de acordo com a Constituição Federal de 1988. Essa instituição também vem passando por transformações estruturais, novos arranjos familiares, mudanças nos valores e no jogo de relações entre seus membros no interior do âmbito familiar, entre outras modificações. No entanto, mesmo com tais mudanças nas famílias e na estrutura social da sociedade, alguns conflitos e violência ainda persistem, entre eles: a homofobia, o abuso sexual, a exploração sexual e a pedofilia, conforme veremos no próximo tópico.

3.2 Na pele uma marca, na alma um silêncio: relatos de abuso sexual no âmbito familiar

Um dos motivos para a prática autolesiva explicitados pelos interlocutores dessa pesquisa são os transtornos ou traumas decorrentes de fatos, experiências ou momentos vivenciados na infância ou adolescência, como abuso sexual, físico e emocional, casos esses vivenciados no âmbito familiar ou ligados a pessoas próximas ao convívio caseiro.

O Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990) classifica como criança o indivíduo de até 12 anos de idade incompletos, e adolescente o indivíduo entre 12 e 18 anos. Ambos são sujeitos próprios de direitos especiais, protegidos pelo Estado, família, sociedade civil e poder público contra qualquer tipo de violência, agressão ou abuso. Logo, devemos tomar conhecimento da criança e do adolescente como seres humanos dotados de direitos, deveres e assistência especiais, aos quais o Estado e a sociedade de maneira geral deverão assegurar proteção e cuidados para o pleno exercício da cidadania, além de acesso aos programas sociais e educacionais e todas as condições para seu crescimento seguro e saudável.

Para Costa (2017, p.33), “crianças e adolescentes são seres humanos em desenvolvimento” em relação à sexualidade, logo, é inconcebível e inaceitável ter ou manter relações sexuais com menores de idade e o adulto que possa vir a ter ou impor sua sexualidade à criança e/ou ao adolescente estará violando um direito e praticando abuso sexual infanto-juvenil. Mesmo com a lei em questão ainda observamos constantemente nos meios de comunicação de massa inúmeros casos de abuso sexual, exploração sexual, pedofilia e vários tipos de violências envolvendo menores de idade.

É válido ressaltar ainda os usos e sentidos dessas categorias, como abuso sexual infantil, exploração sexual e pedofilia, conforme conceitua Lowenkron (2010). Segundo a autora, o abuso sexual é um ato que envolve interações sexuais intergeracionais, sem consentimento da vítima, em que pode ser feito uso da força, poder, ameaças, manipulação, promessas ou coerção e em que pode haver ou não o contato corporal. O abuso sexual pode ocorrer “dentro ou fora da família (abuso intrafamiliar e abuso extrafamiliar), mas é visto como uma violência cometida principalmente por pessoas com as quais a criança mantém relações de proximidade e confiança” (LOWENKRON, 2010, p.48).

A exploração sexual infantil é um tipo de escravidão contemporânea que visa o lucro, pode ser também uma moeda de troca ligada a outros crimes, como a prostituição infantil, tráfico de crianças para fins sexuais, pornografia infantil e turismo sexual. A vítima da exploração sexual está amarrada a uma teia comercial que envolve exploradores, clientes e agentes aliciadores com o intuito de lucrar com essa prática e que, na maioria das vezes, torna a vítima uma mercadoria ou objeto de uso, isolando-a do convívio social ou utilizando-se de chantagens emocionais nas quais a vítima se encontra em miséria e vulnerabilidade social (LOWENKRON, 2010). Já a pedofilia refere-se ao assédio sexual ou aliciamento de crianças e adolescentes por adultos e é um problema social que também está relacionado com a pornografia infantil.

Nesse sentido, é bastante recorrente nos relatos das interlocutoras que elas apontem como fator primordial para cortarem-se: a falta de habilidade em lidar com o turbilhão de sentimentos, problemas familiares, rejeição familiar e também várias histórias marcadas de abusos sexuais na infância. No entanto, as narrativas fornecidas para essa pesquisa, na maior parte, nunca foram declaradas antes para alguém pelo fato de as interlocutoras sentirem medo, vergonha ou um sentimento de culpa, mesmo sem tê-la de fato, por terem sofrido abuso sexual em algum momento das suas vidas. Elas nunca chegaram a denunciar a ocorrência por desconhecerem seus direitos, pela inocência de não identificar os assédios ou pelo medo da polêmica que poderia causar na família, já que na maioria dos relatos o agressor sempre está próximo do convívio familiar. De acordo com Costa (2017):

Segundo organismos nacionais e internacionais, de controle governamental ou não, designa-se “abuso sexual infanto-juvenil” quando crianças e/ou adolescentes são usados para a satisfação sexual de um adulto. É caracterizado por qualquer comportamento sexual como, por exemplo, contato sexual manual, oral, genital envolvendo uma pessoa adulta e criança/adolescente. Pode ser dividido em intrafamiliar (ou incestuoso) e extrafamiliar, a depender da relação estabelecida entre agressor e vítima. (COSTA, 2017, p.26)

Para Costa (2017), pode haver consequências negativas na vida da vítima após a denúncia, pois é doloroso para elas ter que lidar com o estigma de terem sido “vítimas de abuso sexual”, ter que lembrar os fatos, se disponibilizar para exames de corpo de delito, entre outros procedimentos que fazem com que a vítima relembra esses momentos angustiantes que podem resultar em sequelas e danos psicológicos para sempre. Além de tudo isso, ainda há as idas à delegacia e a frequência em projetos sociais, atendimentos psicológicos, psiquiátricos e socioassistenciais.

Diante disso, é comum muitas mulheres conviverem com o silêncio por muitos anos, com medo ou receio de denunciar. A dor, a vergonha e o medo são sentimentos comuns nas vítimas de abuso sexual ao se depararem com a possibilidade de denunciar o agressor, pois geralmente o agressor/abusador faz parte do convívio familiar, amoroso ou do ciclo de amizades. O medo de um escândalo e publicização do abuso são fatores para a omissão desses fatos e, mesmo quando esses casos fogem do segredo para serem denunciados, tendem a retornar por não encontrarem apoio ou ajuda para seguir em frente, por isso a autolesão acaba sendo um refúgio:

Pode parecer meio estranho, mas eu sinto uma sensação de alívio! Eu sinto toda aquela angústia e raiva de mim saindo pelos cortes. Eu tenho muito rancor e mágoa de uns familiares que tenho, principalmente de um tio meu que tentou abusar de mim, da minha prima e da minha irmã mais nova, mas eu nunca tive coragem de falar pra ninguém aí eu fui guardando, guardando... Aí eu desabafei com essa minha prima, falei que ele colocava o celular no banheiro pra filmar a gente tomando banho, aí ele descobriu que a gente sabia e ia denunciar ele, mas ele nos ameaçou e chantageou. Com muito tempo depois é que eu tive coragem de falar pra minha mãe, mas ela não fez nada e isso me deu muito ódio, por isso me corto! (Sara, 16 anos)

Assim como o caso de Sara, é comum para as outras meninas levarem consigo esse segredo, por medo da repressão ou por não encontrarem um ponto de apoio para lidar com o fato. Suzana (16 anos) foi abusada na infância, mas nunca teve coragem de revelar a ninguém esse triste episódio em sua vida: “quando eu era criança, aos oito anos, eu fui abusada sexualmente pelo meu primo, meus pais também só viviam brigando por causa de religião e eu não me sentia à vontade pra contar pra eles.”.

Algumas dessas jovens sofreram assédio sexual ou mesmo estupro de homens no próprio âmbito familiar ou de amigos dos parentes, como foi o caso de Margarida (17 anos) “eu sofri assédio sexual do marido da minha irmã que também tentou muitas vezes me estuprar, me tocava e com isso eu sentia nojo de mim e por isso me cortava pra me livrar daquele toque.”. Há casos ainda de abusos sexuais dentro do próprio relacionamento:

Comecei a me cortar quando eu me envolvi com meu ex namorado, namoramos quase 9 meses e de um tempo pra cá ele veio se envolvendo com drogas e bebidas. Teve

uma noite que ele foi na minha casa bateu em mim e abusou sexualmente de mim. Aí eu comecei a sofrer com tudo isso, então chegou um tempo que eu encontrei a solução nos cortes. (Rebeca, 18 anos) grifos nosso.

É típico de um relacionamento abusivo que uma das partes tenha um comportamento agressivo, demonstre ciúme possessivo ou imponha a privação da liberdade do outro, tudo isso geralmente acompanhado de violência psicológica. Relacionamentos assim são propícios para atos sexuais sem consentimento, ou seja, estupro, como no caso de Rebeca. Em consequência de experiências desse tipo, algumas jovens posteriormente têm dificuldade de iniciar ou manter relacionamento íntimo e afetivo com outras pessoas por causa das sequelas que tiveram no passado e que não foram tratadas como deviam, causando prejuízo biopsicossocial em vários setores da sua vida.

Entre as mulheres, a vulnerabilidade e a solidão são fatores que podem deixá-las mais suscetíveis a serem alvos de violência simbólica, assédio e abuso sexual. É comum entre as meninas terem alguma história de assédio sexual que já tenham vivido e geralmente acontece na interação e convívio das mulheres em espaços públicos, ou seja, nas ruas. É justamente na esfera pública que muitas delas têm seus corpos alvejados por assédios e comportamentos verbais e não verbais, comentários íntimos, insultos desagradáveis e piadas machistas que invadem a privacidade e a intimidade da vítima, além de censurar o direito de se locomover livremente. Esses tipos de assédios são praticados por homens que, na maioria das vezes, são desconhecidos pela vítima.

Eu fui estuprada por um colega de uma amiga que não era da igreja, ela tava desesperada e eu fui ajudar ela. Quando eu cheguei lá, ele tava bêbado, drogado e acabou me estuprando também, foi terrível! [...] Depois que minha mãe faleceu de câncer eu tive depressão e isso mexeu bastante comigo porque meu pai ele vive viajando, ele não vive muito em casa, então eu sentia muito a ausência dele porque eu ficava bastante sozinha. [...] Os cortes às vezes trazem uma questão de alívio porque as dores que eu sentia na alma eu queria trazer para o físico, na pele, para o meu corpo ao ponto que eu me cortava várias vezes... Teve uma vez que eu tomei veneno de rato e cheguei a passar mal, fui para o hospital, meu pai descobriu tudo e isso causou a maior discussão. Como eu tomei muito veneno eu desmaiei só liguei pra ele e falei 'pai, eu te amo muito!' aí ele perguntou o que tinha acontecido e eu só desliguei. Ele pegou e foi pra casa, quando ele chegou eu já estava desmaiada. Então me levou para o hospital e lá os médicos viram e mostraram pra ele os cortes. Mas a partir dos cortes ele ficou mais presente na minha vida, ele continua viajando por causa do trabalho dele, mas agora ele tá mais presente se importa mais comigo, pergunta como eu tô se eu tô bem ou não. Eu acho que foi até uma forma pra eu chamar atenção dele pra realidade e ele ver que a filha dele não tinha mais uma mãe e precisava sim de um pai presente. (Maria, 15 anos)

Maria foi uma das poucas vítimas que teve coragem, depois de anos, de relatar para sua madrasta e depois seu pai sobre o estupro sofrido. No entanto, pelo tempo decorrido é difícil provar através de indícios no corpo, marcas físicas, resíduos ou vestígios biológicos que possam

identificar o abuso por meio de um laudo pericial. Diante dessa dificuldade de provar o flagrante e com medo da repercussão, todo o caso foi arquivado e a moça deixou a escola, mudou de cidade e estado e foi morar com outros familiares. Para Costa (2017) torna-se complicado de provar o crime, pois

Em crimes sexuais, a produção de prova incontestável é mais rara, aparecendo apenas em flagrantes, testemunhos e nos resultados positivos no laudo pericial. Essa dificuldade de encontrar os sinais esperados pelos legistas obriga a PC/CE e o MP a procurar um conjunto de provas que, juntas, não deixem a menor dúvida ao juiz de que existiu um crime. Eles vão em busca de materialidade com outros elementos através de testemunhas, provas documentais, dentre outros. (COSTA, 2017, p.241)

Diante dos casos, podemos perceber o quão difícil é comprovar a violência sexual, porém, é mais complicado ainda identificar e provar os abusos sexuais no convívio intrafamiliar (ou incestuoso), pois as vítimas, em sua maioria mulheres, podem ser chantageadas, coagidas, ameaçadas ou até mesmo, em casos de crianças, pela inocência ou falta de informação, não saberem identificar que estão sendo molestadas e assediadas sexualmente por parentes ou amigos da família dentro de casa. Por isso, a importância de um ensino de gênero e sexualidades nas escolas com caráter informativo para criança e adolescente sobre violência doméstica, violência sexual, assédio, misoginia e todo e qualquer tipo de discriminação para orientá-las a identificar e denunciar o agressor.

Como podemos notar, a violência de gênero atinge mais mulheres do que homens, e as crianças e adolescentes, em especial, estão em um patamar mais vulnerável do que os adultos pela sua fragilidade, inocência e impotência em reagir e denunciar, podendo ser vítimas de abusos infantis e violência sexual tanto no seio familiar como fora dele, causando danos físicos e psicológicos. A violência sexual pode ser definida como “qualquer ato sexual a que a vítima é submetida contra sua vontade, como estupro ou tentativa de estupro ou abuso sexual, atentado violento ao pudor, atos libidinosos, sedução e assédio sexual” (ARAÚJO; MARTINS; SANTOS, 2004, p.25).

A experiência de Costa (2017) ao pesquisar e mapear crianças e adolescentes vítimas de violência sexual na cidade de Fortaleza para sua tese foi relevante para constatar que uma das consequências do abuso sexual infanto-juvenil é a associação futura desses jovens “com uso abusivo de substâncias psicoativas, fuga de casa e situação de rua, envolvimento com o crime, envolvimento com as redes de exploração sexual infanto-juvenil [...]” (COSTA, 2017, p.35). No entanto, além dos fatores decorrentes de abusos sexuais sofridos na infância e adolescência apontados pela autora, podemos detectar por meio desta pesquisa que a autolesão também pode ser um princípio resultante de experiências lamentáveis de violência sexual como as citadas.

3.3 Pensamentos suicidas na juventude: Uma análise sociológica

Geralmente os jovens que se cortam têm a possibilidade de já sofrerem com problemas financeiros, conflitos familiares, depressão ou mesmo com algum problema psicológico ou familiar e pensam, algumas vezes, em provocar uma incisão mais profunda do que um simples corte superficial na pele.

Karnal (2018) faz uma observação importante sobre a solidão em tempos de intensa interação virtual, segundo ele, vivemos uma era da farmacopeia contra a tristeza em que muitos sorrisos e momentos supostamente felizes são compartilhados nas redes sociais diariamente, porém, nunca se consumiu tanto medicamento para depressão, para ser feliz, dormir e viver como atualmente, por isso “vivemos uma perigosa epidemia de suicídio entre jovens. A depressão está se tornando um mal mais forte na nossa era. Já indiquei o crescimento assombroso da farmacopeia contra a tristeza.” (KARNAL, 2018, n.p).

Suicídio é uma palavra com origem etimológica latina, composta por dois termos: “*sui*” (si mesmo) e “*caedes*” (ação de matar), significando a morte intencional e premeditada do indivíduo (CORREA; BARRERO, 2006). Portanto, o suicídio é um ato no qual um indivíduo tira a própria vida, trata-se de uma autodestruição voluntária que pode ser efetivada por meio de vários recursos, por motivos pessoais ou sociais, e que consiste em um fenômeno social estudado e analisado por várias áreas do conhecimento.

O suicídio foi um fato social estudado pelo sociólogo francês Émile Durkheim na Europa do século XIX. Para Durkheim, o suicídio é um fato social normal, assim como o crime, que acontece em todas as sociedades; o irregular é quando essas taxas de suicídios ultrapassam a margem tida como comum, ou seja, tornam-se uma anomia social. O sociólogo estudou as causas, regularidades e recorrências desse fenômeno na sua época, baseando-se na relação indivíduo e sociedade, e ainda tipificou os suicídios em: suicídio altruísta, suicídio egoísta e suicídio anômico, além do suicídio fatalista, pouco explorado pelo autor.

Segundo Durkheim, o suicídio deve ser analisado não como um fenômeno individual, e sim como o resultado de fatores socioculturais que o indivíduo mantém em sociedade, partindo do todo para chegar às partes, ou seja, é resultado da coletividade e da integração da parte com o todo que “varia inversamente com o grau de integração dos grupos sociais dos quais as formas individuais de uma parte” (DURKHEIM, 1973, p. 209). Nesse sentido, a fragilização das relações sociais e afrouxamento da solidariedade social podem ocasionar correntes anômicas que podem ser explicadas na Sociologia como:

Correntes de depressão e de desencanto que não emanam de nenhum indivíduo em particular, mas que exprimem o estado de desagregação em que se encontra a sociedade. Elas traduzem o afrouxamento dos vínculos sociais, uma espécie de astenia coletiva, de mal-estar social, tal como a tristeza individual, quando é crônico, traduz à sua maneira o mau estado orgânico do indivíduo. (DURKHEIM, 2000, p. 265)

Assim, o suicídio para Durkheim é um fato social em que um indivíduo se suicida por estar passando por um isolamento existencial, por haver uma fragilidade da solidariedade social ou pela falta de integração do indivíduo na sociedade. Segundo o autor: “Chama-se suicídio todo o caso de morte que resulte direta ou indiretamente de um ato positivo ou negativo, praticado pela própria vítima, sabedora de que devia produzir esse resultado” (DURKHEIM, 1982, p. 16). Já para Mauss (1974), “o suicídio é um fato social total, ou seja, está saturado de elementos e significados biológicos, emocionais, históricos e sociais propriamente ditos, simultaneamente” (MAUSS, 1974, apud MINAYO, 1998, p. 424). Ele é analisado sociologicamente como um fenômeno que acompanha a história da humanidade, ou seja, “um fenômeno universal, registrado desde a alta antiguidade, criticado pelas religiões como ato de rebelião contra o criador, em muitos escritos filosóficos, como ato de suprema liberdade.” (MINAYO, 1998, p.423).

Em 1976, o suicídio passa a ser analisado por uma abordagem biológica, buscando compreender o perfil suicida, os motivos, as características em comum, faixa etária, gênero, classe social, letalidade, métodos e uma série de condicionamentos sociais ou pessoais que podem aumentar ou ocasionar os comportamentos suicidas. As características ou fatores comuns compartilhados por aqueles que têm propensão ao suicídio são: uso de drogas, desemprego, baixo rendimento escolar, luto, sexualidade, separação conjugal, solteiros, viúvos, doenças mentais, pouco ciclo de amizade, solidão, problemas econômicos, etc. (CORRÊA; BARRETO, 2006).

De acordo com o primeiro relatório global sobre suicídio, a Organização Mundial da Saúde - OMS detectou que cerca de 800 mil pessoas se suicidam por ano, em média, o que equivale a uma morte a cada quarenta segundos. 79% dos suicídios globais ocorrem em países de baixa e média renda e eles são mais comum na faixa etária de 15 a 29 anos, consistindo na 18ª principal causa de morte em 2016 e a segunda principal causa de morte entre os jovens. Utilizam-se pesticidas, armas de fogo e enforcamento como principais recursos para esse ato. No Brasil, estima-se que ocorram cerca de 6,1 suicídios para cada 100 mil habitantes e esse número vem crescendo junto com os problemas de saúde mental.

No entanto, nossos casos não são considerados suicídios, pois os jovens estudantes não chegam a concluir o ato, interrompendo-o nas tentativas de autoflagelo. Durkheim também

explica esse fato: “o ato assim definido, mas interrompido antes de resultar em morte” (DURKHEIM, 1982, p.16). São comuns depoimentos sobre tentativas de suicídio mal sucedidas entre esses jovens: “tentei suicídio três vezes com overdose de remédios e cabo de celular, mas minha amiga não deixou.” (Suzana, 16 anos), e ainda:

Eu tentei suicídio mais de três vezes com remédios, tentei me enforcar, mas aí eu vi que remédio não adianta de nada porque sempre dá errado e a gente volta. Mas toda vez que eu me corto eu faço no braço esquerdo porque tem mais veias grossas, minha vontade é que pegue em uma e pronto. Mas a sensação de quase suicídio é muita boa porque pra mim, é muito ruim ser a única depressiva da família, porque as atenções fica sempre em cima da pessoa, sendo que eu não quero isso, então se eu morresse seria uma forma de acabar com os problemas de todo mundo. (Cristina, 15 anos)

Tentei suicídio três vezes, uma delas eu tentei furar meu pulso com estilete, a outra eu tentei com o fio do carregador de celular, e a outra eu tentei com uma corda que eu amarrei no meu quarto, mas aí bem na hora que eu fui subir meu ex me mandou uma mensagem dizendo que me amava aí eu desistir. (Leila, 14 anos)

Eu já pensei em suicídio várias vezes, eu já tentei me enforcar, tomar remédio, pular de prédio, mas sei lá tem uma força que diz que não é pra gente fazer aquilo, que tem muitas pessoas que vão sentir nossa falta, que vão sofrer, aí eu sempre desistia. (Sara, 16 anos)

De acordo com Correa e Barrero (2006), o suicídio existe desde os primórdios da humanidade, mas ao longo do tempo a forma como foi encarado e analisado foi mudando conforme o contexto histórico e dimensões culturais, políticas e econômicas, merecendo ter uma apreciação contextualizada para melhor compreensão do assunto. “O comportamento suicida classifica-se em três categorias distintas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado” (MOREIRA E BASTOS, 2015, p.446), no nosso caso, felizmente, não há nenhum suicídio consumado, e sim a ideação do ato, ou seja, os jovens pensam e planejam o ato e, em alguns casos, chegam até a tentativa de suicídio sem êxito, que pode ser considerada um meio termo entre pensar e consumir a ação. Para Moreira e Bastos (2015):

Ter pensamentos suicidas uma vez ou outra não é anormal, vez que estes pensamentos fazem parte do processo de desenvolvimento normal da passagem da infância para a adolescência [...] é uma fase em que ocorrem modificações psicológicas, físicas e sociais, sendo comum, nessa fase, acontecerem movimentos de dependência e independência extrema, caracterizando um período de contradições, conflitos e ambivalências (MOREIRA; BASTOS, 2015, p.447)

A juventude é marcada por um turbilhão de sensações e incertezas, mas ao mesmo tempo por medo e angústia de seguir adiante com planos e projetos por receio de fracassar e de se frustrar. Para Le Breton (2012) há uma falha da compreensão dos adultos em relação ao sofrimento dos jovens, uma espécie de “adulto-centrismo”, que consiste em rotular como futilidade as condutas de risco desses adolescentes:

O sofrimento de um adolescente é como um abismo, sem comparação com o de um adulto que tem experiência suficiente para relativizar as provações encontradas, sabendo que o tempo diminui sua intensidade. Ele está frequentemente à flor da pele e suas reações são sem meias-medidas e sem recuos. Um conflito com seus pais ou

amigos, uma ruptura amorosa, uma decepção, tem para ele contornos de um drama sem tamanho. (LE BRETON, 2012, p.34)

São comuns esses pensamentos suicidas entre os jovens, mas o medo disso se concretizar também os aflige: “a maioria das pessoas que se automutilam sentem vontade de morrer, mas nem sempre tem coragem de fazer isso.” (Érica, 17 anos). A partir das experiências de tentativas de suicídio desses jovens, podemos analisar a importância da sociedade na vida dos indivíduos e como a coletividade determina as atitudes individuais e exerce uma ação profilática em relação ao suicídio, fortalecendo a integração social e a coesão. Por isso, a grosso modo, tal ato é justificado pela “ausência da sociedade” na vida do indivíduo, que provoca um isolamento afetivo.

A morte, para Le Breton, é vista como um último recurso, quando todas as outras tentativas de remediar e solucionar os problemas já foram esgotadas. O comportamento autolesivo surge como uma forma de estancar a dor e os problemas pessoais, mas pode resultar também em suicídio: “só se pode destruir um corpo que já esteja simbolicamente desmotivado. Quando as circunstâncias da vida aliviam e o indivíduo está em condições de se redefinir, então ele virar a página. Não se pode mudar sua história, mas se pode mudar o seu sentido” (LE BRETON, 2012, p. 40). Embora alguns jovens já tenham pensado em cometer suicídio no momento do ato da autolesão, outros têm medo de concretizar o ato:

Me cortava só os braços, nunca cheguei no pulso. Eu confesso que eu tinha medo, chegava um momento que a gente falava assim ‘aah, vou me cortar é pra aliviar, se morrer, morreu pelo menos acabou.’ Mas eu tinha medo de cortar uma veia assim pra valer e morrer, como esse corte aqui que foi bem mais forte, bem mais longe. (Ana, 18 anos)

Segundo Cavalcante (2015), os cortes na pele representam uma forma de estar no mundo apesar do ambiente, das dificuldades, problemas afetivos e pobreza. São um meio de tentar superar o sofrimento psíquico, “uma maneira que, por muitas razões, têm se propagado entre os jovens e parece ter sido uma solução, uma opção frente ao suicídio, para lidar com angústias e ansiedades mais intensas.” (CAVALCANTE, 2015, p. 200). Os problemas elencados por esses jovens como motivadores para tentativas de suicídio ou autolesão estão, em grande parte, atrelados às relações de convívio e conflitualidade dentro do seio familiar.

Algo significativo que encontramos em comum nas falas de todos eles é a preocupação de que outros jovens não caiam na prática de autolesão, vista como um vício sem fim e uma maneira infeliz de encarar os problemas pessoais. Os interlocutores sempre faziam questão de frisar em seus relatos o incentivo a procurar ajuda e apoio de profissionais ou familiares nesses momentos conflituosos e de angústia, porém a maioria continua se cortando em segredo e nunca

procuraram apoio e ajuda de alguém. Quando questionados sobre o que diriam para alguém que provoca ou quer começar a autolesão, respondiam:

Diria que não sou ninguém para falar nada, mas essa não seria uma boa solução porque há anos eu pratico isso e nunca encontrei uma resposta para os meus problemas, que só resolve por um momento depois volta tudo de novo aí a pessoa pode se viciar e talvez isso seja um caminho sem volta. (Rebeca, 18 anos)

Eu diria pra não se cortar ou parar o quanto antes porque eu já vi um amigo morrer por causa disso. Foi um amigo do meu ex namorado e por acidente ele se cortava e acabou atingindo uma veia que vai para o coração e sangrou até morrer. (Leila, 14 anos)

Que parasse com isso porque a vida não resolve assim, por mais que seja um alívio e a gente tem que evitar o primeiro corte porque depois do primeiro corte a pessoa acaba que virando um vício e cada vez querendo aumentar mais se cortar mais que a vida vale muito. (Nívea, 17 anos)

Que eu entendo essa pessoa, que eu sei que a vida dela deve tá um caos, que a mente deve tá um vendaval e que ela se sente presa dentro de um quarto escuro no interior dela. Sei que ela não faz isso por querer é... e também sei que o primeiro corte é como você usar droga pela primeira vez, vicia! Você acha que alivia, mas é só por um tempo. Eu pediria a essa pessoa que ela fizesse de tudo pra parar porque o ser humano por si se destrói fazendo isso. A palavra automutilação não é somente externa, é interna também. Depois de um tempo você percebe o quanto é dependente daquilo, que se machucar não vai fazer parar a dor ou resolver os problemas e que é muito importante, se você não quiser falar pra sua família, se você acha que seus familiares não vão apoiar, você falar com alguém de sua confiança, que você confie e que te entenda, não sei... um namorado, um amigo que você possa confiar. (Antonella, 17 anos)

Certamente eu não iria dizer que isso é errado, pelo fato de já ter feito isso, mas eu procuraria ajudar, se é por falta de alguém, se tá faltando alguém para conversar, descontar a raiva, procurar ajudar no problema, se tem alguém, algum problema financeiro ou na família, Procurar ajudar ne. (Ana, 18 anos)

Importante ressaltar que, embora todos pratiquem a autolesão, a maioria tem medo de incidir na pele um corte muito profundo e morrer. Já outros, mais especificamente oito do total de vinte entrevistados, falam que já tentaram suicídio, mas foram tentativas frustradas e a vontade de terminar o ato fica mais forte posteriormente à ideação suicida e às primeiras tentativas. Apesar das tentativas frustradas de suicídio, dos cortes profundos e de trajetórias de vida diferentes, todos têm em comum o mesmo discurso que é o de objetivar acabar o sofrimento e as dores internas por meio da autolesão.

Através da observação e compreensão dos fatos encontrados em campo fica visível a importância de uma reflexão desse fenômeno no âmbito escolar e seus possíveis impactos no processo ensino-aprendizado dos discentes. Assim como, a expectativas de criação de projetos de intervenção pedagógica na tentativa de ajudar ou diminuir esses casos no ambiente escolar e na sociedade com a parceria ou apoio de outras instâncias sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é fruto de uma pesquisa acadêmica desenvolvida no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) a partir de observações, entrevistas, vivências e relatos enquanto professora de Sociologia e pesquisadora na Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares em Guaraciaba do Norte - CE. Com base na nossa experiência docente, na vasta literatura acadêmica sobre juventude e na compreensão da condição juvenil no cotidiano escolar e suas múltiplas formas de interação, socialização e experimentação nos foi possível analisar e compreender a autolesão nesse cenário com esses protagonistas.

No contexto da experiência docente, o professor de Sociologia se permite desenvolver e praticar a “imaginação sociológica” (MILLS, 1975), pois é por meio dessa imaginação que o docente compreende o cenário histórico em que está inserido, a estrutura social, as falas dos indivíduos, as biografias e as relações sociais. Logo, através dessa imaginação é possível enxergar, dentro da sua realidade social, objetos de estudos e ações sociais que são estranhadas e desnaturalizadas para se tornarem pesquisas sociais pelas lentes da Sociologia.

Diante disso, esta pesquisa surgiu a partir da prática docente e das “perturbações pessoais originadas no meio mais próximo” sobre “as questões públicas da estrutura social” (MILLS, 1975, p.14) que promovem, por meio das aulas de Sociologia, discussões dos mais variados temas sociais e dos problemas que afetam esses jovens, que são nosso público-alvo, na sala de aula, tornando-os objeto de estudo dessa ciência.

A Sociologia é disciplina obrigatória no currículo brasileiro, conforme estipulado pela Lei 11.684/2008, mas possui uma trajetória peculiar no ensino médio, marcada por lutas, intermitências, debates e reflexões sobre formação de professores, conteúdos a serem lecionados, recursos didáticos, currículo, metodologias de ensino, material didático, transposição de conteúdos acadêmicos, desafios da prática docente, entre outras questões. A partir daí surgiram também vários questionamentos como: pra que serve essa disciplina? Qual a importância da Sociologia no ensino médio? Qual a contribuição dessa disciplina na formação dos jovens? etc. No entanto, a Sociologia vem se consolidando como uma disciplina capaz de estimular a reflexão sobre as estruturas sociais da realidade social.

As produções científicas sobre o ensino de sociologia no ensino médio também vêm tendo um aumento significativo, sobretudo a partir de 2000, o que explica as bases e mobilizações de vários setores em defesa da disciplina, que culminaram no seu retorno para os currículos escolares. Importante salientar que essas produções têm sido desenvolvidas não

somente em programas de pós-graduação, mas também em eventos de comunicação, revistas e dossiês (HANDFAS; MAÇAIRA;FRAGA 2015).

São poucos os livros de Sociologia aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático-PLND que possuem uma seção ou capítulo dedicado à discussão sobre juventudes ou problemas sociais que afetam os jovens¹⁸. Por isso, se faz necessário abordar essas temáticas sociologicamente nas aulas, elas também ser debatidas com outras disciplinas como, por exemplo, a disciplina de redação, de forma interdisciplinar. Nessa correlação entre disciplinas podem-se utilizar autores da Sociologia e Filosofia que possam contribuir com a temática e, ao mesmo tempo, explorar as competências dois e três do Enem para que os estudantes possam selecionar, relacionar, organizar e interpretar o texto dissertativo-argumentativo com conhecimentos de outras áreas, por meio de conceitos e citações bem embasadas teoricamente.

Em virtude dos aspectos mencionados, faz-se necessário o investimento e a permanência de programas de capacitação e/ou formação continuada de professores para atuarem na educação básica, como o Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) que contribui para a inovação e o aperfeiçoamento da prática pedagógica sociológica. Dessa maneira, a abertura para pesquisas científicas oriundas de pesquisas sociológicas ligadas ao ensino de Sociologia, o cotidiano escolar e às questões contemporâneas das juventudes incentiva o docente a seguir carreira acadêmica sem ter que abandonar a sala de aula, já que, para Tardif (2002), não há separação entre professor e pesquisador, pois são instâncias imbricadas e interdependentes.

A Sociologia como disciplina escolar permite aos jovens o despertar da imaginação sociológica e, para desenvolver essa postura sociológica, é necessário um exercício constante da prática de estranhar a realidade social por meio das instruções e orientações provenientes dos estudos das Ciências Sociais, tendo como guia a capacidade de compreender e analisar a história, a biografia e a estrutura social (MILLS, 1975).

Portanto, a autolesão entre jovens como objeto de pesquisa foi um fenômeno encontrado dentro do meu cotidiano profissional, despertado por meio dessa “imaginação sociológica”, e constitui um problema que afeta meu público-alvo, ou seja, os jovens e, conseqüentemente, o seu desempenho escolar nas disciplinas. Por isso, a importância da formação e atuação de professores formados em Ciências Sociais para atuar como professores de Sociologia no ensino médio que, com sua sensibilidade aos fenômenos sociais, munido de recursos metodológicos

¹⁸ Somente os livros: *Sociologia em Movimento* da editora Moderna, *Sociologia para jovens do século XXI* da editora Imperial Novo Milênio e *Sociologia* da editora Scipione.

de pesquisa e dotado de um olhar epistemológico, podem contribuir com a identificação, problematização e compreensão dos dilemas que afetam os jovens na contemporaneidade.

A partir do que vimos nesta pesquisa a autolesão é o ato de friccionar a pele espontaneamente no intuito de sentir dor temporária, na maioria dos casos não tem a finalidade de suicídio, mas de trocar uma dor interna por uma externa, ou seja, sentir tudo à flor da pele. Tal como vimos, são utilizados objetos cortantes e afiados para efetuar o ato, os cortes e cicatrizes quase sempre ficam camuflados e escondidos sob as roupas e acessórios e os praticantes utilizam as redes sociais para propagar seus atos.

Tendo em vista os aspectos observados e pesquisados, a prática autolesiva pode ter inúmeros motivos, entre eles: transtornos psiquiátricos, instabilidade emocional, impulsividade, traumas ou problemas relacionados à infância, problemas sociais, pessoais e familiares. Cada lesão grafada na pele consiste em uma singularidade de um momento ou sentimento que o fez pensar por um instante na morte, sentir dor fisicamente e depois fazer daquele emaranhado de sentimentos uma cicatriz a mais na sua pele e na sua mente. Logo, a pele passa ser um depósito de emoções e marcas que têm a finalidade de aliviar uma tensão psicológica e substituí-la por uma tensão física e corporal.

Dado o exposto, a autolesão é um ato silencioso, íntimo e pessoal que, na maioria das vezes, só é identificado quando o sujeito em questão deixa as marcas corporais à mostra ou apresenta um comportamento melancólico, reservado, com vestimentas e características já citadas nessa pesquisa. O confronto com essas evidências torna necessária a intervenção familiar, escolar e/ou de profissional da saúde para que cada caso seja analisado e estudado e para que sejam tomadas as medidas cabíveis para tentar ajudar ou resolver o problema com os devidos procedimentos, no intuito de que não seja apenas mais um caso na análise de gráfico estatístico de reprovações, abandono escolar, depressão ou suicídio decorrente da autolesão.

Em virtude do que foi apresentado, percebemos que esse ato não é levado a acontecer por modismo ou para atrair atenção de alguém, pois está sempre atrelado a experiências subjetivas, geralmente negativas e dolorosas para o jovem. As circunstâncias nos levam acreditar que é uma maneira de buscar consolo e distração da mente para escapar dos problemas elencados por cada um.

É importante destacar também que nenhum dos nossos interlocutores relacionou os cortes ou tentativas de suicídio com algum problema de saúde, apenas três dos nossos jovens declararam fazer terapia com psicólogos ou psiquiatra por incentivo dos pais e isso só se fez presente entre aqueles que tiveram condições de pagar. A ausência de terapia pode estar relacionada tanto às condições econômicas como ao fato de acharem que não precisam de ajuda

ou de incorporarem os discursos do seu entorno de que essas práticas são “frescura” ou “falta do que fazer”, inclusive, quando alguém sugere um acompanhamento por um profissional da saúde os jovens se afastam ou até deixam de ir para a escola.

Vale a pena ressaltar que esse fenômeno social não é um fato exclusivo e intrínseco desta escola, e sim presente na realidade de muitos jovens, dentro ou fora dessa instituição e também em várias outras escolas. No entanto, cada instituição tem especificidades próprias e deve-se levar em consideração o público-alvo da pesquisa, a pluralidade dos jovens, o contexto socio-histórico da escola, os componentes dos profissionais da educação, as famílias e os alunos oriundos de cada instituição, pois tudo isso reflete ou interfere no comportamento dos indivíduos e nos fenômenos sociais pesquisados.

Os cortes deixam marcas e cicatrizes no corpo e o campo também nos deixa marcas com as experiências vivenciadas e relatos ouvidos, despertando mais curiosidade e anseios para novas pesquisas. Uma delas seria a relação entre religião e autolesão, para buscar compreender porque sujeitos com religiosidades tão vigorosas também utilizam esse ato para se refugiar ou se martirizar em momentos melancólicos. No cotidiano escolar de um professor de Sociologia que está sempre estabelecendo a interação entre teoria e prática, ou seja, entre conceitos ou teorias científicas e a realidade social, observamos vários fatos relacionados à vida dos jovens e outra situação que percebemos foi a relação da autolesão com a evasão das sexualidades reprimidas dentro do contexto escolar e familiar. Todas essas questões podem ser transformadas em ótimos objetos de pesquisa com um vasto campo a ser analisado e investigado.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. **Condição juvenil no Brasil contemporâneo**. In: Abramo, H.; Branco, P.P.M. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas** / Miriam Abramovay et alii. – Brasília : UNESCO, BID, 2002. 192 p.

ADLER, PA, & ADLER, P.A **desmedicalização da automutilação: da psicopatologia ao desvio sociológico**. Journal of Contemporary Ethnography , 36 (5), 537-57°, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891241607301968>. Acesso em: 10 Jan.2020.

ALMEIDA, Rodrigo da Silva et al. **A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/ educacional**. Ciências Humanas e Sociais. Alagoas, v. 4, n. 3, p.147-160, maio 2018.

ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004. Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2004.

ARAÚJO, Juliana Falcão Barbosa de et al. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. Revista Estilos da Clínica, São Paulo, v. 21, n. 2, maio/ago. 2016.

ARAÚJO, M.F.; MARTINS, E. J. S. e SANTOS, A.L. **Violência de Gênero contra a Mulher**. In: ARAÚJO, M.F. & MATTIOLI, O.C. (Orgs.) *Gênero e Violência*. São Paulo: Arte e Ciência editora. UNESP, 2004, p.17-35.

ARAÚJO, Silvia Maria de; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2016.

ARCOVERDE, Renata Lopes. **Autolesão, produção de identidades**. 2013. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.Cap.3.Disponível em:<http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/12/TDE-2013-06-10T154157Z-580/Publico/renata_lopes_arcoverde.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Sobre educação e juventude**: Conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BERGER, Peter L. e BERGER, Bigitte. **Socialização: como ser um membro da sociedade**. In: FORACCHI, Marialice Mencarini e MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BOURDIEU, P. A 'juventude' é apenas uma palavra. In: _____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marca Zero, 1983.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. PASSERON, J. C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares Nacionais**. Brasília, 2006. Brasília, **Lei 13.819 de 2019**, Senado Federal, 26 de abril de 2019; 198ª da Independência e 131ª da República. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13819.htm#art11.

BRITO, Débora. **Expectativa e insegurança sobre futuro levam jovem a problemas mental**. Repórter da Agência Brasil. Brasília. Publicado em 08/08/2018 - 10:05. Acesso em: 25 de jul. de 2019. FONTE: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-08/expectativa-e-insegura-quanto-ao-futuro-levam-jovem-problema-mental#>.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Identities juvenis e escola**. Alfabetização e Cidadania (São Paulo), São Paulo, v. 10, p. 09-19, 2000.

CARRANO, Paulo; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. **Culturas Juvenis em Espaços Populares**. In: Debate - Juventudes em rede: jovens produzindo educação, trabalho e cultura.

São Paulo, SP, Salto para o futuro, Ministério da Educação, Secretaria de Educação à distância, Boletim 24, nov.2007. p. 34-45.

CARVALHO, Renata Oliveira. **A emoção em rede: as éticas e estéticas Em**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social 2015. 129 f.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999;

_____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CAVALCANTE, João Paulo Braga. **Autolesão na era da acerca de uma subcultura juvenil contemporânea**. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

CORREA, H.; BARRERO, S. P. **O suicídio ao longo dos tempos**. In: CORREA, H.; BARRERO S. P. (Org.). Suicídio uma morte evitável. São Paulo: Atheneu, 2006.

_____. **Suicídio: uma morte evitável**. São Paulo: Atheneu; pg. 250; 2006.

COSTA, Irlena Maria Malheiros. **“Eu dizendo uma coisa e todo mundo dizendo outra”: o “abuso sexual infanto-juvenil” em múltiplos contextos**. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2017.

COSTA, A. **Tatuagem e marcas corporais: atualizações do sagrado**. 3a ed. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2014.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 28, n. 100. p. 1105-1028, 2007.

_____. **“Juventude, socialização e escola”**. Em: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel [e] VIEIRA, Maria Manuel (orgs). **Família, escola e juventude, olhares cruzados Brasil--Portugal**. Belo Horizonte, Editora UFMG. (2012).

_____. **A escola como espaço sociocultural**. In: DAYRELL, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. **O jovem como sujeito social.** Revista Brasileira de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 24, p.40-52, 2003.

_____. **O rap e o funk na socialização da juventude.** Educação e pesquisa. São Paulo, v.28, n° 1, p.117-136, jan/jun. 2002.

_____. (org) **Por uma pedagogia das juventudes:** experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Maza, 2016.

DEBERT, Guita G. & GREGORI, Maria Filomena. **Violência e gênero: novas propostas, velhos dilemas.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 66: 166-185. 2008

DINAMARCO, A. V. **Análise exploratória sobre o sintoma de automutilação praticada com objetos cortantes e/ou perfurantes, através de relatos expostos na internet por um grupo brasileiro que se define como praticante de automutilação.** (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.

_____. **O suicídio:** estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1994

_____. **O processo civilizador: formação do Estado e Civilização.** v. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.

FERREIRA, J. C. **Mensagens sobre escarificação na internet: um estudo psicanalítico.** Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 24.ed. São Paulo: Edições Graal, 2007

_____. **História da Sexualidade – a vontade de saber.** 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 137-55.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada/** tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes]. 4. Ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GONÇALVES, Jaqueline Nascimento; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz (Org.). **Automutilação, gênero, sexualidade e escola.** 2017

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude: Ensaios sobre sociologia e História das juventudes modernas.** Rio de Janeiro: Difel, 2000.

_____. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis.** Em Tese, Florianópolis, v. 12, n. 1, pp. 04-33, jan/jul, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa; FRAGA, Alexandre Barbosa (Orgs.). **Conhecimento escolar e ensino de Sociologia: instituições, práticas e percepções.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 01, 27 nov. 2012.

_____. **O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar.** In: RIBEIRO, Paula Regina Costa (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas.** Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

KARNAL, Leandro. **O dilema do porco-espinho: como encarar a solidão/**Leandro Karnal. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. 192 p.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável.** São Paulo: Editora Ática, 2008

LALANDA, Piedade. **Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica.** *Análise Social*, 1998, p. 871-883.

LANG, Charles Elias; BARBOSA, Juliana Falcão; CASELLI, Francisco Rafael Barbosa. **Subjetividade, corpo e contemporaneidade.** Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social - ABRAPSO, Maceió, 2009, p. 236-244.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** Tradução de: Sonia M. S. Furhmann. Título original: La sociologie du corps. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 102p.

_____. **Adeus ao corpo.** Antropologia e sociedade. São Paulo: Editora Papirus, 2003.

_____. **Antropologia do corpo.** Tradução Iraci D. Poleti. São Paulo: Fap-Unifesp, 2013.

_____. **Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010

_____. **O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes.** Revista Política & Trabalho, v. 2, n. 37, 2012. Disponível em:
<<http://www.okara.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/14841/8603>> Acesso em: 24 Ago. 2019.

_____. **Sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE MOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.** 6 ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LIMA FILHO, Irapuan **Peixoto.** A juventude como "oposição": Algumas estratégias de ser independente. In: BARREIRA, Irllys; BARREIRA, César (Org.). **A juventude e suas expressões plurais.** Fortaleza: UFC, 2009. p. 87-106.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa.** In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 137-55.

LONGARAY, Deise Azevedo; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Discutindo a relação entre os marcadores sociais de gênero e a homossexualidade.** In seminário internacional fazendo gênero: Diásporas, diversidades, deslocamentos. V.9, Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.fg2010.wwwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1278004111_ARQUIVO_ARTIGOFAZENDOGENEROdeise.pdf. Acesso em 22 de maio, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. **Pedagogias da Sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LOWENKRON, Laura. **Abuso sexual infantil, exploração sexual de crianças, pedofilia: diferentes nomes, diferentes problemas?** Ver. Sexualidad, Salud y Sociedad. n.5, 2010.

_____. **O Monstro Contemporâneo: a construção social da pedofilia em múltiplos planos/** Laura Lowenkron. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2012.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silveira; WASCHBURGER, Evelise Machado Pinto. **Marcas corporais na adolescência: (im)possibilidades de simbolização**. In: Psicologia em Revista. v.15, n.1, p. 90-105, abr. 2009. Belo Horizonte.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Marcel Mauss, **Sociologia e Antropologia**, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MERLEAU PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MESQUITA, M. L. **Tradição e Modernidade: diálogos possíveis entre teoria antropológica e etnografia virtual**. Revista Eletrônica Espaço Acadêmico (Online) , v. 18, p. <http://www.peri>, 2019.

MIELI, Paola. **Sobre as manipulações irreversíveis do corpo e outros textos psicanalíticos**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002.

MILLS, C.W. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MOREIRA, L. C.& BASTOS, P. R. **Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura**. Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 19(3), 445-453. 2015

NOGUEIRA, Maria Alice. **Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação**. Educação & Realidade, vol. 31, núm. 2, julho-diciembre, pp. 155-169 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. 2006.

_____. **Relação família-escola: novo objeto da Sociologia da Educação**. Paideia (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto -SP, v. 8, n.14/15, p. 91-103, 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições**. Educação & Sociedade, v. XXIII, n. 78, abr. 2002.
NOVAES, R. **Juventude, exclusão e inclusão social: aspectos e controvérsias de um debate em estudo**. In M. V. Freitas, & F. d. Papa. Políticas Públicas: juventude em pauta (pp. 121-141). São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. Revista de Antropologia da USP, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude – Alguns contributos**. Analise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º) p. 139-165. Disponível em: <http://www.ics.ul.pt/rdonwebocs/Jos%C3%A9%20Machado%20Pais%20Publica%C3%A7%C3%B5es%201990,%20n%C2%BA2.pdf> . Acesso em: 11 de julho de 2017.

_____. **Culturas Juvenis**. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2003.

PALFREY, John. GASSER, Urs. **Nascidos na Era digital: Entendendo a primeira Geração dos Nativos Digitais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

PEREGRINO, Mônica. **Desigualdade numa escola em mudança: Trajetórias e embates na escolarização pública de jovens pobres**, Niterói, 2006.

PIRES, Beatriz. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Senac. 2005.

_____. **O corpo como suporte da arte**. Revista Latino americana de psicopatologia fundamental, v.1, nº 1, mar/2003.

PRITCHARD, E.E.Evans. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

REIS, Maurício de Novais. **Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real**. *Polêm!ca*, v. 18, n. 1, p. 50-67, janeiro, fevereiro e março 2018 – DOI: 10.12957/polemica.2018.36069.

RICHARTZ, Marisa. **Comportamentos autolesivos da pele e seus anexos: definição, avaliação comportamental e intervenção** / Marisa Richartz. – Londrina, 2013. 94 f.

ROCHA, Ana; ECKERT, Cornélia. **Etnografia: saberes e práticas**. In: PINTO, Céli;

SAAD, Favret. “**Ser afetado**”. In: Cadernos de Campo 13. Revista dos alunos de pós graduação em Antropologia Social da USP. São Paulo, 2005. pp. 155-161.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANT'ANA, Izabella Mendes. **Autolesão não Suicida na Adolescência e a Atuação do Psicólogo Escolar: Uma Revisão Narrativa**. *Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo*, v. 11, n. 1, p. 120-138, abr. 2019. ISSN 2175-5027. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3066>. Acesso em: 11 jul. 2019. doi:<https://doi.org/10.18256/2175-5027.2019.v11i1.3066>.

SANTOS, Gislene Lima dos. **Família, gênero e homoparentalidade na educação infantil: perspectivas normativo-legais e profissionais**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade do Minho.

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento**. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

SIMMEL, Georg. **A sociabilidade**. In *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. trad. Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WELLER, Wivian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 páginas.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA SOBRE AUTOMUTILAÇÃO

TÓPICO GUIA: O sentido da automutilação entre jovens MÉTODO: Entrevista individual.

1. Fale um pouco de você: nome, idade, orientação sexual, raça, escolaridade, religião etc.
2. Você se corta? há quanto tempo?
3. Fale um pouco dessa prática, desde quando começou e qual os motivos dos primeiros cortes.
4. Quais as partes do seu corpo mais costuma se cortar e por que essas áreas.
5. Quais os instrumentos costuma utilizar?
6. Qual a sensação ou o que pensa no momento que está provocando os cortes? Fale a respeito dessa experiência.
7. É importante para você realizar essa prática? Conte-me mais sobre.
8. Como ou com quem descobriu a automutilação?
9. Tem amigos que também fazem isso?
10. Convive com outros jovens que também se cortam? Qual a sua opinião a respeito dos motivos que levam seus amigos a se cortar?
11. Já tentou parar? (Ou porque decidiu parar)
12. Sua família sabe sobre os cortes e cicatrizes? Qual a opinião deles?
13. Você tem problemas de mostrar as cicatrizes para a sociedade ou tenta escondê-las?
14. Já sofreu algum preconceito por causa das cicatrizes?
15. O que mais ouve das pessoas a respeito dos cortes/cicatrizes em seu corpo?
16. Esse ato prejudica de alguma forma seu desempenho escolar? Já faltou aula por esse motivo?
17. De que forma a escola lida com casos de jovens que se automutilam?
18. Já presenciou outros colegas se cortarem na escola? Qual o posicionamento dos professores e núcleo gestor diante desses casos?
19. Já se cortou alguma vez por causa conflitos afetivos-sexuais?
20. Está envolvido em algum relacionamento afetivo? Qual a opinião do(a) seu companheiro acerca dos cortes?
21. Você tem boa relação com sua orientação sexual? Alguma vez já se cortou por sentir dúvidas sobre a sua orientação sexual?
22. O que diria para alguém que provoca a automutilação?
23. Tem algo a mais sobre a temática que você gostaria de dizer?
24. Tem registros ou fotos dos cortes?